

pela devoção dos regimentos 113 e 67, de caçadores montados; e hum batalhão do regimento 11 de linha. Algumas companhias deste batalhão postas em reserva no monte Olivet, debaixo das ordens do Tenente coronel Jacques, fizeram hum movimento, com arte e denodo, que foi mui util ao ataque geral.

(Assignado)

Conde DECAEN.

Paris, 21 d'Outubro, 1813.

No dia 20 recebeo-se hum despacho telegrafico transmittido de Moguncia pelo Duque de Valmy, em que diz que no dia 11 e 12 do Rey de Napoles, o Principe de Moskwa, e o Duque de Castiglione, baterão o inimigo por toda a parte onde o encontraraõ: tomaraõ hum grande numero de officiaes superiores, e 3,800 prisioneiros.

No dia 18 recebeo-se outro despacho telegrafico datado de Moguncia a 16, no qual se annunciava que a 9 o Duque de Castiglione acutilara, ou tomara 800 homens entre Naumburg e Weissenfels, e que as partidas inimigas que tinhaõ chegado ate Weimar, se tinhaõ retirado a toda apressa.

N. B. Estes dois despachos são evidentemente fabricados para de algum modo socegar a inquietação, e desgosto que reina em Paris pela falta de noticias do exercito. Se o Duque de Valmy recebeo taes noticias; se as communicações de Moguncia ate o grande exercito Francez estaõ livres, porque se não expedem, ou porque não chegaõ correios a Paris com algumas noticias officiaes do *grande homem*? Não tem chegado: logo he porque se não tem podido expedir correios, ou porque estes tem sido interceptados, antes de Chegarem a Moguncia: porque de Moguncia para Paris estaõ as communicações livres. Nestes mesmos forjados despachos não se diz onde está Bonaparte, nem onde está postado o seu grande exorcito! Tudo isto confirma o que diz Lord Aberdeen—*que a communicação de Bonaparte com a França está totalmente destruida.*

Mais: ate hoje servia-se Bonaparte das communicações telegraficas para annunciar alguma grande victoria: agora serve-se dellas o Duque de Valmy para

dizer que não sabe de seu amo, nem do seu exercito!

No dia 17 deo a Imperatriz Regente audiencia ao Corpo municipal de Paris, que lhe foi protestar sua fidelidade e o *amor* que Paris e toda a França tem a seu marido, e a boa vontade com que os Francezes estão promptos a fazer todos os sacrificios para sustentar a gloria de seu tyranno. Todo o mundo sabe como estas fallas, e deputaçoes se arranjaõ em França: ellas não podem ser tomadas como a verdadeira expressaõ dos Francezes: escravos como elles são. fazem o que lhe dizem.

O Vice-Rey de Italia, que tem sido batido pelos Austriacos, e que se tem visto obrigado á retroceder, expedio o seguinte

DECRETO.

Artigo 1. Proceder-se-ha a huma leva de 15,000 homens tirados das conscripçoens dos annos de 1808, 1809, 1810, 1811, 1812, 1813, para o serviço do exercito activo.

2. A leva sera proporcional ao numero de homens que são disponiveis entre as classes daquelles annos.

3. Esta leva sera feita dentro de quinze dias depois da publicaçãõ do presente Decreto.

4. O Ministro da Guerra fara conhecer os depozitos para os quaes os conscriptos devem ser enviados.

Segue-se huma proclamação datada de Gradisca a 11 de Outubro de 1813 ao Povo da Italia, feita no estilo de Bonaparte, de quem a Vice-Rey provavelmente a recebeu: as mesmas fanfarronadas, as mesmas mentiras, os mesmos lugares communs: com tudo ella mostra evidentemente a inquietação, e susto do pobre rapaz, que se vio ja obrigado a abandonar a Carniõla, e a Istria, e a ceder Trieste.

P O R T U G A L.

TENDO o Excellentissimo Conde de Funchal convocado em 2 de Julho de 1812, na Casa dos Ministros de Portugal em Londres, os Portuguezes residentes na dita cidade, a fim de lhe propor huma subscripção a favor dos desgraçados orfaons, que se acharão vagando pelas ruas de Lisboa, em consequencia da terceira invazão Franceza; e tendo encarregado desta arrecadação, e remessa para o seu destino aos Snrs. Joze Sebastião de França, Custodio Pereira de Carvalho, e Manoel Ribeiro Guimaraens; estes realizáráo as assignaturas seguintes.

SUBSCREVERAÕ.

| | £. | s. | d. |
|---------------------------|----|----|----|
| O Conde de Funchal | 50 | 0 | 0 |
| Rafael da Cruz Guerreiro | 20 | 0 | 0 |
| J. S. De França | 10 | 10 | 0 |
| J. F. Duarte | 10 | 10 | 0 |
| J. C. Lucena | 10 | 10 | 0 |
| Ignatius Palyart | 10 | 10 | 0 |
| M. A. de Paiva | 10 | 10 | 0 |
| A. Rib. Braga | 30 | 0 | 0 |
| J. L. Ratton | 10 | 10 | 0 |
| Gregorio Franchi | 6 | 6 | 0 |
| J. R. Braga | 10 | 10 | 0 |
| Franc. Rolim | 1 | 0 | 0 |
| J. C. Stocqueler | 10 | 10 | 0 |
| F. Segueira | 6 | 6 | 0 |
| A. M. Pedra and Co. | 40 | 0 | 0 |
| Antonio Machado Braga | 10 | 10 | 0 |
| Antonio Joze Lour. Vieira | | | |
| Joaquim Andrade | 10 | 0 | 0 |
| Antonio Lopes da Cunha | 5 | 5 | 0 |
| J. A. Carn. Leão | 10 | 0 | 0 |
| Joaõ Chris. da Silva | 10 | 0 | 0 |
| Fructuozo | 10 | 0 | 0 |
| Sampayo | 10 | 0 | 0 |
| M. J. F. Camelo | 10 | 0 | 0 |
| F. J. Rodrigues | 5 | 0 | 0 |

| | £. | s. | d. |
|---------------------------------|-----|----|----|
| F. Pinto | 5 | 0 | 0 |
| J. D. Bomtempo | 5 | 0 | 0 |
| Antonio Rebello | 10 | 10 | 0 |
| S. Brown | 5 | 0 | 0 |
| M. Clamouse Brown | 5 | 5 | 0 |
| J. F. Pinto | 5 | 0 | 0 |
| Joaõ Allen | 10 | 0 | 0 |
| Antonio S. d'Amorim | 10 | 0 | 0 |
| J. A. G. d'Oliveira, Sobrinho | 5 | 5 | 0 |
| Jacome Ratton | 3 | 0 | 0 |
| Custodio Pereira de Carvalho | 20 | 0 | 0 |
| Rod. Navarro d'Andrade | 20 | 0 | 0 |
| Barrozo Martins Dourados, e Ca. | 10 | 0 | 0 |
| Soares e Irmaõ | 10 | 10 | 0 |
| Honorio Joze Teixeira | 10 | 0 | 0 |
| Ant. Ribeiro | 5 | 0 | 0 |
| Dr. B. J. d'Abrantes e Castro | 10 | 0 | 0 |
| Vicent. P. Nolasco | 10 | 0 | 0 |
| Joze Monteiro d'Almeida | 20 | 0 | 0 |
| Caetano Dias Santos | 10 | 10 | 0 |
| Guilherme Victor Fryer | 10 | 10 | 0 |
| M. Rib. Guimaraens | 20 | 0 | 0 |
| J. da S. Areias | 3 | 0 | 0 |
| Joze Duarte Silva | 5 | 0 | 0 |
| Manoel de Souza Freire | 10 | 0 | 0 |
| J. C. P. de Neyva | 10 | 10 | 0 |
| L. R. de Sa | 10 | 10 | 0 |
| Ambrozio Joaquim dos Reys | 5 | 0 | 0 |
| Antonio Juliaõ da Costa | 10 | 0 | 0 |
| Luiz Monteiro | 10 | 10 | 0 |
| Joaõ Coltsmann | 20 | 0 | 0 |
| Faria do Porto | 15 | 0 | 0 |
| Total | 638 | 7 | 0 |

Os Senhores J. S. de França, Custodio Pereira de Carvalho, e Manoel Ribeiro Guimaraens, naõ só cuidáraõ zelozamente na cobrança da sobredita subscrição, mas adiantáraõ a sua remessa da maneira seguinte—

Em huma letra sacada pelos Senhores A. M. Pedra e Fos. e Ca. em 7 do mesmo mez de Julho de 1812, a cargo dos Senhores Francisco Joze Roiz de Brito e Ca. £. 200 0 0

Em huma dita sacada em 25 do seguinte Agosto pelo Senhor Daniel Nunes Ribeiro, a cargo dos Senhores Ribeiro, Viuva Gaspar, e Filhos 400 0 0

| | |
|---|----------------|
| Que mandarão entregar pelo Senhor Antonio Ri- beiro Guimaraens | 36 4 4 |
| Portes de Cartas, e corretagens das letras | 2 2 8 |
| Total | 638 7 0 |

Estas quantias foraõ em Lisboa recebidas pelo Senhor Joze Bento de Araujo, que as entregou na Caza Pia do Desterro, como consta de tres recibos, que nos foraõ apresentados, da maneira seguinte—

| £. s. d. | | Reis. |
|----------|-------------------------------------|-----------|
| 200 0 0 | em 21 d'Agosto ao Cambio de 69 | 695,652 |
| 400 0 0 | em 23 de Sept. ao Cambio de 70 | 1,371,428 |
| 36 4 4 | em 27 de Julho do cor. anno, ao do. | 124,171 |
| 2 2 8 | de corretagem, e portes de Cartas | |
| <hr/> | | <hr/> |
| 638 7 0 | | 2,191,251 |

Cuja publicação os sobreditos Senhores nos pediraõ que fizessemos, para que os Senhores subscriptores fiquem sci-entes de que o seu dinheiro chegou ao fim para que o deraõ.

No momento em que hiamos mandar para a imprensa este artigo recebemos a seguinte conta corrente, relativa ao ob-jecto de que se trata.

Deve a Caza Pia do Convento do Desferro em conta corrente comigo JOZE BENTO DE ARAUJO,

| | | | |
|---|----------------------|---|----------------------|
| 1812. Outubro 6. A dinheiro que hoje entreguei ao Administrador e Escrivão da mesma Caza Pia como do conhecimento da entrega que conservo | 695,652 | 1812. Agosto 28 Por huma letra sacada de Londres á ordem do Comite nomeado para a sustentação dos infelises da Caza Pia que cobrei de Franc. Joze Roiz de Brito | 695,652 |
| Novem. 3. A dito que mais entreguei aos ditos na mesma conformidade | 1,371,428 | Outubro 30. Por 1 letra que na mesma conformidade me pagaraõ Rib. V. Gaspar e Fos. | 1,371,428 |
| 1813. Agosto 11. Idem ditto | 124,171 | 28. Por dinheiro que de Londres me mandou entregar o Snr. Manoel Rib. Guimaraens, e recebi do Snr. Ant. Rib. Guimaraens | 124,171 |
| Total | <u>Rs. 2,191,251</u> | | <u>Rs. 2,191,251</u> |

Declaro e certificado que recebi e entreguei as quantias assima declaradas na conformidade que declara aconta supra cujas letras foraõ remetidas de Londres pelos Srs. Manoel Ribeiro Guimaraens, Joze Sebastião de França, e Custodio Pereira de Carvalho, as quaes cobrei em seus devidos vencimentos, e entreguei seus productos ao Administrador e Escrivão da sobre dita Caza Pia, como consta dos conhecimentos da entrega que tinho em mui poder. Lisboa 2 de Outubro de 1813.

JOZE BENTO DE ARAUJO.

Quartel General de Hernani, 1 de Setembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, tem a mais completa satisfação em mandar transcrever nesta ordem o Aviso, que abaixo segue; por manifestar o bom conceito, que a Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino merecem os Officiaes, e Soldados do Exercito.

AVIZO.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.—Tendo levado á Presença dos Governadores do Reino os Officios, que Sua Excellencia o Marechal General Duque da Victoria ultimamente me dirigio, referindo os detalhes das acçoens, que tem havido desde a memoravel batalha de Victoria, mui particularmente nos dias 28 e 30 do mez passado; e tendo visto os mesmos Governadores, com a maior satisfação, quanto as tropas Portuguezas se distinguirão nas sobreditas acçoens, continuando a dar as mais decisivas provas do seu valor, e da sua disciplina, devida essencialmente ás fadigas e incansaveis esforços de Vossa Excellencia; me encarregou o Governo de significar a Vossa Excellencia, nos termos mais expressivos, o regozijo, com que recebeo tão gratas noticias, e de recommendar-lhe ao mesmo tempo, que no Real Nome do Principe Regente Nosso Senhor haja Vossa Excellencia de agradecer a todos os Officiaes e Soldados do seu Exercito a parte, que tiverão nestes gloriosos successos, os quaes o mesmo Governo fará constar na Soberana Presença de Sua Alteza Real pela primeira occasião.

Deos guarde a Vossa Excellencia. Palacio do Governo em 19 de Agosto de 1813.

D. Miguel Pereira Forjaz,

Sr. Marquez de Campo Maior,

Ajudante General...Mozinho.

Quartel General de Lesaca, 2 de Setembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

I. Declara se a Promoção seguinte :

Por Portaria datada de 14 de Agosto proximo passado, em consequencia de Proposta de Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo-Maior.

Governador da Praça de Almeida, o Sr. Brigadeiro Thomaz Guilherme Stubbs, com a Patente, que actualmente tem.

Capitão da 5 Companhia do Regimento de Cavallaria No. 11, o Capitão do Regimento de Cavallaria No. 3, João Shee.

Capitão effectivo, e Ajudante graduado em Capitão do Deposito Geral de recrutas de Mafre, José Joaquim de Faria, continuando a fazer as funcçoens de Ajudante do referido Deposito.

Alferes effectivo do Regimento de Infantaria No. 18, o Alferes aggregado ao mesmo Regimento, Joaquim de Araujo e Lacerda.

O Ajudante do Batalhão de Caçadores No. 8, James Leechi, demittido do Real Serviço, pelo requerer, allegando motivos attendiveis.

Regimento de Infantaria No. 4.

Capitão da 1. Companhia de Granadeiros, o Capitão Dudgeon.

Capitão da 1. Companhia, o Tenente Bernardino Mascaranhas da Roza:

Tenente, o Alferes Antonio José Silverio.

Regimento de Infantaria No. 6.

Capitão da 6. Companhia, o Tenente Francisco Pinto Henriques.

Pagador, o Quartel Mestre, Manoel José de Faria.

Quartel Mestre, o Sargento Quartel Mestre, Manoel Pereira Leite.

O Pagador Joaquim Cardoso de Abreu, demittido do

Real Serviço, por não ter os annos da Lei, e ser muito doente.

Regimento de Infantaria No 7.

Capitão da 1. Companhia, de Granadeiros, o Capitão José Homem Cupertino.

Capitão da 3. Companhia, o Tenente Modesto Henrique Bustorf.

Capitão da 4. Companhia, o Tenente Manoel Xavier Freire.

Tenentes, os Alferes Antonio Bartholomeu Xavier, e Bruno Antonio Soares Serraõ.

Regimento de Infantaria No. 13.

Capitão da 1. Companhia de Granadeiros, o Capitão Joaquim Antonio de Almeida.

Capitão da 2. Companhia, o Tenente Antonio Carlos de Mendonça Furtado.

Pagador, o Tenente Joaõ Pereira de Mattos.

Tenentes, os Alferes Luiz José Cabral de Quadros, Francisco Antonio de Carvalho, e Lourenço Justiniano Francisco de Lima.

Ajudante com o grão de Tenente, o Alferes Diogo Ignacio de Sousa.

Ajudante, o Alferes José Climaco Braamcamp.

Alferes, os Ajudantes com o grão de Alferes, Domingos José da Silva, e Francisco Joaquim de Almeida.

O Pagador Feliciano Ignacio de Araujo, reformado na fórma da Lei

Alferes Antonio Pedro Gomez de Leiros reformado na forma da Lei.

Regimento de Infantaria No. 18.

Capitão da 2. Companhia de Granadeiros, o Capitão Hugh Lumley.

Capitão da 2. Companhia, o Tenente Manoel Ferreira Aranha.

Tenente, o Quartel Mestre Antonio Duarte Pimenta, contando a antiguidade deste Posto da data da presente Portaria.

Quartel Mestre, o Alferes Francisco Pires de Magalhães.

Regimento de Infantaria No. 19.

Capitão da 1. Companhia, o Tenente Joaquim José da Silva.

Tenente, o Alferes Luiz José de Sousa Prégio.

Regimento de Cavallaria No. 12.

Pagador, o Quartel Mestre José dos Santos Pereira.
 Quartel Mestre, o Sargento Quartel Mestre Francisco
 Fernandes Vaz Pinto.

Quartel General de Lesaca, 5 de Septembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Tendo o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General Duque da Victoria mandado dirigir a Sua Excelencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior os officios, que abaixo seguem, os quaes encerraõ os elogios, e agradecimentos das Cortes, e da Regencia do Reino de Hespanha sobre a conducta dos Exercitos Alliados: manda o Senhor Marechal transcrevelos, para conhecimento do Exercito Portuguez, que tanta parte teve nos acontecimentos, que mereceraõ taes elogios, estando certo, de que o mesmo Exercito ficará muito lisongeadado com a approvaçãõ, que as Cortes, e a Regencia do Reino de Hespanha daõ á conducta dos Exercitos Alliados.

I. OFFICIO.

Estado Maior Geral de Campanha dos Exercitos Hespanhoes. Excellentissimo Senhor. O Excellentissimo senhor Secretario de Estado, e do Despacho da Guerra do Hespanha, e Indias, com data de 16 do corrente diz ao Excellentissimo Senhor Duque de Ciudad-Rodrigo, General em Chefe dos Exercitos Nacionaes, o seguinte ... “Excellentissimo Senhor—Os Deputados Secretarios das Cortes Geraes e Extraordinarias me dizem com a data de hoje o seguinte. As Cortes Geraes Extraordinarias depois de terem ouvido as partes do Duque de Ciudad-Rodrigo, datadas do 1. e 4 do corrente, relativas as brilhantes açoens sustentadas pelo Exercito Alliado do seu commando desde o dia 25 de Julho até 2 do corrente inclusivo, saõ servidas de votarem a mais expressiva acção de graças ao Illustre Duque de Ciudad-Rodrigo, General em Chefe dos Exercitos Alliados, e aos

dignos Chefes, Officiaes e tropas do seu commando pelas brilhantes acçoens, a que se referem as ditas partes.” O que traslado a Vossa Excellencia por ordem do Senhor Duque para satisfação sua, e dos mais Generaes, Chefes, Officiaes e Tropa do Exercito Portuguez do seu commando. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Quartel General de Lesaca 29 de Agosto de 1813. Excellentissimo Senhor. O General Chefe do Estado Maior Geral de Campanha Hespanhol.

Luiz Wimpffen.

Exmo. Sr. D. Guilherme Carr Beresford.

2. OFFICIO.

Estado Maior Geral de Campanha dos Exercitos Hespanhoes. Excellentissimo Senhor. O Excellentissimo Senhor Secretario de Estado, e do Despacho universal da Guerra de Hespanha e Indias com data de 13 do corrente diz ao Excellentissimo Senhor Duque de Ciudad-Rodrigo, General em Chefe dos Exercitos Hespanhoes, o seguinte. “Excellentissimo Senhor. Com singular complacencia vio a Regencia do Reino as repetidas acçoens brilhantes sobre os inimigos, com que os Exercitos do commando de Vossa Excellencia se tem coberto de novas glorias, e de que Vossa Excellencia dá relação nos seus officios escriptos de San Estevan, e Lesaca com dato do 1. e 4 do corrente, conduzidos pelo Coronel D. Gaspar de Goicoechea, Ajudante General do Estado Maior Hespanhol. S. A. me prevenio, que o communicasse immediatamente as Cortes Geraes e Extraordinarias, e ao publico por meio da gazeta, para jubilo, e satisfação universal; e tem resolvido ao mesmo tempo, que em seu Nome se sirva Vossa Excellencia de manifestar a todo o Exercito Alliado a gratidão, e apreço, com que tem visto o seu distincto comportamento, e generosos sacrificios em tão memoraveis acçoens: e mui particularmente ao Capitaõ General dos Exercitos Nacionaes, D. Guilherme Carr Beresford, ao Tenente General Conde de Avisbal, e aos mais Generaes, e Chefes Britannicos, Portuguezes, e Hespanhoes, que com tanto acerto preencherão as ordens, e desiguios de Vossa Excellencia, a quem S. A. tributa hum novo testemunho do seu reconhecimento, e admiração pela sabedoria, e heroica constancia, com que se dedica, sem cessar, a conseguir a total liberdade da Peninsula, que tão principal influxo ha

de ter no bem da Europa, e de ambos os mundos. De ordem de S. A. o participo a V. Excellencia com particular gosto meu, reiterando-lhe os sentimentos do meu affecto, e respeito."—O que traslado a V. Excellencia por ordem do referido Senhor Duque para sua satisfação, e do exercito Portuguez do seu commando.—Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos. Quartel-general de Lesaca 25 de Agosto de 1813.—Excellentissimo Senhor.—O General Chefe do Estado Maior Geral de Campanha Hespanhol.—Luiz Wimpffen.—Excellentissimo Senhor D. Guilherme Carr Beresford.

Ajudante General.—Mozinho.

Quartel-general de Hernani, 9 de Septembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior tem novamente a satisfação de poder empregar-se na mais agradavel parte do seu dever, que he fazer justiça aos benemeritos do exercito de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, pela sua conducta na frente do inimigo.

Sua Excellencia torna ainda ter o gosto de repetir ao exercito (cujo ardor e zelo no serviço da patria chega a ponto tão subido !) que a emulação dos corpos e individuos, e o desejo de engrandecerem a sua gloria, he tal, que a unica differença entre elles a este respeito consiste em se lhes apresentarem mais ou menos occasioens para mostrarem o seu fervor, e patriotismo. Cada tentativa feita contra o inimigo, ou emprehendida por este da nova occasião a Sua Excellencia para louvar a valente conducta dos corpos, e dos individuos.

Sua Excellencia tão somente faz justiça aos corpos empregados ao assalto, e tomada da Praça de S. Sebastião no dia 31 do mez passado, assegurando-lhes a sua perfeita satisfação, e admiração pela conducta, que tiverão, da qual Sua Excellencia foi testemunha. Os soldados Portuguezes na só patentearão então o seu ardente desejo, mas tambem a capacidade de rivalizarem na conducta com os seus camaradas, e alliados do exercito Britanico.

A 3. Brigada de Infantaria Portugueza merece os elogios do Senhor Marechal: e roga Sua Excellencia ao Senhor Marechal de Campo Frederico Sprye, que asse-

gure da sua approvaçãõ ao Senhor Coronel Luiz do Rego Barreto do regimento No. 15, ao Senhor Coronel M'Creagh do regimento No. 3 (da conducta dos quaes Senhores Coronéis fazem os maiores elogios os Senhores Generaes, de baixo de cujas ordens elles operaraõ), e aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados destes dois regimentos da brigada, pelo seu comportamento taõ honroso para a patria.

Sua Excellencia nao pode deixar de particularisar a conducta de todo o destacamento da 10. brigada de infantaria Portugueza, que foi ao assalto, commandada pelo Senhor Coronel M'Bean; e a do Major K. Snodgrass, que merecem o mais alto elogio. Nunca se mostrou valor mais determinado, e ao mesmo tempo que melhor se regulasse, do que o do referido destacamento; foi admirado por todos! O Senhor Coronel M'Bean aceitará, e dará ao Major K. Snodgrass, aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados a segurança da admiraçãõ, e os agradecimentos de Sua Excellencia.

Deseja Sua Excellencia, que o batalhaõ de Caçadores No. 8, da terceira brigada de infantaria, e o destacamento do batalhaõ de Caçadores No. 5, da decima brigada recebaõ a certeza da sua plena approvaçãõ. Sua Excellencia ficou particularmente satisfeito da ordem, e regularidade, com que o batalhaõ de Caçadores No. 8, de baixo do commando do Tenente Coronel Dudley St. Leger Hill, se reunia, e se conservava prompto, depois da tomada da Praça. Sua Excellencia tem razãõ para estar contente pelo mesmo motivo com os mais corpos, que entraraõ no assalto.

Sua Excellencia nao pôde deixar de admirar os sentimentos, que animáraõ os destacamentos da 9. brigada de infantaria, e dos corpos Portuguezes da divisãõ ligeira, que se offereceraõ para hirem voluntariamente ao assalto: Sua Excellencia presenciou, que a sua conducta no mesmo assalto foi tal, qual se poderia esperar de quem se offerreceo para elle por altos estimulos de honra.

No mesmo dia teve a 9. brigada occasiaõ de mostrar ao inimigo, que era daquelles mesmõs soldados, que o venceraõ nos campos de Victoria, e Pamplona: e o batalhaõ de Caçadores No. 3, de sustentar junto de Vera a sua antiga reputaçãõ contra o inimigo.

A conducta da 7. brigada no seu ataque de noite contra o campo inimigo nas abas do porto de Maia merece os elogios de Sua Excellencia; e o Senhor Coronel Joãõ Douglas os receberá para si, e dará aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados da Brigada.

O Senhor Marechal de Campo Carlos Frederico Lecor fará saber á 6. brigada, que commanda, a satisfaçãõ de Sua

Excellencia pelo comportamento, que ella teve; e lhe dará os agradecimentos de Sua Excellencia.

A conducta do exercito Portuguez satisfez plenamente a Sua Excellencia, que não faltará a informar della a S. A. R.: e Sua Excellencia passa a preencher as vistas e desejos paternaes de S. A. R. recompensando parte dos que se distinguiraõ; posto que todos merecêraõ louvores, e agradecimentos.

Aproveita-se Sua Excellencia desta conjunctura para exprimir a sua satisfação pelo zelo, e cuidado dos officiaes de Saude do exercito Portuguez em tratarem dos feridos, e pelos seus esforços em lhes procurarem todo o allivio, e accommodação possível, que as suas circumstancias exigem, e que a sua conducta merece. Não ha dever mais sagrado, do que o de assistir aos valorosos soldados, que se sacrificão pela cauza da patria; nem cousa, que mais console o seu espirito, do que receber em taes occasioens os desvelos, e atençaens dos seus officiaes de toda a classe, ainda que particularmente os de Saude saõ os que mais podem allivia-los da sua mortificação. Tambem se aproveita Sua Excellencia com muito prazer desta occasião, para dar os seus agradecimentos ao Senhor Doutor Guilherme Wynn, Cirurgiaõ honorario da Camara de S. A. R., e do exercito pelos grandes serviços, que Sua Excellencia tem experimentado d'elle em razão do seu cargo, durante estes tres ultimos annos. O zelo, actividade, e conhecimentos deste official tem sempre andado a par.

Officiaes, Sargentos-ajudantes, e Sargentos promovidos, contando a antiguidade dos Postos, a que sobem do dia 31 de Agosto proximo passado.

Major do regimento de infantaria No. 3, Carlos Stewart Campbell. Major do regimento de infantaria No. 13, K. Snodgrass, graduados em Tenentes Coroneis.

Capitaõ do Regimento de infantaria No. 3, Bento José Valente. Capitaõ do regimento de infantaria No. 13, Severino Joaquim Ferreira da Costa. Capitaõ do regimento de infantaria No. 15, Antonio Joaquim Rozado, graduados em Majores.

Tenente do regimento de infantaria No. 13, João Antonio Pereira de Castro. Tenente do regimento de infantaria No. 24, José de Azerêdo Pinto. Tenente do regi-

mento de infantaria No. 24, Antonio de Padua. Tenente do batalhão de Caçadores No. 5, Manoel Joaquim de Menezes, graduados em Capitaens.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 15, Antonio Carlos de Magalhaens, Alferes do Regimento de Infantaria No. 15, Antonio Guedes Seabra. Alferes do Batalhão de Caçadores No. 5, Jose Carrasco Guerra, graduados em Tenentes.

Ajudante com a Patente de Alferes do Regimento de infantaria, No. 15, Theotônio Nobre, Tenente com o exercicio que actualmente tem.

Sargento do Regimento de Infantaria, No. 13, Antonio Luiz da Cunha. Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria No. 15, Jeronymo Caetano de Almeida Manso, Alferes dos respectivos Regimentos.

Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria No. 15, Telesforo José de Mattos, Alferes do Regimento de Infantaria No. 3.

Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria No. 24, Francisco Antonio. Sargento do Regimento de Infantaria No. 24, João Pinto. Sargento Ajudante do batalhão de Caçadores No. 3, Manoel Martins Taveira, Alferes dos respectivos Corpos.

Officiaes, e Sargentos promovidos, que sendo de Divisoens, que não fizeraõ o Sitio da Praça de S. Sebastião, foraõ ao assalto, por se offercerem voluntariamente, contando a antiguidade dos Postos, a que sobem, do dia 31 de Agosto proximo passado.

Capitão do Regimento de Infantaria No. 11, Antonio de Gouvêa da Maia, graduado em Major.

Tenente do Regimento de Infantaria No. 11, Ignacio Pereira de Lacerda. Tenente do Regimento de Infantaria No. 23, Jeronymo Rogado de Oliveira, graduados em Capitaens.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 17, Joaquim José de Santa Anna. Alferes do Batalhão de Caçadores No. 1, Pedro Ozorio da Fonceca, graduados em Tenentes.

Sargento do Regimento de Infantaria No. 11, José Gomes. Sargento do Regimento de Infantaria No. 11; João Antonio Coelho. Sargento do Regimento de Infantaria No. 17, Marçal Jose. Sargento do Regimento de Infantaria No. 17, Manoel Barroão. Sargento do Regimento de

Infantaria No. 23, Joaquim Roberto. Sargento do Regimento de Infantaria No. 23, José Ignacio. Sargento do Batalhão de Caçadores No. 1, Manoel José Pires Carreiro, Alferes dos respectivos Corpos.

Ajudante General—Mozinho.

Quartel General do Calhariz, 23 de Setembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Sua Excellencia o Snr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, manda se publique ao Exercito a Portaria seguinte.

PORTARIA.

Sendo muito conveniente ao bem do Real Serviço, que os Officiaes sahindo de Coroneis para Brigadeiros não possam conservar a situação de Coroneis de Regimentos, exceptuando o Corpo da Guarda Real da Policia de Lisboa, cujo Chefe poderá ter o commando do mesmo Corpo até o Posto de Brigadeiro inclusivo: he o Principe Regente Nosso Senhor Servido, cunformando-se com o parecer do Marquez de Campo Maior, Marechal e Commandante em Chefe dos seus Exercitos, que os Coroneis de Regimentos passando a Brigadeiros effectivos fiquem desligados dos respectivos regimentos. D. Miguel Pereira Forjaz, do Conselho de Sua Alteza Real, Tenente-General dos Reaes Exercitos, e Secretario dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e da Marinha o tenha assim entendido, e faça expedir as participações necessarias. Palacio do Governo em 13 de Setembro de 1813. Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

José Lucio Travassos Valdez.

Capitão Assistente do Ajudante General.

Quartel General do Calhariz, 24 de Setembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

S. Excellencia o Snr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, Commandante do Exercito, mandando publicar a Promoção, que Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino foraõ Servidos fazer, não pode dexar passar em silencio a mudança, que a patente actual do Snr. Marechal de Campo Felippe de Souza Canavarro obrigou

a fazer no Commando do Corpo da Guarda Real da Policia.

S. Excellencia aproveita esta occasião para assegurar ao sobredito General da sua plena satisfação e approvaçãõ pela sua conducta em todo o tempo do seu Commando. O Snr. Marechal tem grande satisfação em dizer, que a conducta deste General foi tanto approvada, e agradavel ao Publico como util ao Serviço de Sua Alteza Real; e estimará que se offereça occasião para lhe mostrar mais effizazmente a sua approvaçãõ; e roga ao dito Senhor General, que receba os seus agradecimentos em quanto esta se não offerece.

Declara-se a Promoção seguinte :

Por Portaria datada de 10 do corrente, em consequencia de Proposta de S. Excellencia o Snr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior.

Chefe do Corpo da Guarda Real da Policia de Lisboa com a Patente de Coronel, o Snr. Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 13, D. Joaquim da Camara.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 13, o Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 1., o Snr. João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 1, o Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 12, João Paes de Sande e Castro.

Tenente Coronel effectivo do Regimento de Infantaria No. 12, o Tenente Coronel aggregado ao mesmo Regimento, Guilherme Beaty.

Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria, No. 12, o Tenente Coronel annexo ao Deposito Geral de Cavallaria, Antonio Carlos Cary.

O Alferes do Regimento de Infantaria No. 9, Alexandre Pitta Bezerra, aggregado no mesmo Posto ao mesmo Regimento; por mostrar ignorancia nas Ordens da Brigada muitas vezes repetidas, relativas ao Serviço das Guardas, e sua formaçãõ, e por manifestar, em muitas occasioens, hum character grosseiro mesmo para com os seus Superiores.

Jose Lucio Travassos Valdez,

Capitão Assistente do Ajudante General.

Quartel General do Calhariz, 25 de Setembro de 1819.

ORDEM DO DIA.

Declara-se a Promoção seguinte.

Por Portaria datada de 4 do Corrente, em consequencia de Proposta de Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo-Maior.

Maior effectivo, conservando o exercicio que actualmente tem, e vencendo o soldo de effectivo, desde 15 de Maio ultimo, o Major aggregado á primeira Plana extincta da Corte, e Assistente do Quartel Mestre General do Exercito, Antonio Candido Cordeiro.

Major effectivo do Regimento de Infantaria No. 19, o Major aggregado ao mesmo Regimento, Joaquim Caldeira do Crato.

Major do Regimento de Infantaria No. 21, o Capitão graduado em Major do Regimento de Infantaria No. 11, Joaquim Telles Jordaõ.

Capitão da Companhia de Veteranos do Castello de Villa de Conde, o Tenente do Batalhaõ de Caçadores No. 7, André Camacho Jorge.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 9, o Alferes do Regimento de Infantaria No. 22, Sebastião Lobo de Vasconcellos.

O Major do Regimento de Infantaria No. 24, J. W. Beathy, demittido do Real Serviço, a fim de voltar a servir no Exercito de S. M. B.

Por Portaria datada de 14 do corrente.

Tenente Coronel com o exercicio que actualmente tem, o Major o Snr. Conde de S. Lourenço, Ajudante de Campo de S. Excellencia Senhor o Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, contando a antiguidade deste Posto do dia 12 de Agosto proximo passado, em que entregou a SS. EE. os Senhores Governadores do Reino, os Despachos de S. Excellencia o Snr. Marechal General Duque da Victoria, relativos aos Combates que houverão desde 25 de Julho proximo passado, e Batalhas de 28 e 30 do mesmo mez.

Ajudante de Ordens do Snr. Brigadeiro Wilson, com a Patente que actualmente tem, o Major João Pinto da Cunha, Ajudante de Campo do dito Senhor Brigadeiro.

O Capitão de Batalhaõ de Caçadores No. 7, Felipe Jacob Veloso e Horta, reformado em Major, com o soldo de vinte

mil réis por mez correspondente ao Posto de Capitão, pois ainda que não tem o tempo de Serviço preciso para esta reforma, provem a impossibilidade em que se acha de continuar o Real Serviço, de ter sido ferido gravemente na Batalha de Albuera.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 20, o Alferes do Batalhão de Caçadores No. 8, Francisco Lopes de Carvalho.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 23, os Alferes do Regimento de Infantaria No. 20, José Marçal de Oliveira, e Lourenço Caetano Cayola.

Por Portaria da mesma data.

Capitão da 1. Companhia do Regimento de Infantaria No. 10, o Tenente Guilherme Gordon.

Capitão da 8. Companhia do Regimento de Infantaria No. 11, o Tenente Ralph Meredith.

Capitão da 7. Companhia do Regimento de Infantaria No. 13, o Tenente J. M. Browne.

Capitão da 2. Companhia do Regimento de Infantaria No. 16, o Tenente C. Lempriere.

Capitão da 5. Companhia do Regimento de Infantaria No. 19, o Tenente Wal Starkey.

Capitão da 6. Companhia do Batalhão de Caçadores No. 5, o Tenente João Dobbs.

Capitão da 1. Companhia do Batalhão de Caçadores No. 12, o Tenente Patricio Grant.

Todos os sobreditos Officiaes do Exercito de Sr M. B.

José Lucio Travassos Valdez,

Capitão Assistente do Ajudante General.

Secretaria do Ajudante General em Tolosa 13 de Setembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Determina S. Excellencia o Snr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, que se publique ao Exercito a Sentença, que abaixo segue.

Antonio de Mello Boquete natural da Cidade de Elvas, que assentou Praça de Soldado em o 1. de Novembro de 1801, que passou a Cabo de esquadra em 16 de Março de 1802, e a Cadete a 8 de Maio do mesmo anno, e a Porta Bandeira no 1. de Março de 1809, e a Alferes por Decreto de 25 de Setembro de 1811, passou a aggregado em 11 de Novembro de 1812, pela sua falta de zelo, assiduidade, e

atencão ás suas obrigaçoens, procurando eximir-se do serviço com pretexto de molestia. Passou por hum Conselho de Guerra pelos máos comportamentos, que teve com hum Cadete do mesmo Regimento, e sendo condemnado a prisão rigorosa por dois mezes, e confirmada a Sentença, foi Sua Alteza Real Servido perdoar-lhe a dita pena. Foi depois promovido a effectivo em 6 de Agosto de 1813, e prezo em 12 de Agosto por desobedecer ás ordens dos seus Superiores, não se reunindo ao Regimento em marcha, faltando ás Paradas dos dias 11 e 12, e em occasião de se achar o inimigo na frente, e ignorar-se se encontraria ou não no mesmo dia. O Conselho de Guerra, que teve lugar por todos estes factos, o condemnou a ser demittido, com infamia, do Real Serviço em 17 de Agosto de 1813, no Campo junto a Vera; e Sua Excellência o Snr. Marechal Marquez de Campo Maior confirmou esta Sentença no Quartel General de Lesaca, em 7 de Setembro de 1813.

A Cópia autentica da Sentença he a que se segue.

Vendo-se neste Campo junto a Vera o Processo verbal do reo Antonio de Mello Boquete, Alferes do Regimento No. 17, Auto do Corpo de delicto, testemunhas sobre elle pro-guntadas, interrogatorios, e defeza do mesmo, decidio-se uniformemente, que a sobredita culpa se achava provada, e o reo della convencido, por quanto se mostrava commettia faltas reiteradas, e omissoens pouco ordinarias, e desobediencia ás ordens dos seus Superiores, allegando desculpas fri-volas, e de modo algum admissiveis, mostrando já por estes factos, como por outros anteriores o que tudo se patenteia, não obstante contra elle qualquer prova de fraqueza, colhendo se da interpretação Litteral do Artigo 4. do Regula-mento o contrario: por tanto o julgaõ complice no Cap. 6.; §. 14. do Regulamento, que diz: *Hum Official a quem a ambição não incita a servir bem, como deve, e que para o fazer he preciso constrangido, he indigno do seu posto*: e no Art. 1. de Guerra, que diz: *Todo aquelle que recusar por palavras, ou discursos obedecer ás Ordens dos seus Superiores, concernentes ao Serviço, será condemnado a trabalhos nas Fortificaçoens*. E mandaõ que o reo seja demittido do Real Serviço com in-famia.—Campo junto a Vera, 27 de Agosto de 1813.

Ajudante General—Mozinho.

Quartel General do Calhariz, 30 de Setembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

1. Declara-se as Promoçoens seguintes :

Por Portaria datada de 7 do corrente, em consequencia de Proposta de Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo-Maior.

Major do Regimento de Infantaria No. 24, o Capitão do Regimento de Infantaria No. 13, Benjamin Orlando Jones.

Por Portaria datada de 18 do corrente.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 4, o Tenente Coronel do Batalhão de Caçadores No. 10, Ricardo Armstrong.

Ajudante do Regimento de Infantaria No. 17, o Tenente Ajudante de Ordens do Sr. Tenente General João Hamilton, Francisco Henriques Teixeira.

Tenente da primeira Companhia de Veteranos da Praça de Abrantes, o Tenente do Regimento de Infantaria No. 16, João Correa Manoel de Aboim.

Ajudante de Cirurgia effectivo do Batalhão de Caçadores No. 6, o Ajudante de Cirurgia do mesmo Batalhão, Sebastião de Oliveira Monteiro, ficando restituído á Patente, Honras, Direitos, e augmento de soldo que dantes tinha.

O Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 4, Allan William Campbell, aggregado no mesmo Posto ao referido Regimento.

O Capitão do Regimento de Infantaria No. 11, Carlos Waldron, demittido do Real Serviço, a fim de voltar a servir no Exercito de S. M. B.

O Capitão do Regimento de Infantaria No. 5, João Me Namara, demittido do Real Serviço, a fim de voltar a servir no Exercito de S. M. B.

Por Portaria datada de 28 do corrente.

Major, com o exercicio que actualmente tem, o Capitão José Lucio Travassos Valdez, Assistente do Ajudante Ge-

neral do Exercito, contando a antiguidade deste Posto do dia 11 do corrente, em que entregou a SS. EE. os Senhores Governadores do Reino os Despachos de Sua Excellencia o Sr. Marechal General Duque da Victoria, relativos á tomada da Praça de S. Sebastião, e Batalha do dia 31 do mez passado.

O Tenente Coronel do Batalhaõ de Caçadores No. 12, A. C. Crookshank, demittido do Real Serviço, a fim de voltar a servir no Exercito de S. M. B.

2. Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, conformando-se com a opiniaõ da Junta Militar dos Medicos Inglezes, concede dois mezes de licença ao Cirurgiaõ Walter da segunda Brigada de Infantaria, para hir tratar da sua saude a Inglaterra.

José Lucio Travassos Valdez,

Capitaõ Assistente do Ajudante General.

Sua Alteza Real Foi Servido mandar crear huma Junta de Saude, para entender superiormente, com assistencia do Provedor Mór, nas medidas de precauçaõ, que fizeram necessarias as noticias da peste ou molestias contagiosas, que se tem manifestado em alguns portos do Mediterraneo. He acompanhada a Portaria de 14 Artigos, que servem de Regimento da Junta.

Tambem se publicou a Portaria de 28 de Setembro, que classifica as pessoas, que so podem ser escusas do Serviço Militar da primeira e segunda linha.

PORTARIA.

Querendo o Principe Regenté Nosso Senhor prevenir os abuzos, que podem rezultar da má intelligencia das leis, Alvaras, e Portarias publicadas sobre o recrutamento da Tropa de linha, e Milicias; os quaes, contra a Sua Real Intençaõ, poderaõ cauzar huma diminuiçaõ no numero das Recrutas precisas para a conservaçaõ do Estado completo do Exercito, ficando individamente izentos muitos individuos dos que deveriaõ ser recrutados, e recrutando-se incompetentemente outros que devem ser izentos, ou pelas suas circunstancias fyzicas, isto he, por falta de idade, altura, robustez, e constituiçaõ propria para o serviço do Exercito; ou pelos privi-

legios, que he indispensavel guardar em attençaõ á populaçaõ, agricultura, pesca, commercio, navegaçaõ, artes, officios, e sciencias, cujos ramos necessitaõ ser promovidos, animados, e protegidos para conservaçaõ do Estado civil, e militar : he o mesmo Senhor Servido Mandar declarar, depois de ouvir o parecer do Marechal dos seos Exercitos, e Commandante em Chefe, o Marquez de Campo Maior, que todos os sobreditos privilegios se fiquem entendendo da maneira porque vaõ explicados nos artigos juntos, assignados por D. Miguel Pereira Forjaz do Conselho de S. A. R. Tenente General dos seos Exercitos, e Secretario dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha ; os quaes deveraõ ser considerados como fazendo parte desta Portaria para se lhes dar a sua mais inteira execuçaõ, em quanto o Mesmo Senhor não mandar o contrario. O mesmo Secretario o tenha assim entendido, e faça expedir as ordens necessarias.

Palacio do Governo em vinte e oito de Setembro de 1813.

Com quatro Rubricas dos Governadores do Reino.

Em o seguinte No. daremos os artigos de que falla esta Portaria.

Lemos na excellente Gazeta Portugueza—o *Mercurio*—No. 235 a resposta a hum artigo do *Conciso* de Cadiz, que nos parece mui bem feita : por isso com muito gosto a vamos inserir.

Resposta a hum artigo do *Conciso*.

No *Conciso* de 30 de Setembro se aponta hum erro committido por mim, pelo Redactor da Gazeta de Lisboa, e pelo do Telegrafo, nas traducçoens que publicamos da Proclamaçaõ do Principe Real de Suecia, inserida no seu segundo Boletim.

Diz a Proclamaçaõ que se esperava que instruido Bona parte ao menos *pelo exemplo do Norte e da Hespanha*, renunciasse á idea de subjugar o Continente, e no *Mercurio* No. 214 acha-se—*instruido ao menos pelo exemplo do Norte da Hespanha*—isto he falta-lhe unicamente hum e, que não foi mais que hum erro tipografico, que sem duvida me escapou na revisaõ.

Se o *Conciso* se limitasse a dizer que eu, e os outros apontados tinhamos committido hum erro, não faria eu mais que

agradecer o seu reparo: mas como lhe chama velhacaria ou picardia, empregada para fazer apparecer a cooperação de Portugal, de que se não lembrou (diz o Conciso) o Principe de Suecia, he indispensavel a justificação e o des-aggravo.

Portugal, Senhor Conciso, para apparecer com gloria na idade presente e nas futuras, por seus heroicos esforços, auxiliados por providencias acertadas do actual Governo, não depende das ardilezas dos Redactores de Periodicos. As batalhas de Vimeiro, Fuentes de Honor, Bussaco, Salamanca, e Vittoria, em que ou não entráráo, ou mui pouco ajudáráo as tropas Hespanholas, são padroens eternos de honra e fama para os descendentes dos Heroes de Aljubarrota, e Linhas de Elvas. Se a Hespanha, como ninguem duvida, se tem immortalizado pela resolução firme de não succumbir ao poder do Despota que pertendia subjuga-la, Portugal, o pequeno Reino de Portugal, antecipou-se a pôr, em campo hum exercito numeroso (attenta a sua população), e exactamente disciplinado; e com elle, a par de seus generosos aliados, conseguiu triunfos mui importantes, e que decididamente influiráo para o estado presente do Reino de Hespanha.

Eu, como Portuguez, estimaria que o Principe da Suecia honrasse Portugal pelo seu Nome; bem que esteja persuadido que debaixo da denominação geral de Hespanha, elle comprehendeo este Reino, pois na ommissão se faria grave injustiça, assaz estranha ao seu character. Mas esta intelligencia que dou por huma vez ás expressoens do novo defensor dos direitos dos povos opprimidos, nunca terá para mim a extensão que o Senhor Conciso lhe quer dar, quando diz *que sempre se comprehende Portugal quando se falla de Hespanha*. Sei bem que na Historia se emprega muitas vezes este ultimo nome para significar ambos os Reinos; mas não he inutil repetir agora que Portugal he, e será sempre, em quanto houverem coraçoes verdadeiramente Portuguezes, hum Reino livre, separado, e independente; e se o Senhor Conciso se honra com razão de ser Hespanhol e vassallo de Fernando VII., eu me honro com a mesma de ser Portuguez e vassallo do Principe Regente de Portugal.

So no campo, so na determinação de preferir a morte ao jugo da Tyrannia, formáo estes dois Reinos huma unica Nação; e este estreito laço de amizade que os une de concerto a Inglaterra, pelo bem particular de cada humas das tres naçoens, e que felizmente se não desata por artigos frivolos de Escriptores indiscretos, he com razão não só considerado como a origem preciosa de suas glorias presentes, e da prosperidade que se promettem no futuro, mas como a primeira-

baze solida em que se começou a levantar o grandioso edificio da restauração da Europa.

Mais poderia dizer, mas falta lugar e tempo, e como acabo de receber o artigo, levo em gosto remetter hoje mesmo esta amostra do que se escreveria com mais vagar.

INGLATERRA.

Londres, 30 de Setembro 1819.

SENHOR,

Muito desejaria em conformar-me com o desejo, que Vossa Merce me manifesta de lhe dar huma relação circumstanciada do estado actual, assim como do progresso da Real Fabrica de ferro de S. João de Hypanema na Capitania de St. Paulo, fundada em 1810, debaixo da direcção de Mr. Hedberg, e alguns Mineiros Suecos; porem receo que o meu limitado saber das Obras desta natureza, faça muito imperfeita a minha exposição, e por tanto vejo me obrigado a ser muito succinto para errar menos.

Quem observasse o estado do terreno em Agosto 1810, quando se poz o alicerce da fabrica do ferro, e que tenha o menor conhecimento do Chaõ do Brazil, do trabalho fraco dos escravos (principalmente empregados), diminuidos á terceira parte do que eraõ na sua origem; Chuvas destruidoras, e os muitos dias Sanctos que nãam permittem continuar o trabalho, (contados hums com outros 125 dias por anno); e o comparar imparcialmente com o que tem sido practicado nas melhores circumstancias em outros Paizes, (sem omittir as difficuldades que se encontraõ em todas os Estados Nascentes), o que Hypanema apresenta em Agosto 1813, quando tudo foi acabado; Engenhos, rodas, Folles, Diques, e Canos das pedras cortadas, que deram ás agoas nova, e conveniente direcção, fora o Forno Alto, em que porem se trabalha com a maior actividade e alem disto observar os armazens de pedra, fechados ou abertos para a conservação dos instrumentos, e petrechos de ferro, e de madeira; nova caza para dar aposento á inteira Colonia com seu chefe, e Officiaes perto da fabrica, Engenho magnifico no rio de Sorocaba para serrar Madeira, pelo qual ja 6000 duzias de

taboas foram cortadas, e transportadas pela corrente mesmo até a fabrica; as estradas reaes que se communicão em todas as dirrecçoens com ella, particularmente com o rico Morro de ferro chamado Goraciaba; e finalmente considerando a tendencia que esta Obra deu, e dará á Capitania de St. Paulo para augmentar a População, e industria Nacional; nam ha duvida nenhuma de que não existe sua igual no inteiro, e infinito Continente Americano; e que rivalizerá com as melhores fabricas de Europa se d'ella se fizer justa applicaçam, e será para sempre a mais evidente prova da sabia vontade de Sua Alteza Real o Principe Regente do Portugal, como tambem do Patriotismo, e luzes do Grande Ministro, seu fundador, que mandou trabalhar estas ricas Regioens, e percebeo muito bem, que o Brazil tinha entre os seus limites o melhor ferro do Mundo.

P. S. Pelas ultimas cartas do Rio de Janeiro consta-me que as primeiras barras de ferro da nova Fabrica ja foraõ recebidas naquella Cidade para se experimentarem, e que o ferro he da melhor qualidade.

Sou com muita estima

De V. M^{tes}.

B.

PROCLAMAÇÃO

De Imperador Alexandre ás Suas Guardas, por occasião da derrota de Vandamme.

Neste memoravel dia, valentes guerreiros das minhas Guardas, vos tendes coberto de louros immortaes, e feito á vossa Patria assignalados serviços. Com valor sem igual resististes, e desbaratastes depois hum inimigo muito superior em numero, que dos arredores de Toeplitz marchava furiozo a invadir a Bohemia. Vossos peitos foraõ baluartes, que fizeraõ parar seos passos: e por este terrivel golpe he que preparastes o caminho para a completa victoria, que se seguiu. Hum consideravel corpo do inimigo foi vencido, desbaratado, e completamente destruido: o seu Chefe, Generaes, Officiaes, e sete mil prizonceiros, 66 peças de artilharia, grande numero de caixoes, e carros cahiraõ em vosso poder. Assim vencem os Russos, e sabem abater o orgulho de hum inimigo temerario! Guardas, defensores do vosso Soberano, e da Vossa Patria, neste dia sempre famoso

mantivestes a gloria do vosso nome; recebei de mim, e da vossa Patria o testemunho da nossa gratidão: esta, assim como a vossa gloria immortal, foi comprada a preço do vosso sangue, e a custo de brilhantes façanhas. Em testemunho de minha inteira satisfação confiro as bandeiras de S. Jorge aos Regimentos de Ismaylowski, e Semoanowsky, e as trombetas da mesma ordem aos regimentos de Ismaylowsky, e aos Cassadores. Possa a mão de Deos proteger-vos, defensores da fé, e da justiça.

Agosto 29, de 1813.

ALEXANDRE.

CARTA

Do Imperador Alexandre a Madama Moreau.

Toplitz, 6 de Septembro, 1813.

“MADAMA,

“Quando a terrivel desgraça que succedeo, juncto a meu lado, ao General Moreau, me privou das luzes, e da experiencia daquelle grande homem, eu entretinha a’esperança de que á força de cuidado se poderia obter conservá-lo á sua familia, e á minha amizade. A Providencia dispôz outra cousa. Elle morreo como tinha vivido, na plena energia de huma alma forte e constante. Não há senão hum remédio aos grandes males da vida, que he o ter quem delles participe. Na Russia, Madama, achareis estes sentimentos em toda a parte; e se vos convem fixar-vos ali, eu procurarei todos os meios de embelezar a existencia d’huma pessoa, de quem farei hum dever de ser o consolador e o apoio. Rogo-vos, Madama, que descançais nisto irrevogavelmente; não me deixeis ignorar nunca circumstancia alguma, em que vos possa ser util, e escrevei-me sempre directamente. Conhecer d’antemão os vossos desejos, será para mim hum prazer. A amizade, que consagrei a vosso marido, existe alem da sepultura; e não tenho outro meio de a mostrar, ao menos em parte, para com elle, senão fazendo tudo quanto estiver em meu poder para segurar a felicidade de sua familia. Nestas tristes e crueis circumstancias, aceitai, Madama, estes signaes de amizade, e as seguranças de todos os meus sentimentos.

“ALEXANDRE.”

REPARTIÇÃO DA GUERRA, 6 DE OUTUBRO.

Recebêram-se na Secretaria de Lord Bathurst officios do Feld Marechal Marquez de Wellington, datados de Lezaca 19, e 27 de Setembro: o seguinte são extractos:—

Não tem occorrido nada de importancia nas posições do exercito depois que me dirigi a V. S. aos 10 do corrente. Tendo a guarnição de Pamplona feito varias sortidas, durante o bloqueio, e sido em todas ellas repulsada com perda, executou huma com força consideravel, aos 10; provavelmente com as vistas de reconhecer a força com que se mantinha o bloqueio; porém foi immediatamente repulsada. O Marechal-de-Campo D. Carlos de Hespanha, que commanda o bloqueio ficou infelizmente ferido, mas ainda pôde exercitar o seu commando; e elle tem informado mui favoravelmente, a respeito dos officiaes e tropas empregadas debaixo de seu commando nesta occasião.

Lezaca, 27 de Setembro, 1813.

Tenho a honra de incluir a copia de hum officio de 15 e 17 do corrente, que recebi do Tenente-general Lord Guilherme Bentinck, d'onde apparece que a sua guarda avançada sob o Coronel Adam, foi atacada por huma força consideravel do inimigo, na noite de 12 do corrente, no passo de Ordal; a que tinha sido obrigado a retirar-se com perda de 4 peças d'artilheria. Eu confio que a perda de gente não seria aonsideravel; mas não tenho recebido as listas da que soffreram os corpos empenhados nesta occasião.

Dà-me grande prazer o poder participar, que as tropas Hespanholas, que entráram em acção: a saber: os regimentos de Badajoz, Tiradores de Cadiz, e Voluntarios d'Aragão, que compunham huma brigada de infantaria da divisão do General Sarsfield, do 2. exercito, se comportáram notavelmente bem; assim como o 2. batalhão do regimento 27; a infantaria ligeira Calabrez; e a companhia de atiradores do 4. regimento de linha de Legião Alemaã d'El Rey, e regimento de Roll. Em consequencia deste acontecimento o Tenente-general Lord Guilherme Bentinck se retirou para as vizinhanças de Tarragona, e ouço que o inimigo tornou o cruzar outra vez o Lobregat.

Não tem acontecido cousa nenhuma de extraordinario na frente do exercito que está debaixo de meu commando immediato.

Extracto de hum officio do Tenente-general Lord Guilherme Bentinck ao Feld-Marechal Marquez de Wellington, datado de Tarragona, 15 e 17 de Septembro, 1813.

Segundo a intenção, que expressei na minha carta de 27 d'Agosto, o exercito se moveo para diante, e chegou a Villa Franca aos 15 de Septembro. Todas as noticias continuáram a corroborar a partida de huma força consideravel de Suchet, para França. Foi somente aos 27, que se começaram a levantar duvidas, a respeito da verdade deste facto. Parece que se tinham mandado grandes destacamentos com os comboys que fôram para França, os quaes voltáram com outros de carne salgada, e muniçoens; e, em tanto quanto pude saber, não sahiram da Catalunha mais de 3,000 homens. O publico tinha sido enganado, pela mudança de todos os officiaes empregados Hespanhoes: e pelas preparaçoens que se fizéram para a defenza, e suprimentos de Barcelona.

A força Franceza tinha até aqui sido dispersa pelo Lobregat, em Sabadell, e contornos de Barcelona.

Aos 11, o inimigo unio cousa de 12,000 homens em Molins de Rey, todas as suas forças disponiveis de Ampurdam, e todas as guarniçoens chegáram a Barcelona; e tudo pareceo indicar hum movimento geral.

O exercito Britannico estava postado em Villa Franca, e nas aldeas em sua frente, até as montanhas do Lobregat. O passo de Ordal, por onde vai a estrada grande, estava occupado pela avançada do exercito, sob o commando do Coronel Adam, e tres batalhoens da divisaõ de General Sarsfield. O passo éra mui forte, e eu não tinha apprehensoens de que pudesse ser forçado. A linha provavel de ataque como certa, éra voltando pela nossa esquerda, por Martorell e San Sadorni, aonde se postou o primeiro exercito.

Eu não tinha numero de gente igual ao que os Francezes podiam trazer contra mim: Eu tinha sido obrigado a deixar a divisaõ do General Wittingham em Reus e Vals, por falta de mantimentos, e meios de transporte. A divisaõ do General Sarsfield estava tambem sem subsistencia; porém em ordem a não me retirar inteiramente para a retaguarda, ou não estar preparado para tirar partido de quaesquer circumstancias favoreis, eu tomei sobre mim anticipar os mantimentos que sabia que vinham do General Elio, e que eu podia dar, por estarem embarcados em transportes Britannicos. Eu duvidei que o inimigo tivesse intenção de avançar; mas se elle o fizesse, o forte situado em minha frente, ou o desvio de Martorell se viesse por aquelle caminho, me dariaõ tempo sufficiente, para me retirar em segurança. Porem aos

12, pela meia noite, o inimigo atacou o passo de Ordal, e o tomou, depois de huma obstinada resistencia, por ter grande superioridade de numero. Os corpos foraõ obrigados a salvar-se nas montanhas; e duas peças de 6, com duas peças de montanha infelizmente cahiraõ nas maõs do inimigo. A unica satisfação que tenho he que o valor tanto dos Ingleses, como dos Hespanhoes: da firmeza e gallardia destes fallão todos os officiaes Britannicos, que estiveraõ presentes, em termos da maior admiração. Sinto ter de dizer, que o Coronel *dam* ficou gravemente ferido; assim como o Tenente-coronel *Reeves* e varios outros officiaes do segundo batalhaõ do regimento 27. O Calabrez não soffreo muito. Não posso dar hũa lista exacta da nossa perda, mas espero que se achará não ser consideravel: oico que 2,000 homens se uniraõ ao Coronel *Manso*, junto a *S. Sardoni*; entre elles ha 200 das nossas tropas; e grande numero tem ja vindo a unir-se de varias partes da costa, e chegaõ a todas as horas. Eu quiz immediatamente o exercito em retirada; os dragoens, e couraçeiros do inimigo nos apertaraõ mui de perto; foraõ porem valorosamente carregados, ainda que mui superiores em numero, pela nossa cavallaria, a qual pelo meio dia acabou de os perseguir.

Sou muito obrigado ao Coronel *Lord Frederico Bentinck*, pelo juizo e espirito com que dirigio as operaçoens de sua brigada. O regimento 20 de dragoens, commandado pelo Tenente-coronel *Hawker*, os hussares do *Brunswick*, pelo Tenente-coronel *Schraeder*; a cavallaria *Siciliana*, pelo Capitam *Stagdpede*, se distinguiraõ muito: o exercito fez a sua retirada, sem perda para *Vendrills*, donde marchou outra vez na mesma noite para *Altafiella*, e hontem de noite se acampou em frente desta cidade.

Septembro 17—Incluo as participaçoens dos differentes officiaes commandantes dos corpos, e artilharia, na acção de *Ordal*, para informação de *V. S.*

Septembro 17 ás 9 horas da noite —Acabo de receber noticia de que o inimigo sahio de *Villa Franca* esta manhaã, e voltou para *Molino de Rey*, junto ao *Lobregat*. Incluo hũa lista dos mortos, e feridos.

Terragona, 15 de Septembro de 1818.

My Lord,

Tenho a honra de vos informar, que perto das 11 horas na tarde de 12, o inimigo atacou o piquete postado em

frente de Ordal. O corpo livre Calabrez se tinha previamente movido do outeiro para a esquerda da posição, a fim de occupar o terreno mais para a sua direita, onde estão as ruínas de humia fortificação velha. As 12 o inimigo tentou forçar a sua passagem; a hora da noite que era fez que nos fosse impossivel averiguar com exactidão quaes eram as intenções do inimigo, nem descobrir a extensão de sua força: resistio-se ao ataque na esquerda da estrada com muita galhardia; e o inimigo foi repetidas vezes repellido pelas tropas Hespanholas, que occupavão o terreno, entre a estrada, e o lugar em que eu estava postado: a força principal do inimigo foi dirigida contra a direita da posição. Perto das duas horas me participou o Capitão Barão de Cremins, que o Coronel Adam, e o Tenente-coronel Reeves estavam ambos feridos; que o inimigo estava ganhando terreno, e vencendo as nossas tropas na direita. Eu avancei com os Calabrezes, e ataquei a esquerda do inimigo. Este tinha ja conseguido flanquear a direita da posição, e as tropas que tinham defendido o flanco forão obrigadas a retirar-se; eu por tanto determinei retroceder, conservando a posse dos oiteiros na esquerda da estrada.

Ao amanhecer mandei huma patrulha para o valle de S. Saturni, e em consequência da informação que tive, de que a Villa de S. Saturni estava occupada por tropas Hespanholas, marchei com a intenção de me tornar a unir ao exercito, pela estrada, que vai dalli para Villa Franca; depois de cruzar o rio que esta em frente da Villa, fui atacado por huma consideravel força do inimigo tanto de infantaria, como de cavallaria, e obrigado a retroceder pelo caminho de Barcelona. Alcancei atravessar a estrada real, sem que o inimigo o percebesse, e dalli parti na direcção de Sedges, na esperança de que o inimigo não teria occupado aquelle lugar; e que poderia embarcar o corpo alli, ou em Villa Nueva, o que tenho a satisfação de participar, que se executou no primeiro lugar durante a noite de 13.

Tenho a honra de transmittir a V. S. a participação do ataque na direita da posição, a qual recebi do Capitão Miller, commandante da companhia de atiradores de De Roll; e do Capitão Waldron, que commandou o segundo batalhão do regimento 27; depois que ficara feridos o Tenente-coronel Reeves, e o Capitão Mills. Sou &c.

(Assignado) J. CAREY, Com. C. F. C.
Ao Tenente-general Lord W. Bentinck.

Lista dos mortos, e feridos.

Mortos—1 capitão, 2 subalternos, 1 sargento, 24 soldados, e 7 cavallos.

Feridos—1 Coronel, 1 Tenente-coronel, 2 capitaens, 13 subalternos, 1 do estado-maior, 7 sargentos, 53 soldados, e 3 cavallos.

Extraviados—2 capitaens, 3 subalternos, 1 sargento, 32 soldados, 54 cavallos, 40 mulas.

N. B. Não se pode bem averiguar o numero dos mortos, feridos, e extraviados do 2. batalhaõ do regimento 27, corpo livre Calabrez, companhia de atiradores do De Roll, e 4. batalhaõ da Legião Aleman d'El Rey; porque estes corpos se virão obrigados a dispersar-se pelas montanhas. Já voltáraõ 700 homens, e sabe-se que muitos outros estão em marcha para se unirem ao exercito. Pela mesma razão he igualmente impossivel averiguar correctamente a perda da brigada Hespanhola.

O corpo Britanico, a saber, o 2. batalhaõ do regimento 27, o corpo livre Calabrez, e as companhias de atiradores não excederaõ de 1,100 homens na acção.

REPARTICAÕ DE GUERRA, 7 DE OUTUBRO.

Receberaõ-se officios do General Cathcart, e de Sir Carlos Stewart, do que o seguinte saõ extractos, e copias.

EXTRACTO

De hum officio do General Cathcart, datado do Toeplitz, a 13 de Septembro, de 1813.

Os Austriacos tomaraõ posse das estradas, que vão para a Saxonia por Marienberg, e Altenberg; e o General Kleinau das que vão ter a Chemnitz, e Freyberg. O paiz entre o Elbo, e o Elster he corrido pelas partidas dos corpos dos Alliados. Estas participaõ que o inimigo se tem empregado em mudar os doentes, e os convalescentes, e bagagem para Leipsic.

OFFICIO DE SIR CARLOS STEWART.

Praga, 14 de Septembro de 1813.

MY LORD,

Aos 8 do corrente o corpo commandado pelo Conde de Wittgenstein e a parte do corpo do General Kleist, que está debaixo das ordens do General Ziethen, o qual tinha outra vez avançado pelas montanhas para alem de Peterswalde, e Zehista, na estrada de Dresden, foraõ atacados

por huma força mui superior do inimigo, e houve huma renhida acção.

O Conde de Wittgenstein tinha o seu quartel-general em Pirna, quando o inimigo começou a avançar. A principal contenda durante o dia foi pela aldéa de Dohna, que foi defendida com muito valor, e galhardia pelos Alliados; mas trazendo o inimigo numero mui crescido junto á noite, o Conde Wittgenstein determinou-se a retroceder, e evacuar Donha: o corpo do General Ziethen teve, em consequencia ordem de occupar Pirna pela noite, e o corpo do Conde Wittgenstein se retirou para Peterswalde.

A perda dos Alliados, na acção deste dia se pode avaliar em perto de 1,000 homens mortos, e feridos; a do inimigo he muito mais consideravel.

S. A. R. o Duque de Cumberland estava no campo; e ajudou a acção deste dia.

O General Kleinau foi destacado com hum corpo para Freyberg, e Chemnitz, na esquerda, em quanto os Austriacos se movéram, como eu disse no meu primeiro officio, para Messig, e Leutmeritz, junto ao Elbo.

Aos 9 o inimigo continuou a avançar, e os Alliados se retiraram pelejando, e disputando cada polegada de terreno nas montanhas. Bonaparte tinha chegado, e vinha avançando com huma força mui consideravel, fosse com a determinação de fazer hum ataque geral; ou com o fim de huma grande demonstração, para cobrir hum movimento retrogrado, e mudar hum grande armazem de polvera de Konigstein para Dresden.

Avançando o inimigo, deraõ-se ordens immediatamente para que os Austriacos fizessem huma contramarcha, e os Alliados começaram logo a ajuntar todas as suas forças, nos ja victoriosos campos de Culm, e Toeplitz.

Aos 10 o inimigo apertou, aparentemente com maior força, das montanhas para Culm, e Toeplitz. Elles não somente avançaram, com as columnas que seguiam a retaguarda do Conde Wittgenstein; mas tambem com outro corpo mui consideravel por Zinfalde, e Kraufen. A este tempo as columnas Austriacas não tinham ainda entre si communicação estreita de Hussig, e Leutmeritz; e sabia-se que o inimigo excedia muito em numero as forças Russianas, e Prussianas; com tudo, determinou-se da maneira mais galharda dar-lhe batalha, no caso que elle avançasse, e fizeram-se consequentemente as disposições necessarias.

Sendo-me necessario retirar-me do Quartel-general, soube do Coronel Cooke, que o inimigo continuava aos 11 a fazer

Wittgenstein e a parte do corpo do General Kleinau
esta debaixo das ordens do General Ziethen, e qual tinha
outro vez avançado pelas montanhas para alem de Peters
walde, e Zehisa, na estrada de Dresden.

taes demonstrações, que indicavam hum ataque geral; e aos 12 avançaram e tomaram posse da aldea de Culm. Mais da metade do corpo Austriaco se tinha então unido ao exercito, e tomado a sua posição: tinham marchado com muito mau tempo, e peiores caminhos, sem intermissão, desde 10; porém chegaram em excellente ordem; e Bonaparte pôde então perceber o exercito alliado; que era de mais de 100,000 homens, postados, com 800 peças d'artilheria, promptos a dar-lhe batalha. Parece, com tudo, que elle começou a sua retirada de Nollendorf cerca do meio dia. Os alliados começaram immediatamente a limpar a sua frente; e a mandar grandes destacamentos de partidas de reconhecimento; e o corpo do General Kleinau foi outra vez destacado para a esquerda, reforçado por duas divisões sob o commando do Principe Lichtenstein.

Até o meio dia de 13, continuava o inimigo a sua retirada, levantando campo, e destruindo todas as estradas em todas as direcções de Dresden. Isto demorará de algum modo o seguimento dos alliados, e até fará ainda mais difficiloso hum movimento de flanco ou lateral.

Recebêram-se noticias de que o General Blucher entrou em Bautzen aos 10; mas não tenho recebido bulletins officiaes do Quartel-general Prussiano.

O Coronel Russiano Principe Modatoff, com as guardas Alexandrowski, executaram hum brilhante rasgo aos 9, entre Bautzen e Dresden. Queimaram 200 carros de munição, tomaram huma parte da bagagem de Bonaparte, e aprisionaram 1,200 homens.

Eu dou os parabens a V. S., mui sinceramente, pela brilhante victoria do Principe de Suecia. O lustre adicional, que resulta desta batalha, para as armas S. M. Prussiana, serve de objecto de elogio a S. A. R., o qual diz, que são agora viziveis os soldados do Grande Frederico, em todas as acções em que elles entram.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART.

Ao Visconde Castlereagh, &c. &c.

Cópia dos papeis inclusos por Sir Carlos Stewart.

Toeplitz, 11 de Setembro, 1813.

SENHOR!

O inimigo avançou contra nós cerca de huma hora, depois que sahistes daqui aos 10 do corrente.

Parecia existir a maior incerteza tanto a respeito do seu numero, como do ponto, em que deviam atacar.

Pela tarde, destacamentos fortes das tropas ligeiras do inimigo tomáram posse da estrada que vai pelos passos de Altenburgo, e repulsáram os granadeiros Russianos quasi até a planície, que fica por baixo.

Como o inimigo não fazia uso d'artilheria, nem appareceo ao mesmo tempo na estrada de Peterswalde; não havia indício de ataque serio, até que era ja mui tarde.

Os alliados porém repulsáram a sua esquerda, collocando as tropas, e peças ao longo da fralda da montanha, entre a aldea de Culm e Toeplitz, ao mesmo tempo que todo o exercito estava formado em posição de duas linhas, tendo a direita apoiada nas montanhas adjacentes á cidade; estavam em reserva, em ambos os flancos, columnas de infantaria.

O terreno era apertado, e offerecia pouca vantagem no caso de hum esforço sério, na frente dos Francezes.

O fogo cessou ao pôr do sol; e os alliados ficáram na posição durante o noite.

Eu inclino-me a attribuir este movimento da parte do inimigo ao desejo de saber a figura geral do paiz em torno de nós; e o numero das tropas que tinhamos á mão.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

HENRIQUE COOKE.

A Sir Carlos Stewart.

Toeplitz, 12 de Setembro, 1813.

SENHOR!

O inimigo cresceu consideravelmente em numero, durante todo o dia de hontem; e perto da noite se percebeo grande movimento sia sua esquerda. Logo avançaram com artilheria pela estrada grande, e acima dos Russianos, comandados pelo Conde Pahlew, da aldea de Nollendorf, quasi até Culm.

Ao anoitecer fomos reforçados por mais de 25,000 homens do exercito Austriaco: Estas tropas foram immediatamente postadas no extremo da nossa esquerda, a certa distancia das montanhas. Ellas marcháram com pouca interrupção desde a manhã de 10 do corrente, e durante toda a noite, mas estavam em boa ordem, e com poucos extraviados.

Tudo indicava hum ataque geral na manhã seguinte. Os prisioneiros explicávam as escaramuças de hontem, dizendo, que Bonaparte nos tinha reconhecido; e á noite, toda a cordilheira de montanhas estava cuberta com os fogos do inimigo.

Os corpos de St. Cyr e Victor, e toda a cavallaria das guardas, e o resto da divisaõ Vandamme, eram as tropas que se achavam na nossa frente. Hoje perto do meio dia, porém, começou o inimigo a retirar-se de Nollendorf.

Cre-se que mandáram grandes destacamentos para Kimmotan. Em consequencia disto, foi o General Kleinau reforçado por duas divisoens de tropas ligeiras Austriacas, de baixo das ordens do Principe Lichtenstein.

Os alliados estão differentemente postados, como vos participei aos 10. O resto dos Austriacos destacados para o Elbe, estão cubrindo a estrada de Aussig, na nossa direita.

Chegáram-nos hoje officios do Principe Real de Suecia, annunciando as alegres noyas de huma victoria ganhada pelos alliados, de baixo do commando de S. A. R., nas vizinhanças de Wittenberg.

Mais de 8,000 prisioneiros, 60 peças, 200 carros, e 40 peças de artilheria fôram tomados. Dizem que os Prussianos soffreram o forte desta acção, perdêram muita gente, e fizeram grande honra ao seu exercito. A batalha foi aos 7, e 8 do corrente.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) HENRIQUE COOKE.

Officio do Tenente-general Conde Walmoden, dirigido ao Secretario de Guerra em Londres.

Quartel-general Domitz, 20 de Setembro.

MY LORD!

Depois da minha ultima participacão, datada de Schweerin, aos 4 do corrente: o Marechal Davoust tem continuado sobre o rio Stocknitz. Tendo-me mudado para Domitz, mandei lançar ao rio huma ponte de botes, para ali cruzar o

Elbe, com huma cabeça de ponte, a fim de passar o rio, logo que o inimigo apparecesse na margem esquerda, ainda que elle permanecia em combinaçãõ com os Dinamarquezes, com quem se imaginava, que elle tinha deixado de cooperar, em consequencia da ultima marcha separada das tropas Francezas para Ratzburgo, e das Dinamarquezas para Lubeck: o inimigo continuou, contra as minhas esperanças, em estado de inactividade por varios dias. Consequentemente fiz mais outro movimentó para elle, fixando o meu Quartel-general em Hazenau aos 12 do corrente.

Tendo sido informado por cartas interceptadas da intençãõ que o Marechal Davoust tinha de destacar 8 ou 9 mil homens, a fim de limpar a margem esquerda do Elbe, e avançar para Magdeburg, eu cruzei o rio pela meia noite, aos 14 do corrente, juncto a Domitz, tomando as tropas debaixo do meu commando, a excepçãõ dos Suecos, e Mecklemburguezes, que ficaram na posiçãõ de Grevesmühlen, e a legião Hanscatica, que deixei com a infantaria do corpo de Lutzou na margem direita. Aos 15 occupei a posiçãõ de Jetzel, juncto a Danenberg.

No em tanto, o Marechal Davoust tinha destacado o General Pecheux, com a parte principal de sua divisaõ, que tendo passado o Elbe, marchou para Dahlenberg. Tarde na noite de 15, fui informado de que esta força se tinha postado em Gorde. Na manhã seguinte, 16, ao romper do dia, puz as tropas em movimento. O inimigo tinha occupado as alturas em frente de Gorde, na estrada de Dannenberg. Eu postei as minhas tropas no vale, com as vistas de occultar ao inimigo o meu numero, assim como de esperar o seu ataque. Pelo meio dia recebi informaçãõ de que a parte principal de sua força estava entre as aldeas de Oldendorf e Eichsdorf, hum quarto de milha Alemaã na retaguarda de Gorde. Não havia tempo que perder no ataque.

Mandei que a infantaria Hannoveriana marchasse com duas baterias, debaixo das ordens do Major-general Lyon, para a estrada grande, que vai ter ao castello de S. M. em Gorde, a fim de atacar o inimigo pela frente: o General Tettenborn, formava a guarda avançada, com tres regimentos de Cossacos. Ordenei ao mesmo tempo, que seis batalhoens de infantaria, e huma bateria, e hum regimento de hussares da legião Alemaã Russiana, marchassem, debaixo das ordens do General Arentschildt, pelos bosques de Gorde, para flanquear a ala direita do inimigo; e eu destaquei o General Dornberg para a esquerda do inimigo, na direcçãõ de Dubbelwald, á frente do 3. regimento de hussares da legião Alemaã d'El Rey, os hussares de Estorf,

humã bateria de artilheria de cavallo, e metade da brigada de fogueteiros.

Os postos avançados do inimigo, nos matos, fizeram pouca resistencia, retiráram-se para a extremidade do bosque, aonde, tendo-os perseguido, achei o corpo do inimigo mui vantajosamente postado em humã altura em frente da estrada da Dauenberg.

As 4 horas da tarde fôram vistas as nossas duas columnas avançando para fóra do mato, e o inimigo respondeu fracamente ao fogo da nossa artilheria, com 8 ou 10 peças. Surpreendido com ver tão grande corpo de infantaria, ao mesmo tempo que elle imaginava que tinha de encontrar-se somente com tropas ligeiras, o inimigo principiou as suas disposições para retirada, ao momento em que os nossos batalhoens se formavam para o ataque. He mui provavel que elle se teria muito antes disto determinado a retirar-se; se não fosse que o General Pecheux, comuandante deste corpo, estava actualmente com os postos avançados no bosque, em distancia da sua posição, aonde teve somente tempo de chegar; justamente quando as nossas tropas se preparavam a formar-se contra elle. A esquerda do inimigo começou a retroceder— a direita conservou-se firme para cubrir a sua retirada. Este flanco foi formado nas alturas em tres columnas de batalhoens, e fez a mais marayilhosa resistencia quando ás 5 horas e meia a nossa infantaria atacou duas destas columnas por todos os lados.

O 1. e 2. batalhoens da Legião Russiana Alemaã começou hum vivo fogo, na distancia de 90 passos. Ao mesmo tempo a columna da Legião Russiana Alemaã chegou a hum lado, e o General Dornberg, com o 3. de hussares da Legião Alemaã d'El Rey, appareceo do outro lado. O primeiro regimento de hussares da Legião Alemaã d'El Rey carregou o inimigo e lhe rompeo os quadrados. O 3. regimento de hussares da Legião Alemaã d'El Rey carregou com dous esquadroens outro destes quadrados que hia avançado a pouca distancia em marcha de ataque. Estes hussares romperam as suas fileiras, em quanto reciprocamente fôram tambem atacados de flanco, e na retaguarda a pequena distancia. Forçado a retirar-se hum pouco, este regimento, com mais dous esquadroens fez segundo ataque, e logo depois terceiro, com tanta intrepidez, que nunca a houve maior.

No entanto a infantaria ligeira do batalhão de Bremen, tinha no primeiro rompante perdido o seu commandante, o Maior Devaux, e quatro officiaes. Eu ordenci instantaneamente hum ataque de bayoneta. Os batalhoens de Langrehr e Benigsen, debaixo do commando do brigadeiro Halkat o poz em execução, com grande intrepidez, for-

quando o inimigo a retirar-se, o qual vendo que lhe não restava agora outro recurso, senão o da mais desesperada resistencia, se formou de novo em retirada, e tornou a começar o fogo. No entanto a artilheria da Legião Alemã d'El Rey sob o Major Bruckman chegou á nossa direita, e abriu huma bem dirigida canhonada, apoiada pela brigada dos fogueteiros, cujo commandante tinhá tomado o terreno juncto ao fogo da infantaria do inimigo.

A este periodo, a maior parte dos quadrados do inimigo, horrorizado, e rompido por todos os lados, começou a ceder, e por fim fugio em todas as direcçoens, para as alturas vizinhas aonde, a desordem geral brevemente se communicou aos que tinham sido postados ali, para cubrir a retirada.

Tendo-se puchado o ataque e seguimento do inimigo até Nahrendorf o inimigo se vio cortado da estrada de Dahlenburg, e se retirou para Bleckede: e na manhã seguinte tornou a passar o Elbe, juncto a Zollenspicker. Tendo o General Pecheux perdido os seus cavallos, e bargagem, foi obrigado a fugir a pé.

As sette horas, e meia da tarde, eu entreguei a seguida do inimigo fugitivo aos cossacos: e a junctei as tropas, a quem a escuridade da noite, e natureza do terreno não favoravel fazia impossivel que seguissem o inimigo. Alem disto recebi informaçãõ de que o inimigo vinha avançando pela margem direita do rio, a fim de desalojar o meu destacamento em Boitzenburgo, e aproximar-se a Demitz, e ponte da outra parte.

O corpo do inimigo, de quem alcançaram as tropas, que estão debaixo do meu commando, tão assignalada victoria, era de 5 á 6 mil homens, incluindo 600 cavallos, e 10 peças d'artilheria, a sua perda he de 1,500 a 2,000 homens mortos e feridos. O numero dos prisioneiros tomados chega a 1,500, entre os quaes se acha o General Mielozinski, dous ajudantes de campo do General Pecheux, o Coronel Fitz-James, e varios outros officiaes. Tomamos 8 peças d'artilheria, e 12 carrotoens de muniçoens. Depois da acção, o General Tettenborn, com a guarda avançada occupou Bleckede e Luneburg.

Eu estou plenamente satisfeito com o valer das tropas, e sou particularmente obrigado ao Major-general Lyon, que mostrou nesta occasião a actividade e intrepidez, que nelle tão bem se reconhecem; assim como tambem aos brigadeiros Halket, e Martin, e ao Major Bruckman.

Os batalhoens de Lagrehr e Bennigsen se distinguiram muito. O General Doruberg commandou a cavallaria com todo o espirito e vivacidade, que são tão characteristics daquelle official.

Naõ posso louvar sufficientemente o valor do 3. reg. de hussares da Legião Alemã d'El Rey, taõ conspicuo nos seus repetidos ataques, capitaneados pelo seu commandante o Major Kuper: como igualmente o do 1 de hussares, da Legião Alemã Russiana, contra os quadrados do inimigo. Eu lamento que a gloria que o primeiro destes reg. ganhou, fosse adquirida com perda taõ consideravel. Eu estimara, que se atrahisse a attençaõ de S. A. R. o Principe Regente, para o comportamento do Major Kuper, commandante deste regimento, á frente do qual foi a sua galhardia taõ conspicua.

Naõ posso omitir o mencionar os serviços, que recebi, nesta occasião, do meu Ajudante-general, o Tenente-coronel De Berger; e do meu quartel-mestre-general, o Tenente-coronel De Clausewitz. Tenho tambem experimentado o maior adjutorio do meu estado-maior pessoal. O Capitaõ de Grabbee, official das guardas Russianas, achei que foi extremamente util; assim como o Tenente-coronel, Conde Fernando Kielmansegge. Sou muito obrigado ao Tenente-general Conde Lniz Kielmansegge, pelo auxilio que me tem prestado em todas as occasioens.

Peço licença para chamar a attençaõ de V. S. a huma assaz brilhante açãõ que o Conde Frederico Kielmansegge, coronel de hum corpo de caçadores, teve ha algum tempo com os Francezes, e que ate aqui se me naõ offereceo occasião de mencionar. Foi em consequencia desta açãõ, em que os Francezes, perdêram mais de 150 prisioneiros, que nos estamos ja em posse de Danaenberg e suas vizinhanças e achamos aqui as hossas tropas ligeiras, na chegada do nosso corpo principal.

A perda que soffreo o corpo debaixo do meu commando, monta a 500 homens somente em mortos e feridos; entre os primeiros se acham o Major De Vaux, o Capitaõ Hugo, e alferes Cramer; alem de dous officiaes da Legião Russiana Alemã. O Cossacos debaixo das ordens do General Tettenborn, no dia seguinte, avançaram até Harburgo, e cortãram todas communicaçõens do Marechal Davoust, elle se verá na necessidade de destacar outra força para as restabelecer.

He somente a consideração de grande superioridade do inimigo quem me restringe a naõ satisfazer os meus anciosissimos desejos, atacando o de huma vez, no Steckwitz. Aos 17, tendo o inimigo puchado adiante a sua guarda avançada de Mollen para Wittenberg, pela estrada de Schwerin, me deo lugar a temer hum movimento offensivo na outra margem d'onde eu tirei as tropas para esta expedição. Portanto tendo obtido o meu fim, resolvi a tornar a passar para a margem opposta do rio, e consequentemente estabeleci o meu quar-

tel-general em Domitz, com as vistas de estar prompto a obrar de ambos os lados do Elbe, segundo as occasioens que me der o inimigo.

Tenho a honra de ser, &c.
(Assignado) L. C. WALLMODEN, Tenente-geeral.

Lista dos mortos, feridos, e extraviados.

1 Capitão, 1 tenente, 2 alferes, 6 sargentos, 78 soldados, e 117 cavallos mortos; 1 Tenente-coronel, 3 majores, 8 capitães, 11 tenentes, 6 alferes, 16 sargentos, 335 soldados, 173 cavallos, feridos: 90 soldados, e 33 cavallos extraviados.

REPARTIÇÃO DA GUERRA, 18 DE OUTUBRO.

O Capitão Conde de March chegou hoje com hum officio do Feld-marchal Marquez de Wellington, dirigido a Conde Bathurst hum dos principaes Secretarios de Estado de S. M.; do qual o seguinte he copia.

Lezaca, 9 de Outubro, 1812.

MY LORD,

Tendo julgado conveniente cruzar o Bidassoa, com a esquerda do exercito, tenho o prazer de informar a V. S. que se effectou aquelle objecto aos 7 do corrente.

O Tenente-general Sir Thomas Graham, ordenou que a 1. e 5. divisoens, e a 1. brigada Portugueza, sob o brigadeiro-general Wilson, cruzasse aquelle rio em tres columnas abaixo, e huma acima do lugar da ponte, debaixo do commando do Major-general Hay, Coronel o Hon. Greville, Major-general o Hon. Eduardo Stopford, e Major-general Howard; o Tenente-general D. Manuel Freire ordenou, que aquella parte do exercito Hespanhol, que estava immediatamente debaixo de seu commando, cruzasse em 3 columnas, nos váos acima daquelles que passarem as tropas Alliadas Britannicas e Portuguezas. Os primeiros eram destinados a tomar os entrincheiramentos do inimigo, cerca e acima de Andaye, ao mesmo tempo que os ultimos tomassem os de Montague-Verte, e das alturas de Mandale, pelo que flanqueariam a esquerda do inimigo.

As operaçoens de ambos os corpos de tropas fóram bem succedidas em todos os pontos. As tropas Britannicas e Portuguezas tomaram 7 peças d'artilheria, nos redutos e baterias que assaltaram, e as tropas Hespanholas huma peça nos que acemmetteram.

Tive particular satisfacção em observar a firmeza a galhardia de todas as tropas. O reg. 9 Britannico, encontrou mui forte opposição; carregou mais de huma vez com a bayoneta; e soffreo bastante; mas julgo-me feliz em poder accrescentar, que nas outras partes destes corpos a nossa perda não foi grande.

As tropas Hespanholas, sob o Tenente-general D. Manuel Freire, se portaram admiravelmente bem, e flanquearam e tomaram os entrincheiramentos do inimigo no outeiro; com grande dexteridade e galhardia; e sou muito obrigado ao Tenente general, e ao Tenente general Sir Thomas Graham, e aos officiaes do Estado-maior de ambos os corpos, pela execucao dos arranjamtos desta operação.

O Tenente-general Sir Thomas Graham, havendo assim estabelecido dentro do território Francez, as tropas do Exer-cito Alliado Britannico, e Portuguez, que tao frequente-mente se distinguiram debaixo de suas ordens, resignou o commando ao Tenente-general Sir Joao Hope, que tinha chegado da Irlanda no dia antecedente.

Em quanto isto se passava na esquerda, o Major-general C. Barao Alten atacou, com a divisao ligeira, os entrincheiramentos do inimigo em Puerto de Vera, sustentado pela divisao Hespanhola, sob o brigadeiro-general Longa; e o Marechal de Campo, D. Pedro Giron atacou os entrincheiramentos e postos do inimigo na montanha chamada La Rhune, immediatamente na direita da divisao ligeira, com o exercito da reserva da Andaluzia.

O Coronel Colborne, do reg. 52, que commandava a brigada do Major-general Skerrett, na ausencia do Major-general, em consequencia de sua má saude, atacou a direita do inimigo em hum campo, que estava fortemente entrincheirado; e o reg. 52, debaixo do commando do Major Mein, carregou da maneira mais galharda, e tomou o entrincheiramento á bayoneta. O 1. e 3. de caçadores, e o 2. batalhão do reg. 95, assim como o reg. 52, se distinguiram neste ataque.

A brigada do Major-general Kempt atacou por Puerto; aonde a opposição não foi mui grande; e o Major-general Carlos Alten participou a sua opiniao do discernimento que mostraram tanto o Major general, como o coronel Colborne, nestes ataques. Sou particularmente obrigado ao Major-general Carlos Alten, pela maneira em que executou este ser-

viço: a divisaõ ligeira tomou 22 officiaes e 100 soldados prisioneiros, e tres peças d'artilheria.

Estas tropas levaram tudo diante de si, da maneira mais galharda, até que chegaram ao pé do rochedo, em que está a hermidã, e fizeram repetidas tentativas, para tomar o posto de assalto; mas éra impossivel subir acima, e o inimigo ficou durante a noite de posse da hermidã, e sobre hum rochedo na mesma cordilheria de montanhas, com a direita das tropas Hespanholas. Passou-se algum tempo hontem de manhaã, antes que se desvanecesse a nevoa sufficientemente para reconhecer a montanha, que eu achei ser inacessivel, pela sua direita, e que o seu ataque se podia com vantagem combinar, com o ataque das obras do inimigo, em frente do campo de Saarre. Consequentemente ordenei ao exercito de reserva, que se concentrasse na sua direita, e logo que começou a concentraçãõ, o Marechal de Campo D. Pedro Giron ordenou ao batalhaõ de las ordenes, que atacasse o posto do inimigo, no rochedo da direita da posiçãõ occupada por suas tropas, que instantaneamente se tomou da maneira mais galharda. Estas tropas seguirãõ o seu bom successo, e tomaram o entrincheiramento, que protegia a direita do campo de Saarre, e o inimigo evacuou immediatamente todas as suas obras, para defender os aprochos do campo, de que tomaram posse os destacamentos, que se mandaram da 7. divisaõ, enviados para este fim pelo Tenente-general o Conde de Dalhousie, por Puerto de Eschalar.

D. P. Giron estabeleceo entãõ hum batalhaõ na esquerda do inimigo, sobre o rochedo da hermidã. Era demasiado tarde para proseguir adiante, a noite passada, e o inimigo se retirou do seu posto da hermidã, e do campo de Saarre, durante a noite.

Da me singular satisfacãõ o poder participar o bom comportamiento dos officiaes e tropas do exercito de reserva da Andaluzia, tanto nas operaçoens de 7 do corrente, como nas de hontem.

O ataque, que fez hontem o batalhaõ de las ordenes, debaixo do commando do Coronel Hore, foi executado com mui boa ordem, e com tanto espirito, quanto tenho visto em tropas algumas: e estou muito satisfeito com o espirito e disciplina de todo este corpo.

Nãõ posso applaudir demasiado a execuçãõ dos arranjamientos para estes ataques, que fez o Marechal de Campo D. Pedro Giron, e os officiaes-generaes, e do estado maior, debaixo de suas ordens.

Omitti participar a V. S. no meu officio de 4 do corrente, que, no meu caminho para Roncesvalles, no 1. do corrente,

ordenei ao Brigadeiro-general Campbell, que trabalhasse e por tomar os piquetes do inimigo que lhe ficavam em frente, e que elle atacou naquella noite, com mui bom successo, com as tropas Portuguezas de seu commando, tomando hum piquete todo inteiro, que consistia em 70 homens: taobem se tomou por assalto hum posto fortificado na montanha de Arolla, e toda a guarnição foi passada á espada.

Depois que escrevi a V. S. a ultima vez, recebi cartas do Tenente-general Clinton, na Catalunha, em data de 3 do corrente. O General estava ainda em Tarragona, e o inimigo na sua posição antiga no Lobregat.

O Tenente-general Lord Guilherme Bentinck se tinha embarcado para Sicilia aos 22 de Setembro.

Mando este officio pelo meu ajudante de campo o Capitão Conde de March, que peço licença para recommendar á protecção de V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

WELLINGTON.

Incluo a lista das perdas, que soffremos na ultima operação; e lista dos mortos, feridos, e extraviados, do exercito commandado pelo Tenente-general Lord Guilherme Bentinck, uas acçoens de Ordal, aos 12 e 13 do passado.

Total da perda na passagem do Bidassoa, aos 7 e 8 de Outubro.

Perda Britannica.—1 Capitão, 3 tenentes, 5 sargentos, 1 tambor, 69 soldados, mortos: 1 major, 12 capitaens, 22 tenentes, 4 alferes, 1 do estado-maior, 33 sargentos, 3 tambores, 419 soldados, feridos: 5 soldados, extraviados.

Perda Portugueza.—1 Tenente-coronel, 1 capitão, 1 tenente, 2 alferes, 2 sargentos, 41 soldados; mortos: 1 major, 1 capitão, 2 tenentes, 7 alferes; 18 sargentos, 1 tambor, 152 soldados, feridos: 8 soldados, extraviados.

Não se receberam ainda listas exactas da perda Hespanhola, mas avalua-se em 750 mortos, feridos e extraviados.

SECRETARIA DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS,
28 D'OUTUBRO.

O seguinte são copias dos Officiaes do Tenente-general Sir Carlos Stewart ; e Eduardo Thornton, Escudeiro.

Toplitz, 1 de Outubro de 1813.

MY LORD !

A acção que mencionei no meu officio de 29 do passado, junto a Altenberg, se achou ser de maior importancia do que ao principio se imaginou ; e o Hetman Platow, com a sua habilidade e galhardia costumada, executou hum brilhante feito contra hum consideravel corpo do inimigo.

Este corpo estava debaixo das ordens do General Le-febvre Desnouettes, e consistia de alguma cavallaria ligeira Franceza, os hulanos Polacos das guardas, e huma brigada de dragoens ligeiros, debaixo das ordens do General Pirot. Os Generaes Keiseiski e Krutecks estavam tambem em commando.

A força consistia em 8,000 cavallos, e 700 infantes, hum esquadrão de Mamelucos, e huma pequena partida de Tartaros das guardas, debaixo das ordens do Coronel Murot. Tudo isto foi atacado por Platow, e derrotado completamente.

O General Keiseiski, dizem os prisioneiros, foi morto. Os fructos desta victoria são 1,500 prisioneiros, 5 peças, e 40 officiaes (3 do estado maior.)

O exercito sahio daqui, e o seu movimento he para a esquerda. O corpo do General Conde Wittgenstein estava hontem em Comotan, e o do General Kleist junto a Brux.

Os Austriacos estão marchando para Chemnitz, chegou-nos do inimigo hum rumor, que Napoleão, acompanhado por El Rey de Saxonia, e sua familia, partio para Leipsic aos 28 do passado : dizem que se mudaria para ali o Quartel-general.

O corpo Francez, commandado pelo Marechal Augerau, marchou de Bamberg para Coburg, tendo deixado huma força consideravel em Wurtzburg.

Tenho razão para crêr, que o exercito Russiano e Prusiano excede 80,000 homens, que se ajuntam agora na linha de Chemnitz e Freyberg ; a isto se deve accrescentar o corpo de Kleinau, de 10 mil homens, juntamente com todos os Austriacos.

O corpo do General Benigsen, a que se passou revista hoje, está em estado mui effectivo quanto ás apparencias, porém não tenho informação exacta dos numeros a que chegam.

Acha-se na estrada de Praga, hum reforço de 7,000 homens do corpo Prussiano do general Kleist.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-general.

Ao Visconde Castlereagh.

Zerbst, 4 de Outubro, 1813.

MY LORD!

Tenho a honra de informar a V. S., que o General Pozzo di Borgo recebeu noticias do Quartel-general dos exercitos na Bohemia: em data de 24 do passado, referem ellas, que, havendo o corpo do General Benigsen feito a sua junção com o grande exercito, os Soberanos Alliados tomáram a resolução de fazer hum movimento de Bohemia, pela sua esquerda; e que este movimento se executaria do 1. do presente mez.

Esta informação determinou o Principe Real a tentar a passagem do Elbe. Tinha-se ja completado a ponte em Roslau, em quanto se traçavam as obras de cabeça de ponte na margem esquerda, e hiam em estado de progresso. Alguns destacamentos de tropas Suecas estavam de posse de Dessau, e se estava fortificando a cidade de Acken, na margem esquerda, hum pouco mais abaixo no rio, debaixo da direcção do Conde Woronzoff; e em tal maneira que a tornaraõ huma praça de consideravel força; em quanto se acceleravam os preparativos, para construir ali huma ponte.

No entanto, o inimigo, que parecia não ter idea da passagem do Elbe, em Acken, mandou fortes destacamentos de tropas para occupar Dessau, e a linha do Mulda, e se empregáram em construir obras tanto em frente daquella cidade, como na cabeça de ponte de Rosslau, com a intenção de impedir ali a passagem, e interromper os movimentos do exercito depois da passagem. Isto deo occasião a escaramuças entre o inimigo, e a guarda avançada Sueca, que foi obrigada a deixar Dessau, e retirar-se para a vizinhança da cabeça de ponte em Rosslau, e, na verdade, na margem direito do rio.

Nestas circumstancias recebeo o Principe Real noticia do General Blucher, no 1. do corrente, informando a S. A. R. que naquelle dia fazia hum movimento com todo o seu exercito para a sua direita, na direcção de Hertzberg; e que no dia seguinte elle estaria em Jessen; aos 3 em Elster, e no seguinte dia (hoje) effectuaria a passagem do Elbe em Elster, dirigindo-se a Kemberg, contra o corpo Francez postado ali.

A ponte em Acken tinha-se justamente concluido, e hontem, hoje, ou talvez amanham, são os dias em que se fälla como provaveis, que se passará o rio.

O General Blucher cruzou o rio, em Elster hontem, com alguma opposição, e atacou a aldea entrincheirada de Wartenberg na margem opposta, a qual tomou, depois de huma obstinada resistencia, fazendo-se senhor de 16 peças de artilharia. Entende-se que esta victoria, que foi alcançada contra hum corpo commandado por Bertrand não se obteve sem perda consideravel, principalmente entre as tropas commandadas pelo General D^o York: mas ainda se não recebêram as relações circumstanciadas.

O Principe Real recebeo esta noticia hontem a noite, estando em Rosslau, ou immediatamente depois, de chegar aqui, e tomou a resolução de mandar todo exercito cruzar o Elbe, em Acken e Rosslau, os Russianos no primeiro lugar, os Prussianos e Suecos, em Rosslau alguma cousa mais tarde, alias, entende-se que os Francezes fariam pé firme em Dessau. Isto porém não éra de esperar huma vez que se completou a passagem em Acken pelos Russianos, particularmente na posição do exercito do General Blucher. Com effeito soube-se esta manhaã que os Francezes, se tinham retirado de Dessau, aonde consequentemente, me dizem, que o Principe Real estabelecerá o seu Quartel-general esta noite. Sua Alteza Real sahio deste lugar esta manham pelas 9 horas.

Hontem a noite Mr. Adlercreutz, filho do General, e Ajudante-de-Campo do Principe Real, voltou aqui do Quartel-general Imperial aonde fôra mandado depois da batalha de Donnewitz. Traz noticias do actual movimento do Grande Exercito, no 1. do corrente como se tinha projectado; calculava-se que hontem, 3, teria avançado ate Chemnitz.

Ainda não recebi as relações da acção do General Blucher; porem o Barão De Wetterstet me prometteo de demorar este mensageiro, até que receba está noite o officio delle para Mr. de Rehausen, e me prometteo (quando foi hoje para Dessau) transmittir-me ao mesmo tempo as mesmas particularidades, se as obtivesse. Eu conservarei este officio aberto para ellas.

Tenho noticias indirectas do General Czernicheff ter tomado posse, com o seu corpo de Cossacos, de toda a cidade de Cassel, d'onde fugio Jeronimo Bonaparte; nada porém recebi ainda do mesmo General.

Tenho a honra de ser, &c.

E. THORNTON.

P. S. 10 horas da noite. Tenho a honra de incluir a V. S. huma carta que acabo de receber do Barão Wetterstedt.

Quartel General, Dessau, 4 d'Outubro.

Segundo as participações, que se receberam do General Blucher, elle combateo com o 4. corpo Francez, commandado pelo General Bertrand. Este se achava fortemente entrincheirado em huma aldea entre Wartenberg e Bledin. O Corpo do General d'York desalojou, e derrotou o inimigo, tomando-lhe mais de 1,000 prisioneiros; 16 peças de artilharia, e 70 carros manchegos, com o seu trem. Hum corpo de 2,000 homens atirou com sigo em Wittenberg, o resto do corpo inimigo retrocedeo para Kemberg. O General Blucher o persegue, e terá o seu Quartel-general, esta noite, naquella ultimo lugar. A sua cavallaria está em Duben. Esta manham pelas 5 horas, as tropas do inimigo, debaixo do commando do Marechal Ney, que estavam nesta cidade em numero de 18,000 homens, principiáram a sua retirada para Leipsic. Os nossos postos avançados se adiantáram no decurso da noite até Raghun e Jernitz; e a manham se fará a junção com o General Blucher. A vanguarda do exercito Russiano debaixo das ordens do Conde Woronzow occupa Coethe. Bernburgo esta guarnecido por cavallaria Russiana. A manham os dous exercitos do Principe Real, e do General Blucher farão hum movimento combinado, em avancada, provavelmente na direcção de Leipsic. Elles formam juntamente hum total de 127,000 ou 130,000 homens. Sua Alteza Real sem duvida estabelecerá o seu Quartel-general em Raghun.

Tenho a honra de ser, &c.

DE WETTERSTEDT.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 23 de
Outubro de 1813.

EXTRACTO

De hum officio do Lord Aberdeen ao Lord Castle-
reagh, datado de Comotau, a 9 de Outubro de
1813.

O exercito avançou em linha recta para Leipsic, perto de
cuja cidade está o Quartel General do Principe Schwartz-
zenberg. O Principe Real e o General Blucher tinhaõ
avançado para o mesmo ponto : consequentemente as forças
alliadas tem quasi effeituada a sua junção ; e esta lançanda
huma *rideau* ou cortina a travez desta parte da Saxonia que
se estende desde Dessau para Marienburg sobre a fronteira
de Bohemia. No entanto o General Benigsen com o corpo
de Colloredo expellio o inimigo dos seos entrincheiramentos
em Gieshubel, e avançou para Dresda pela grande estrada de
Toplitz.

A pozição actual, e as intençoens de Bonaparte são inteira-
mente desconhecidas. Huma grande força, que não he
menor que 50,000 homens se oppoem ao Principe de Schwartz-
zenberg : e julga-se geralmente, que Bonaparte mesmo fez
hum rapido movimento com todo o seu exercito para atacar
o General Blucher antes que elle effeituasse sua junção com
o Principe Real. Seja porem como for, he provavel,
que qualquer vantagem parcial, não melhorará essencialmente
sua situação, nem fara mais duvidozo o final e bom successo
dos alliados. Sua communicação com França está inteira-
mente cortada—seu exercito em grande miseria—seos arma-
zaens quasi exauridos—e o paiz em que esta, inteiramente
sem meios de os fornecer :—Bonaparte achará pois neces-
sario brevemente romper pelo cerco que se tem feito em torno
delle. Nesta tentativa elle pode provavelmente ser bem
succedido ; mas ha toda a razão de esperar, que ella sera
acompanhada pela destruição de huma grande parte do seu
exercito.

He preciso render plena justiça aos talentos militares, e
habeis combinaçoens do Principe Marechal : Se elle tivesse
sido menos prudente, e circunspecto em seos movimentos,
nos não nos achariamos collocado na formidavel, e comman-
dante *atitude* que podemos agora tomar.

P. S. Por noticias recebidas esta manham, parece que o Principe Schwartzenberg com o grosso do seu exercito, esta em Chemnitz, e suas vizinhanças. Bonaparte sahio de Dresda a 7 com o Rey de Saxonia, e sua familia, e está em Rochlitz, onde a principal parte do seu exercito se tem unido. O General Benigsen avançou para Dresden, onde Bonaparte deixou, segundo se diz, huma fraca guarnição, que não excede a 3,000 homens.

EXTRACTO

De hum officio do Tenente General Sir C. Stewart ao Visconde Castlereagh, datado do Quartel General do Principe Real de Suecia em Rottenburg, a 11 de Outubro de 1813.

Em conformidãde das instrucçoens de V. S., e achando-me sufficientemente restabelecido da minha ferida para viajar, sahi do Quartel General do exercito alliado em Toplitz a 3 do corrente, e cheguei ao do Principe da Coroa de Suecia em Radegast, perto de Zorbig, no dia 8. Mr. Thornton informou plenamente a V. S. das interessantes noticias militares naquelle periodo. Agora tenho de informarvos, que depois da brilhante passagem do Elbo executada pelo General Blucher em Elster, na qual se tem desenvolvido no mais eminente grão resoluçãe e juizo, e subseqüente passagem do mesmo rio executada pelo exercito Sueco nos pontos de Rosslau, e Acken, S. A. R. o Principe da Coroa concebeo, que hum movimento de todas as forças alliadas para a margem esquerda do Saale forçaria o inimigo a huma batalha geral, ou seria o modo mais effectivo, e adequado para embaraçar perseguir, e fatigar a sua retirada, se elle se rezolvesse a huma medida, que os movimentos dos exercitos de Bohemia, Silezia, e Norte da Alemanha nos seos flancos, e em todas as suas communicaçoens, parecia tornar indispensavelmente necessaria.

Napoleão ao que parece, manubrou de Dresden, segundo consta, com hum grande corpo de cavallaria sobre a direita, e toda a sua infantaria pela margem esquerda do Elbo, ate abaixo de Archlau. Fez se no dia 8 huma forte demonstraçãe de 20 a 30 mil homens de Torgau para o ponto de Elster, onde o General Blucher passou, provavelmente com o desig-

nio de ameaçar aquelle General, e de o forçar a repassar o Elbo. Todavia a animoza rezolução dos Alliados não era de interromper seos movimentos somente á vista de demonstraçoens do inimigo; e todo o exercito de Blucher, estando actualmente em estreita communicação com o do Principe Real, marchou de Duben para Jesnitz, no dia 9, e passou o Mulda; e o Principe da Coroa concentrou suas forças entre Zorbig, Radegast, e Bitterfeld. O inimigo, segundo as noticias, parece estar unido agora perto de Eulenberg, e Oschatz, entre o Mulda, e o Elbo.

A 10 o General Blucher moveo-se de Jesnitz para Zorbig, onde seajuntáraõ os exercitos da Silezia, e do Norte da Alemanha. Tendo-se tomado a rezolução de passar o Saale, passaraõ-se as ordens no curso da noite; e o General Blucher marchou com o exercito da Silezia para passar o rio em Wettin, onde se tinhaõ construido pontes para este fim.

O General Bulow com o seu corpo de exercito estava tambem para passar em Wettin: o General Winzingerode com os Russianos, em Rathenburg; e o Principe Real, com os Suecos, em Aisleben, e Bernburg. Todas as forças estaõ entaõ para se arranjar em ordem de batalha, com a sua esquerda sobre o Saale, esperando o ulterior desenvolvimentos dos movimentos do inimigo. O corpo do General Bulow, e o do General Winzingerode, depois de passarem o rio, deviaõ formar a direita do exercito da Silezia, e os Suecos a reserva, ou a segunda linha.

Cada corpo de exercito deve formar-se em tres linhas. O General Woronzoff, que formava a guarda avançada do General Winzingerode em Halle, devera regular-se em seos movimentos pelas tentativas do inimigo, e recuará para onde estaõ as grandes forças, passando em Wettin, no caso de ser atacado por numero superior; de outra sorte, devera reter Halle o mais tempo possivel.

V. S. observara, por estes animozos, e decididos movimentos, que os pontos de passagem no Elbo, pelos quaes os exercitos passaraõ, foraõ abandonados, e seraõ destruidos se for necessario; e tem-se preparado outras pontes abaixo de Magdeburg no caso de necessidade.

O corpo de observação debaixo das ordens do General Thumen defronte de Wittenberg, composto de quasi 6,000 homens, no caso de o inimigo forçar alli huma passagem com o fim de se alongar pela margem direita do Elbo, e de voltar por Magdeburg ou (vista a extremidade a que se acha reduzido) no caso improvavel, mas possivel, de romper com todas as suas forças para Berlin; tem ordem de se retirar para o General Tauenzien, o qual com dez mil homens, deve manter se em Dessau, e manubrar, segundo as circumstancias, ou

na margem direita contra qualquer esforço possível do inimigo ; ou por meio de marchas forçadas reforçar, no caso de necessidade, os exercitos juntos nas margens do Saale. O General Tauenzien será auxiliado por todo o Landsturm, e alguns corpos mais pequenos destacados devem tambem unir-se-lhe:

Chegou informação de que o General Platow com os seus Cossacos, estava em Pegau : o General Kleist, e Wittgenstein, com a vanguarda do grande exercito da Bohemia, proximos de Altenberg ; e nossa communicacão parece estar completamente estabelecida na retaguarda do exercito Francez.

A informação a respeito dos movimentos do inimigo era ainda vaga ; receberam-se porem noticias na tarde do dia 10, que elle estava movendo as suas tropas dos differentes pontos de Lutzen, e Würzen para Leipsic, acrescentando-se que Bonaparte alli chegaria no dia dez. Suas forças entre Dresda, e Leipsic, alem das guarniçoens, segundo o mais alto calculo são avaliadas em 180,000 homens ; as do exercito da Silezia em 65,000, e as do Principe Real em 60,000, com 600 peças de artilharia. He impossivel ver hum exercito mais bello, ou mais completamente equipado em todas as suas repartiçoens.

Segundo as noticias recebidas hoje, o General Platow com todos os seus Cossacos chegou a Lutzen, tendo tomado alguns centos de prisioneiros em Weisenfels, e está em completa communicacão com os postos avançados dos Cossacos commandados pelo General Woronzoff desde Halle. Platow refere que o inimigo está ajuntando o seu exercito em torno de Leipsic. Nos temos noticia certa que o exercito da Bohemia esta agora entre Altenburg, e Chemnitz, e o General Bennigsen com a divizão Austriaca de Colloredo, que se lhe ajuntou, se está aproximando a Dresda.

P. S. O General Blucher não pode passa em Wettin por se não achar completa a ponte ; mas foi para Halle, onde passou. O General Bulow não passou naquelle dia ; porem o resto do exercito alliado esta na margem esquerda do Saale.

No dia 9 de Setembro se assignou em Toplitz hum tratado de Amizade e alliança defensiva entre S. M. o Imperador da Austria, e o Imperador da Russia ; e outro igual entre o Rey de Prussia, e o Imperador da Austria ; no seguinte No. apresentaremos aos nossos leitores.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 28 de Outubro.

“ Esta noite chegou o Hon. Roberto Gordon com despachos do Conde de Aberdeen datados de Commotau em 12 de Outubro, pelos quaes consta que no dia 8 fôra assignado pelo Principe de Reuss, e pelo General Wrede hum Tratado de Alliança entre a Austria, e a Baviera. O General Wrede, á frente de 35,000 Bávaros, deve immediatamente cooperar com as tropas Austriacas. Elle está ja em marcha, e hia ter 25 mil Austriacos debaixo do seu commando.”

“ Mr. Gordon passou por Berlin a 16, tempo em que o General Tauenzien com 12.000 homens tinha retrocedido para cobrir a Capital, á vista do inimigo ter atraveçado o Elbo em Wittenberg. Na tarde do dia 16 os Francezes não se tinham aproximado a Berlin, para cuja defenza se tinham ajuntado 40,000 homens, incluindo as forças do General Tauenzien.”

Sabe-se por noticias particulares que Ney foi duas vezes repulsado nos dois ataques que fez contra os Generaes Bulow e Tauenzien. No dia 17 tudo estava em socego em Berlin. Parece evidente que o Tyranno no meio da sua desesperação, ordenou a Ney que avancasse sobre Berlin, a ver se deste modo obrigava o Principe da Coroa á repassar o Elbo, e enfraquecer deste modo os exercitos alliados que lhe tem feito hum cerco, e que o querem obrigar a huma batalha geral, ou a huma desastrada, e vergonhoza retirada. Mas o Principe da Coroa, que o conhece, previo tudo, como se vê dos officios que ficão transcriptos. He possivel, mas não he provavel, nem facil, que Ney entre em Berlin: mas quando entrasse as difficuldades em que o tyranno se acha involvido, longe de diminuir, crescem.

O General Tettenborn penetrou ate Lingen na fronteira de Hollanda; poz em liberdade os conscriptos, tirou tudo o que se achava nos cofres publicos Francezes, e poz em liberdade os Alemaens que se achavao captivos por toda a parte onde os achou.

Por noticias de Heligoland de 24 do Outubro consta que este mesmo General á frente 5,000 de infantaria, e de 1,500 cossacos entrára em Oldenburgo de que se apoderou por hum golpe de mão derrotando em poucos minutos hum corpo de Cavallaria Dinamarqueza que alli se achava.

O tyranno, cujos cofres estaõ exhaustos, e cujas finanças

ADVERTENCIA.

JULGAMOS do nosso dever dezenganarmos aqui o publico, e desvanecermos a má interpretação, que a malicia deo ao paragrafo ultimo do nosso discurso a pag. 731 : não he o Redactor do Espelho ; mas outro, o ali deznado : nós não temos razão de queixa do sobredito Redactor, com quem estamos em boa harmonia, e elle está muito bem dezenganado da nossa lizura, e sinceridade, e para sua satisfação, aqui escrevemos este artigo, que deve ser acreditado do publico, como hum testemunho da verdade.

Em o seguinte No. daremos o que falta da Carta sobre o Tratado de Commercio, Amizade, e Alliança ; o que não fizemos neste No. por falta de lugar.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO No. XXVIII.

Pag. 552. Que absorve as chamas—lea-se Chusmas.

553. Da estúpida arrogancia os simulacros
Jamais insensaste.

Lea-se

Nunca insensaste os ócos simulacros

Da estúpida arrogancia.

610. Ajuste inhabilitado—lea-se habilitado.

APPENDICE

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ
EM LONDRES.

Ponta Delegada S. Miguel, 28 de Julho de 1813.

Ha poucos dias, que chegou a esta Ilha huma obra publicada em Londres, intitulada *History of the Azores, or Western Islands*, escripta por T. A. Capitão de Dragoens ligeiros. Esta obra tão infame pelas mentiras que o Author tem introduzido nella, como pelo modo indecente com que elle ataca o Governo de S. A. R., merece o desprezo de todo o homem sensato, seja Portuguez, ou Inglez; nem he de esperar, que hajaõ pessoas de educação que leiaõ a dita obra, sem logo perceberem as falsidades espalhadas em todas as paginas della.

Porem o motivo, que tenho em dirigir a Vmces. esta carta, he para fazer desvanecer na opiniaõ dos seus compatriotas toda, e qualquer idea desvantajozza, que possaõ entretêr a meu respeito; visto, que o Author teve a impudencia de uzar do meu nome e citallo como authoridade, em varias relaçoens Statisticas, que tem introduzido com muita exaggeraõ, a fim de enganar o publico sobre o estado actual destas Ilhas.

Eu não precizo, nem dezejo as lizonjas do Capitão T. A. e somente prezo o bom conceito de homens de probidade; qual não he o Author desta obra.

Se o Capitão T. A. recebeo alguma hospitalidade durante os poucos dias que assistio em minha caza, não foi mais do que costume praticar com todos os

meos Nacionaes, que a esta Ilha aportaão, e que apresentaõ cartas credenciaes pelas quaes se mostraõ dignas de attençaõ: mas infelismemente para mim, o Capitão T. A. não mostrou a sua gratidaõ senão em lezarme em perto de quinze mil cruzados, que me deve ainda por huma carregação de grão, que a seu requerimento lhe apromptei para levar ao exercito Britanico que no anno de 1808 se achava servindo em Hespanha, e que constava estar precizado de mantimentos. O dito Capitão T. A. pagou me em letras de cambio sobre os Banqueiros de Londres Snres. Hammersley, &c. de Pall Mall, os quaes não o conheciaõ, nem tinhaõ conta alguma com elle. Além disto pedio-me que lhe desse dinheiro para cartas letras de cambio socadas no Brazil sobre Liverpool, e Londres endossadas a seu favor, ou para melhor dizer forjadas pelo dito Capitão T. A., o qual esteve prezo em Londres muito tempo, e escapou de receber o castigo devido aos seos crimes, pela incerteza de os ter ou não commettido dentro dos domínios de S. M. Britanica ou nos de S. A. R. de Portugal.

O dito Capitão T. A. nunca esteve em outra ilha dos Açores, senão nesta: chegou aqui em Novembro, e sahio logo em Dezembro de 1813: como podia entãõ adquerir em tão pouco tempo noticias verdadeiras, relativas a historia destas Ilhas? Mas com a sua costumada audacia suprio esta falta com anecdotas falsas de Pessoas, que mesmo não existem na Ilha de S. Miguel; assim como falla de conventos de Frades, e de Religiozas em lugares aonde não os há sendo todas estas contas filhas de sua fertil imaginação para illudir o Publico.

He huma justiça devida aos habitantes destas Ilhas em geral, o não permittir que as calumnias do author dessa obra, sejaõ recebidas como verdades pelo Publico; e posso afirmar a Vmces., Snres. Redactores, que quando li a obra fiquei atonito da impudencia, e desaforo do Author; e para fazer conhecer a Vmces. melhor o character deste homem, remetto a Vmces. copia de hum officio, que dirigi ao Excellen-tissimo Sr. Conde do Funchal Embaixador de S. A. R. em Londres em data de 9 de Janeiro de 1811 relativo a este sujeito, quando o tive prezo na cadea do

Poultry Compter, ate á decizaõ do Lord Mayor sobre o cazo.

Sou de Vmces.

Muito Venerador

GUILHERME HARDING READ.

Consul Geral de S. M. Britanica
nesta Ilhas dos Açores.

(Copy.)

Case of Forgery, Fraud, and Swindling.

Thomas Ashe now in Custody at the Poultry Compter on a charge of Forgery and Swindling exhibited against him by Mr. Read, British Consul at the Azore Islands, is remanded for further examination by order of the Right Honourable the Lord Mayor of the City of London, until the opinion of the Judges can be obtained, how far the prisoner is liable to prosecution in this country, for the forgery which is said to have taken place at Pernambuco in the Brazils, on the 26th of September, 1808, drawn by Manoel Joze de Souza, on Messrs. Lyne, Brothers, and Kempe, of Liverpool, for the sum of 475,029 reis, endorsed by Thomas J. Gunston at Pernambuco, on the 24th of September, 1808, payable to Charles Harris, whose name is forged on the back of the bill of exchange, the said Thomas Ashe having uttered the bill of exchange at the island of St. Michael, as a good bill, to Mr. Read the British Consul, from whom he received cash for the amount, it appears that Thomas Ashe purloined the said bill of exchange, together with a number of other letters and papers from the letter bag, on board the Portuguese brig Asia, in which vessel he came passenger from Pernambuco to the island of St. Michael, where he also obtained from Mr. Read a ship load of grain, under pretence of requiring the same for the use of the British army, then serving in Spain under General Sir John Moore, and for which cargo of grain he is still indebted to Mr. Read in nearly twelve hundred

pounds sterling; it is confidently asserted that the said Thomas Ashe has defrauded My Lord Strangford, His Majesty's Minister at the Court of Rio Janeiro to a very considerable amount, and further that a great quantity of diamonds, emeralds, topazes, and other precious stones, which he brought with him from Brazils, must have been fraudulently obtained from the Portuguese subjects in that country, and that the passports with which he travelled into the interior of the Brazils, must have been forged. Under all these circumstances, it is submitted to His Excellency Dom Domingos de Souza Coutinho to take such steps as may appear necessary to prevent the escape of this offender from public justice, in the event of its being found to be the opinion of the Judges that he cannot legally be tried in this country for the said offences.

(A true copy) W. HARDING READ.

London, 9 January, 1811.

(Copy.)

Mr. Read has the honour to lay before His Excellency Dom Domingos de Souza Coutinho the enclosed statement of the charges against Thomas Ashe, now in custody in the City of London, to which he is impelled from motives of public duty, as well as from the recommendation of the magistrate, by whose order the prisoner is remanded for further examination until Friday next.

(A true copy.) W. HARDING READ,

14, Angel Court, Throgmorton Street,

Wednesday, 9 January, 1811.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR.
Ilha da Madeira, 7 de Setembro de 1813.

No seu Periodico No. 23, se bem me lembro, li que hum Historiador Inglez, ou mal informado ou mal intencionado publicára, que os habitantes das Ilhas dos Açores, e Madeira, estão somente á espera do signal para sacudirem o jugo do seu governo; e appellidarão Vinctes. esta porção fiel dos Vassallos de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, para mostrarem de hum modo tambem publico o seu devido horror, e indignação a tão insigne falsidade, e a seu author.

Prescindo de apostrofar, porque não poderei fazer isto sem azedume; prescindo de responder a outras injurias, que nos faz, sem razão. Todavia tomára saber de que sorte consultou este homem os habitantes dos Açores, ou os da Madeira, a cerca dos seus sentimentos, em huma materia, que elles tanto tomão a peito, para se atrever a fazer-lhes huma tão negra imputação? Ou que mal lhe fez a minha Patria para a infamar tão atrosamente? Salvo se he ministrar-lhe o licor, que talvez produzio no cerebro deste Inglez ideas tão extravagantes. Eu que sou filho da Madeira respondo por mim, e certissimamente por todos os meos compatriotas, que neste particular sentem como eu.

Para nos todos o dominio que não for o do nosso Amado, Natural, e Legitimo Soberano o Principe Regente de Portugal, seria sempre odiczo, e insupportavel. Creião bem que antes perderiamos as fazendas, e as vidas, do que sujeitarmó-nos a qualquer jugo estranho por mais bem pintado que fosse. Se algum dia formos senhores da força, o que não espero, a força não possuirá em nossa ilha mais, do que cadaveres, e ruinas.—Huma prova do nosso odio a hum dominio estranho he que todos maldissemos a Pedro Fagundes, Ex-Governador, e capitão General desta ilha, quando a entregou a huma Nação estrangeira, que se devia reputar inimiga, porque de mão armada veio apoderar-se della: nos o maldissemos todos, porque nos submetteo a hum jugo estranho; porque nos não defendeo, e porque subscreveo, sem nos consultar, ou sem con-

selho, a huma capitulaçõ, que os commandantes Inglezes lhe dictaraõ dentro do Castello de sua propria rezidencia. Esta prova se duplica, quando, tendo o esclarecido, e muito digno Ministro de S. A. R. na Corte de Londres, o Excellentissimo Conde de Funchal, participado á Camara desta Cidade, que a Madeira era restituída a S. A. R. se vio içar nas fortalezas della as Reaes Quinas de Portugal em lugar das cores Britanicas, que foraõ abatidas. O enthusiasmo geral, que entaõ lavrou em nossos peitos, e o jubilo que se manifestou em nossos rostos, provaõ de huma maneira não equivoça o amor, e afferro ao Dominio do nosso Legitimo Monarca, e odio a todo, e outro qualquer, que não for o seu. He verdade que tivemos nesta epoca á testa deste Governo hum chefe sabio, e activo, que fez por algum tempo as nossas delicias, e felicidade: assim mesmo mal o soffrimos, porque era estrangeiro.

Exulte porem todo o bom Portuguez, porque outro penhor de huma vallia inestimavel affiança o socego do nosso espirito a respeito da Madeira. Esta Ilha não pode jamais ser alheada; esta pedra precioza da coroa do nosso Augusto Soberano não poderá jamais desencravar-se della. Assim no-lo promettem a Real Palavra, e o mui categorico, e Soberano juramento d'El Rey D. Manuel de felis recordaçãõ, na carta, que com esta tenho a honra de lhes enviar em forma authentica.

Communicando-lhes pois a Vmces. este Veneravel Monumento não tenho em vista outra coiza, senão que Vmces. o vulgarizem, e façãõ valler com a energia, clareza, e brilhante de sua linguagem, com a sua geralmente reconhecida eloquencia os Direitos desta Ilha, e de seos Moradores.

Se o fizerem assim quero que não fallem no meu nome: na certeza deque por huma, e outra coiza, que lhes roga muito de favor, lhes protesta o seu agradecimento.

J. A. P. A. C.

P. S. Entendi que devia guardar naquelle Papel a ortographia antiga em que está originalmente registado.

[CERTIDAM.]

Josão Agostinho Pereira d'Agrella e Camara Escrivao da Camara Proprietario por Sua Alteza Real que Deos Goarde, nesta Cidade, e seu Termo, &c.

Certifico que revendo o Tomo primeiro do Registo-geral no Archivo desta Camara, nella a folhas dozentas o setenta verso se acha huma Provizaõ de vinte e sete d'Abril de mil quatro centos e noventa e sete, a qual he como se segue :

Dom Manoel por Graça de Deos, Rey de Portugal e dos Algarves da aquem, e dallem mar, em Africa Senhor de Guine. Aquantos esta Nossa Carta virem fazemos saber que por quanto a nossa Ilha da Madeyra he huma das principaes e proveitozas couzas, que Nos e a real Coroa de nossos Reygnos teemos pera ajuda, e sobportamento do estado real, e emcarregos de nossos Reygnos á Nos parece couza justa e necesarea que a dita Ilha com seu Senhorio, rendas, e juridicaõ seja soamente da dita nosa Corõa pera sempre, e dos Reys nossos herdeiros e successores, que a soccederem, e pelo qual, e asy por fazermos graça, e mercee a dita Ilha, e a hos moradores, e povoradores della, e por teer rezam de se mays emnobrecer, e aproveitar, de noso moto proprio, certa Sciencia, poder absoluto, e libre vontade. Teemos por bem, e por esta em nosso nome, e de nossos herdeyros, e Sobçosores prometemos pera sempre, e damos nossa fee Real que em algum tempo por alguma necessidade, ou cauza cuydada, e nám cuydada que á nós, e á nossos Sobçosores sobre venhaõ, ainda que seja de grande peso, e importancia nunca a dita Ilha, nem parte della com seu Senhorio, rendas, e juridicaõ seja dada per nós, nem per nossos Sobçosores de graça, nem em vida, nem de juro, nem per outra quallquer maneira alguma pessoa de quallquer estado, condiçaõ, e priminencia, que seja, nem a igreja nem a moesteiro, nem a caza outra piedoza, nem a religiam, nem a hordem, posto que seja de cavallaria ; antes queremos, e outra vés prometemos que a dita Ylha ynteira, e junta seja sempre nossa, e de nossa Corõa, e dos Reys nossos Soçosores, e nunca de nos, nem delles seja desonida,

e apartada em algum tempo. Dor mais firmeza, e segurança do qual nós em nosso nome, e dos Reys nossos Soçosores, e herdeiros juramos ao sinal da Cruz, e a hos Santos Avangelhos, em que corporalmente poemos as mãos, de nós, e os ditos nossos herdeiros, e Soçosores o comprimos e manter-mos a sy ynteiramente sem arte, cautella, nem mingramento algum, e de nunca em algua tempo pedimos relevamento, nem absoluçam deste juramento, antes supricamos a nosso mui Santo Padre, que pelo tempo for presidente na Igreja de Deos que contra este juramento nunca despense, nem o tempére pera com a licença delle se fazer o contrario desto. Erogamos, e encomendamos muito aos Reis nossos herdeiros, e Soçosores, que pelos tempos forem que per nossa bençam, e sob penna da maldição de Deos e nossa sempre o asy cumprão, e conservem para sempre. Em testemunho e fee do qual mandamos dar esta Carta á dita Ilha, e a hos moradores della assignada per nos e assellada do nosso Sello de chumbo. Dada em a nossa Cidade d'Evora a vinte e sete dias do mez d'Abril. Vicente Pires a fez anno do nacimiento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quatro centos noventa e sete annos. El Rey.

He quanto se contem na referida Provição que do proprio Livro do Registo a qui fiz extrahir por Certidão, e a ella me Reporto. Funchal, 7 de Septembro de 1813.

Joaõ Agostinho Pereira d'Agrella e Ca.

Antonio Jose Goncalves de Almeida Cavaleiro na Ordem de Christo, Contador geral na Junta da Real Fazenda desta Ilha da Madeira, e que sirvo no impedimento do Juiz das Justificações Ultramarinas Joaõ Eustachio de Souza, &c. Faço saber que me constou por fe do Escrivão que esta passou ser a letra da assignatura, que firma a Certidão retro do proprio punho de Joaõ Agostinho Pereira de Agrella Camara Escrivão da Camara desta Cidade. O que

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

DEZEMBRO, de 1813.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA PORTUGUEZA.

MEMORIA

Sobre a Justiça dos motivos, que teve o Senhor Rey D. João II. para rejeitar os projectos de Navegação de Christovão Colombo. Por D. Antonio da Vizitação Freire de Carvalho.

PROLOGO.

Tudo o homem de talentos, que pelos seus estudos, e trabalhos literarios tem procurado illustrar a sua nação, e o seu seculo, mercede com justiça que o seu nome seja conhecido, e que no tumulto não fiquem confundidos com as suas cinzas

VOL VIII.

os productos do seu genio, e das suas luzes. D. Antonio da Vesitacão Freire de Carvalho, Conego Regrante de S. Agostinho em Portugal, Professor de Historia e Geographia nas Escolhas de S. Vicente de fora, Socio da Academia Real das Sciencias, e da Sociedade Real Maritima de Lisboa, fallecido no 1 de Março de 1804, hé pois hum desses homens, que como literato não deve ser esquecido não so pelas obras que nos deixou, mas pelo muito que d'elle ainda tinha que esperar a literatura, se tão cedo não acabassem os seus dias, em que todavia foi feliz por assim ter escapado aos trabalhos deste mundo e de huma época, em que para viver tranquillo não basta sempre ser honrado e ser fiel.

Depositarios de todas as suas memorias, e trabalhos academicos e achando-nos agora por hum desses sucessos incalculaveis da vida *refugiado* em Londres, aonde se imprime, e publica o tão conhecido, e benemerito das letras *Investigador Portuguez*, parecêo-nos, que não deviamos por mais tempo, nem esconder ao publico a leitura de obras de hum mui notavel merecimento, nem expor o nome do auctor, com quem tinhamos relações tão proximas de sangue, a ficar por alguma casualidade privado deste rico monumento da sua reputação. Não nos havendo sido athe agora possivel pelos nossos infortunios pessoaes, que nos obrigárao a viver fora de Lisboa quasi constantemente depois de 1805, o apresentar a Real Academia, da qual também temos a honra de ser socio, estas memorias, que por direito lhe pertencem; vamos emfim por gloria do auctor, e da mesma Academia fazê-las publicar, para que não succeda que por novos acazos imprevisos fiquem de alguma vez condemnadas a hum eterno esquecimento.

A' vista destas razoes tão ponderosas esperamos pois, que a Real Academia não nos leve a mal este nosso irregular procedimento, lembrando lhe, que não he por falta de respeito nem de gratidão que damos este passo, que só as nossas circunstancias justificaõ. Se ainda a nossa fortuna o permitir, e alcançarmos do Generoso e Justo Principe que nos governa a justificação que immediatamente lhe vamos requerer, e como bom Portuguez, esperámos alcançar; então teremos o prazer de pagar a Academia a divida a que lhe somos obrigados, depositando nos seus archivos os originaes das memorias, que sem ordem sua agora fazemos imprimir.

As memorias que conservamos, e que successivamente se hiraõ publicando são as seguintes.

I. Sobre a justiça dos motivos que teve o Sr. Rey D. II. para rejeitar os projectos de navegação de Christovão Colomb.

II. Em que se mostrão as vantagens do estudo da geogra

phia nautica nas reaes aulas da marinha, e o plano do seo ensino*.

III. Sobre a utilidade de applicar as manufacturas das nossas materias primeiras aos progressos da agricultura.

IV. Da condição domestica e politica da classe indigente nos primeiros seculos da monarchia.

V. Sobre a divindade, que os Lusitanos conhecerão de baixo da denominação de Endovelico.

VI. Vida de Fr. Bernardo de Brito.

Os homens, costumados a avaliar os acontecimentos pela fortuna, desprezaõ as mais sensatas combinaçoens, que os azares contrariaõ, cegamente idolatrando os sucessos venturosos, que só outros azares verificaõ. Mas as reputaçoens precarias tem hum tempo: os prestigios de huma geração não podem ser eternos: cedo ou tarde a razaõ faz justiça sobre as usurpaçoens do erro: e na terrivel integridade deste tribunal esclarecido cada merecimento vai encontrar a sua proporcional e devda recompensa.

A historia das naçoens tem a seo cargo recolher os documentos, que devem fundamentar estes imparciaes juizos, e a historia deve ser impassivel como a razaõ. Assim a historia de huma das epochas mais importantes da nossa gloria maritima nos dá pois os motivos de julgar, que o Snr. Rey D. Joaõ II. avaliou os projectos de Colomb não só como o Principe mais illustrado do seo seculo: mas que os seos condecimentos cosmographicos deviaõ convencê-lo, que estes projectos não eraõ resultado de huma sciencia analytica do estado do globo, porem unicamente as producçoens de huma imaginação viva, que a lição de alguns viajantes do Oriente lhe tinha inspirado.

A ventura de Christovaõ Colomb he com tudo incontestavel; porque as suas tentativas para descobrir hum novo caminho para o desejado objecto das navegaçoens do tempo ainda que estabeleceraõ hum monumento eterno a sua fama, este monumento não se fundamentou sobre as combinaçoens deliberadas da sua sciencia, mas sobre os imprevisos destinos da sua fortuna.

* Esta memoria foi lida na Sociedade Real Maritima.

Mais de tres séculos são passados desde a felis descoberta do novo mundo: as paixoens rasteiras, que de ordinario atacaõ o merecimento dos que vivem ja tem desaparecido para Colomb; e nenhuns interesses senão os da verdade podem dictar esta memoria. Esta memoria pois não se destina a degradar a fama de Colomb: esta fama assas esta ganhada pela sua fortuna. Eu só procurarei mostrar, que o repudio, que o Sr. Rey D. Joaõ II. deo aos projectos de Colomb, mui longe de dar a menor sombra de desdoiro a sua immortal gloria, serve ao contrario de dar hum mais brilhante realce a sua illustração.

Huma rapida analyse dos conhecimentos geographicos do tempo nos vai offerecer motivos de esclarecer esta questão curiosa, que parecerá não ser indigna da attenção da Academia, pois que nella se interessa a nossa gloria maritima.

De todos os conhecimentos humanos, que a Europa moderna recebeo dos Antigos, nenhuns parece virem menos aperfeiçoados do que os da geographia. Como era necessario que observaçoens repetidas e diuturnas se derigissem pela segura guia das sciencias exactas, e que os conhecimentos ligados a arte da navegação fossem havidos em honra, e merecessem a estimação dos governos, não era possivel, que na barbaridade ou na meia civilisação das antigas naçoens se desse acolhimento ao que mal se combinava com a cega ferocidade do tempo. Se os Fenicios, os Gregos, os Asiaticos, e os Carthagineses merecem alguma excepção, não podemos das suas navegaçoens tirar maiores vantagens do que a simples curiosidade de saber, que a sciencia da navegação não ficou inteiramente perdida para os homens. As observaçoens de Nearco, de Hannon, e de Pitheas, e os celebres periplos, que se lhes attribuem, a penas conhecidos pelo nome, nenhumas luzes deixáráõ aos vindouros sobre as verdadeiras disposiçoens das terras, sobre o gizamento das costas, e sobre aquella parte do globo, que as viagens itinerarias ainda não tinhaõ manifestado. Neste antigo estado de coizas os trabalhos da geographia mais versavaõ sobre a theoria do que sobre os factos. A geometria, a physica, e a astronomia estavaõ na infancia, ou a penas só talvez existiaõ entre os Caldêos, e os Gregos seos discipulos, restos espalhados de huma

epoca assas antiga da gloria destas sciencias. De qualquer maneira que seja, se exceptuar-mos os trabalhos de Erathostenes, e as sublimes descobertas devidas ao genio de Hipparco, os conhecimentos geograficos dos antigos pouco facilitarão pois os felizes progressos dos modernos. Ptolomeo com tudo, cujo character era mais proprio para os trabalhos de imaginação do que para as indagaçoens severas, que pertencia advinhar o que era só possivel, e que arranjava os factos antes de observa-los, seguindo o methodo de Hipparco na designação das longitudes e latitudes, nos deixou a geographia mais completa que a Europa conheceo athe o renascimento da sciencia pelas ousadas tentativas dos Portugueses. Apezar dos importantes subsidios que a bibliotheca de Alexandria ministrava a Ptolomeo, esta geographia era pela maior parte fundada em narraçoens vagas de Viajantes nem sempre bem instruidos, que era preciso avaliar por huma comparação reciproca; mas este não era o character de Ptolomeo. De mais os antigos Viajantes, carecendo dos instrumentos de observação, nem sempre podião determinar de passagem pelo meio do gnomon as posiçoens de cada lugar. Estas determinaçõens inexactas eraõ o primeiro defeito de Ptolomeo, e o primeiro objecto que os modernos tiverão de corrigir.

Ptolomeo foi com tudo o escriptor classico em geographia desde a decadencia da academia de Alexandria athe a renovação da sciencia na Europa. Abulfeda, o geographo Nubiense, e todos os outros geographos Arabes só se occuparão em commentar Ptolomeo. Sem quasi addicionarem de alguma maneira o que elle deixara descripto. No principio do Seculo XV. $\frac{2}{3}$ do globo na direcção das longitudes, e quasi todo o hemispherio meridional eraõ desconhecidos, assim como igualmente as altas latitudes do Norte. Nas mesmas posiçoens designadas as ideas eraõ tão vagas, que a longitude Oriental da Asia era diminuida de 40 grãos da sua determinação verdadeira. A situação da Taprobana era tão incerta, que os exames mais circunstanciados ainda hoje não podem estabelecer, se este nome compete a Ceylaõ, a Sumatra,

cu a Java, ainda que nas suas posiçoens haja differença de quasi quatrocentas legoas.

Mas pelas expediçoens notaveis das cruzadas a Europa começou a reunir-se com a Asia. Estas duas partes do globo reciprocamente começaram a conhecer-se. A Geographia principiou taobem aganhar indirectamente nestas transacções; e da devoção de peregrinar se passou ao gosto de fazer algumas viagens. A navegação do Mediterraneo começou portanto a ser huma escolla de ensaio para as longas navegaçoens do Oceano, que o genio Portuguez devia entreprender para felicidade e admiração do mundo.

As rapidas conquistas de Gengis Kan desde a grande muralha da China athe a Siria, e o maravilhozo que a ignorancia acrescenta a tudo o que hé extraordinario, fizeraõ nascer interesse aos occidentaes, que no seculo 13 habitavaõ a Palestina, de hirem vizitar o paiz aonde subitamente tinha aparecido hum exercito de guerreiros, que em hum instante havia quasi conquistado a metade do hemispherio. As caravanas que Gengis Kan ordenava para todas as partes das suas inmensas conquistas forneciaõ facilidade a estas viagens. Por este meio se persuadiraõ os Christaõs do occidente, que na Tartaria Karaita havia hum Principe Christaõ athe alli desconhecido. Este era Thogralon-Kan devedor de grandes beneficios, e ingrato a Gengis Kan. A Europa deo a maior celebridade a este Principe debaixo do nome de *Preste Joaõ*. Os Romanos Pontifices lhe enviaraõ neste Seculo differentes legados; mas se elles desempenbaraõ exactamente as suas missoens no seu primario objecto, em que tanto interessavaõ os progressos da nossa Sancta Fé Chatolica, deixáraõ-nos em huma inteira incerteza sobre as circumstancias do paiz que viajáraõ. Com as mesmas piedosas intenções enviou S. Luis a Tartaria pessoas, que podessem commover o terceiro Kan, Sucessor de Gengis, a ligar-se com elle contra os inimigos communs os Sarracênos; pois existia a persuasão, que o Kan da Tartaria era hum Principe Christaõ. Desta viagem porem parece, que nem a religião nem a Geographia adquiriraõ grandes vantagens.

Conheceo-se com tudo, que ao Oriente do mar Caspio existiaõ immensos paizes, que poderiaõ contribuir para o Commercio do Occidente. Em consequencia no Seculo 13 Marco Polo, Veneziano, por vinte e seis annos se empenhou em fazer viagens mercantes no Oriente; e a sua actividade e o seo genio indagador o leváraõ mais longe do que nenhum Europeo ainda tinha hido. O Reino de Cathaio, ou a China, era naquelle tempo sujeito aos successores de Gengis, de quem Marco Polo se via particularmente protegido. Elle vizitou pois naõ só este vasto paiz, mas todas as costas Orientaes da Peninsula alem do Ganges, viagem difficil, e quasi incrivel naquelle tempo para os circumscriptos conhecimentos da Europa. As suas relações versavaõ ao mesimo tempo, sobre differentes paizes que, ainda que naõ visitados por elle, eraõ porem assas conhecidos dos povos que havia corrido. Nesta ordem parece se deve contar a Ilha celebre de Zipango, que depois teve o nome de Japaõ. Seguio-se a esta viagem a de Joaõ de Mandeville no seculo 14. Ambas porem descreveraõ os mesmos paizes, e no estilo, que parece era o unico capas de interessar naquelle tempo a attençaõ da Europa. A historia entaõ naõ se differencava da fabula; e em ambos os assumptos o segredo de agradar era surprehender e atterrar a imaginaçaõ com maravilhas, importando pouco que a verdade ou a impostura as houvessem dictado. Marco Polo principalmente satisfes o gosto do seo seculo. Todas as imaginações se sentiraõ abraçar no desejo de ver os paizes de que Polo offerencia taõ magicos como encantadores quadros. Se a imaginaçaõ porem ficou satisfeita com prodigios absurdo-, a razaõ só poude conhecer, que a terra habitavel era mais extensa do que n'outro tempo se pensára. Mas qual era o termo desta extensaõ? Era hum problema entaõ assas difficil, e para cuja resoluçaõ só existiaõ probabilidades: com tudo os espiritos ardentes naõ duvidavaõ prescreve-lo.

Neste estado de coizas o genio Portuguez ousa da extremidade do mundo conhecido elevar-se a sublime empreza de dissipar as trevas de todas as idades, abrir-se huma nova carreira de gloria, e accelerar a civilisaçaõ universal, restituindo ao genero humano as

relações de huma unica familia, e fazendo-lhe esquecer o atros sinonimo de estrangeiro e de inimigo. Em fim vai adquirir os unicos e verdadeiros factos em que a Sciencia Geographica devia estabelecer-se a par das sciencias physico-mathematicas.

Em huma Academia de Portuguezes eu não tenho que lembrar mais do que o nome do Snr. Infante D. Henrique. A sua direcção o mundo vio abrir-se huma carreira nova: as propriedades do Imán, as observaçoens astronomicas, que tinham servido a determinar a figura da terra e a posição de cada lugar, felizmente foraõ applicadas pella Academia de Sagres á navegação das longas derrotas. Esta navegação porem não era de homens aventureiros: esta navegação tinha fins tão sublimes como o génio do Principe que a dirigia, e dos bravos heroes que a executavaõ.

Quando quasi todas as naçoens Christans eraõ escravas ou tributarias dos Mahometanos pelo Commercio do Oriente, que elles guardavaõ como em monopolio, e cuja exportação só se consentia ou por Caffa, ou pelo Cairo; o brio Portuguez por huma combinaçaõ ousada vai tentar hum novo caminho com que arranque ao poder insolente dos Sultoens o oiro dominador com que intentavaõ agrilhoar o mundo, privando-os igualmente das numerosas allianças da Peninsula d'aquem do Ganges. Não he pois menor o serviço que a navegação Portugueza fez ao genero humano, detendo a torrente feros que ameaçava a barbaridade universal do mundo, do que os serviços que destas felises emprezas recebeo a Geographia.

Apezar das acreditadas opinioens de celebres geographos antigos, asseveradores, de que o globo entre os tropicos era inhabitavel; a pezar das difficuldades que a inveja excita contra tudo o que he novo; o immortal Infante impellido pela consciencia dos seus altos motivos faz abrir pela costa occidental d' Africa hum caminho insolito para a India; querendo obstruir assim os canaes antigos da riqueza e potencia Musulmana, que cada dia se tornava mais temivel pelos Subsídios que os Venesianos e os Genovezes lhe levarão a custa da curiosidade e do nascente luxo da Europa. Meio seculo de tentativas e de todo o genero de trabalhos nenhum abalo fizeraõ na constancia

d'este heroe. Todo o littoral do occidente d'Africa quasi athe o equador ficou conhecido igualmente com as ilhas dos Açores e de Cabo Verde; e na memoria dos homens não existia lembrança de Viagens tão ousadas. Mas estas descobertas se por hum momento foraõ contempladas como simples especulaçoens mercantis, começáraõ desde o reinado do Snr. D. João II. a recobrar o seo antigo destino.

Tinha se descoberto athe hum pouco alem da linha equinocial; porem novos exploradores capitaneados por Diogo Caõ foraõ enviados a tentar o projectado caminho da India; tentativa, que fes descobrir os reinos de Benin e de Congo. Nas in-trucçoens que o Grande Rey dava aos seos navegantes, o primeiro objecto era indagar as noticias da proximidade da India. Os negros Jalofos primeiramente informáraõ em 1445 Denis Fernandes, e depois os povos de Benin a Diogo Caõ, que ao Oriente da sua patria na distancia de 270 legoas se achava o poderoso Monarcha de Ogane, Principe adorador da Cruz, que jamais se fazia visivel aos seos vassallos. Esta circumstancia combinava com as noticias que os enviados de S. Luis davaõ do Preste João. Por outra parte os religiosos que peregrinavaõ a terra Santa, os Judeos que comerciavaõ no Cairo informavaõ, que nas altas montanhas que dividiaõ a Ethiopia do Egipto principiava o imperio de hum poderoso soberano, que professava o Christianismo, e que este se denominava o Preste João, cujos dominios se extendiaõ athe o Oceano do Sul. A conformidade dos titulos do Soberano, as apparencias da Religiaõ Christam persuadirãõ o Snr. Rey D. João, que proseguindo na Viagem começada, não seria difficil encontrar no Sul da Africa o imperio do Preste, cuja amisade tinha sido desde o seculo 13 o objecto da amisade dos Soberanos, e da curiosidade dos povos. Consultadas as Taboas de Ptolomeo pelos Geographos Portuguezes, o Cabo Prassum parecia dever entrar nas pertençaes deste Monarcha, assim como a situaçaõ d'Ophir de Ptolomeo, ou a Sofala dos modernos. Estes dois lugares, segundo a relação dos Povos de Benin não deviaõ pois distar muito da costa occidental da Africa, situada ao Sul do Equador. Esta probabilidade tomava maior força, consi-

derando o gizamento das costas, que tão sensivelmente se estreitavaõ desde o Cabo Verde athe o Congo, que se achava a differença de 50 grãos. Esta differença, que parecia progressiva indicava, que o termo meridional da Africa não poderia achar-se em huma mui alta latitude. Acrescentando-se huma simples confrontação da longitude do Congo com a do paiz que ficava superior ao Egipto, ou do Imperio do Preste, seria facil conhecer, que a differença não era maior do que entre o Cabo Verde e o Congo. Restava porem saber, se apezar das apparentes proximidades dos dois paizes a ponta meridional da Africa seria nimiamente prolongada ao Sul; ou se nesta hypothese se poderia descobrir hum estreito na direcção de Leste, que facilitasse a passagem desejada.

Quando o Snr. D. Joaõ II. encarregava deste importante descobrimento o illustre Bartholomeo Dias, mandando proseguir nas tentativas da costa Occidental da Africa; quando pela via do Cairo fazia indagar por Affonso de Paiva, e Pedro da Covilham a prolongação dos dominios do Preste Joaõ, e a facilidade da navegação que existia entre a costa de Malabar e a parte mais occidental do Sul da Africa; isto he, quando o exame mais sensato hia verificar a theoria mais bem combinada; então propunha Christovaõ Colombo ao Snr. Rey D. Joaõ II. hum novo projecto de alcançar os mesmos fins com mui poucas difficuldades.

O projecto de Christovaõ Colombo era pois de abandonar a navegação em volta da Costa d' Africa, e abrir huma nova expedição na direcção do Ueste; pois tinha como evidente, que a India se descobriria por este rumo em huma muito mais curta distancia do nosso meridiano, do que pelo Oriente, a que os antigos methodos se encaminhavaõ.

Neste tempo em que as expedições maritimas occupavaõ todos os entendimentos das nações civilizadas da Europa, todos os antigos Geographos, todos os Viajantes modernos eraõ lidos e consultados com avidéz. A força da auctoridade tinha nesta epocha hum ascendente assas decisivo, e Colombo tinha taobem provavelmente lido Marino de Tiro, hum Geographo do fim do primeiro seculo da era Christam. Marino havia pois escripto, que os Séres, ou Sinæ,

habitantes mais Orientaes da India conhecida dos antigos, se achavaõ a 15 horas, ou 225 graõs ao Oriente do primeiro meridiano, que passava pelas Canarias, ou Ilhas Fortunatas. Nesta suposiçaõ os Séres, ou a China, distavaõ so 9 horas, ou 135 graõs do occidente das Canarias. Marco Polo, e Mandeville tiuhaõ dito, que a Ilha de Zipango se achava ainda mais Oriental que os Séres ou a China, que naquella idade os Viajantes denominavaõ o Cathayo. Desta sorte a parte mais Oriental da Asia ao parecer de Colomb não distava consideravelmente das Ilhas que nos acabavamos de descobrir no Atlantico. As narraçoens de alguns pilotos Portuguezes sobre os Sinaes que appareciaõ nas costas das ilhas dos Açores; as conjecturas de Martin de Bahem; os diarios maritimos de Bartholomeo Perestello, que elle tinha herdado pelo casamento com huma sua filha; e as suas repetidas viagens a todas as nossas ilhas lhe forneciaõ probabilidades, que no occidente se poderiaõ achar em pouca distancia novas terras. Alem destas conjecturas, corroboradas com as muitas asserçoens de escriptores antigos, Colomb sentia particularmente o pezo de huma auctoridade nova. Esta era a do Florentino Paulo Toscanelli, Medico e Astronomo de muita celebridade n'aquelle seculo.

Este homem ja assas conhecido pelos seos estudos cosmographicos na côrte do Snr. Rey D. Affonso V. em razão da correspondencia que de ordem sua entretinha sobre estes assumptos com Fernão Martins Conego de Lisboa, approvou taobem o projecto de Colomb. Mas este mesmo projecto havia ja sido proposto pelo dito Toscanelli ao Conego Martins em huma carta escripta de Florença a 25 de Junho de 1474, des annos ao menos antes que Colombo offerecesse o seu.

Assim parece que nada havia de novo neste projecto para o Snr. Rey D. Joaõ II. pois que os escriptos dos Geographos eraõ assas vulgares; e as conjecturas que se tiravaõ de certas apparencias em que alguns pilotos das ilhas fundavaõ a existencia de terras occidentaes, confessa Herrera serem taõ conhecidas ao Snr. D. Joaõ II. que o mesmo soberano se entreteve com Colomb em discursos sobre este assumpto.

Apezar disto o Grande Rey não se desprezou de attender Colomb. O seo projecto he confiado ao exame dos homens, que na Europa tinham direito a mais alta reputação neste genero de conhecimentos; sim dos homens, que ja tinham applicado as observações celestes a fixar qualquer situação do mar por meio do Astrolabio, que elles regularão para o serviço maritimo; que ja haviam feito conhecer aos pilotos Portuguezes o uzo das Ephemerides de Regio Montano; e que taobem ja haviam organizado hum novo genero de cartas maritimas fundadas sobre a projecção stereographica, e igualmente conhecidas debaixo do nome de cartas reduzidas, de que todavia parece dever-se a Ptolomeo alguma idea. A homens taes se confiou pois o projecto de Colombo; e a nossa historia conserva os seus nomes para o nosso respeito e nossa gloria. D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, e Mestre Jacob, e Mestre Rodrigo foraõ os tres Juizes de Colomb.

Qualquer que seja a parcialidade que Colomb proclamou contra os seus juizes, parcialidade, que os estrangeiros, admirados da sua posterior fortuna, não cessarão de lhes suspeitar, o illustrado entendimento do Snr. João II. era mui perspicaz para não advertir em toda a decisão que a intriga dictasse contra os interesses do seo Povo, e exaltação gloriosa da sua Corôa.

Porem a mais imparcial justiça deve conhecer, que relativamente aos intentos do Snr. D. João II., o projecto de Colomb era absolutamente inadmissivel. Não era o empenho deste Soberano conquistar vagamente quaesquer terras, mas dirigir-se unicamente ao emporio das riquezas, em que se estabelecia a colossal potencia dos Mahometanos. Todos os thronos Christãos estavaõ terrivelmente ameaçados por Mahomet II. que acabava de Senhorear-se de Constantinopla, de extinguir o antigo imperio do oriente, de conquistar doze reinos, e de saquear em fim dozentas cidades Christãos. A Grecia tinha recebido o seo jugo, e o Imperio da Alemanha e a Italia mesma ja tinham recebido os primeiros ataques. Se eraõ pois poderosos os motivos do Snr. Infante D. Henrique para exterminar o Ismalismo na India, os do Snr. Rey D. João II. eraõ

de toda a urgencia. Era do intento diminuir em fim o poder Mussulmano pela diminuição do Commercio, e ligar aliados no Oriente, que fizessem importantes diversosens em beneficio da Europa. Por via dos Jafos e de Benim nós ja vimos como o Snr. Rey D. João II. confiava achar a pouca distancia o Prioste João, que elle julgava entraria facil na grande cauza. Pela Palestina, aonde os Abexins tinhaõ hum convento, e por via do Cairo sabia-se, que o imperio se extendia athe o Mar-roxo, o que daria facilidade de atalhar por alli o commercio Turco. A embaixada que da Abissinia tinha vindo ao Concilio Florentino dava grandes probabilidades a esta liga.

Nos vimos igualmente como as Viagens de Diogo Caõ configuravaõ o gizamento da costa Occidental ao Sul da Linha comparada com a costa do Norte; de maneira que parecia que a extensaõ meridional da Africa não poderia ser nimmamente prolongada. Estas theorias adquiriaõ maiores probabilidades pela lição dos antigos escriptores que contavaõ as Viagens de Nearco, de Hanon, e de Eudoxo, dando por inegavel o haverem dobrado o Cabo do Sul, depois felismente chamado da Boa Esperança, assim do Oriente ao Occidente como na derrota inversa. O periplo Erithreo, de que os Arabes e os Judeos faziaõ tanto apreço, e ainda modernamente taõ recommendado por d'Anville, posto que não assegurava esta passagem, a dava com tudo como huma grande probabilidade. Estas mesmas ideas principiavaõ a ser communicadas pelos Mouros Granatenses, que os Reys Catholicos acabavaõ de expellir da Espanha, e que tinhaõ hido procurar com alguns Judeos as escalas de Melinde e de Sofala, conservando correspondencias com os mercadores da Hespanha.

Se de boa fé tantas probabilidades, ligadas a taõ altos interesses, se procuraõ comparar com as offertas de Christovao Colomb, fundadas em Marino de Tiro, acharemos que este escriptor nenhum pezo pode dar que contrabalance os primitivos desiguos dos Portuguezes. Marino de Tiro de tal maneira havia protra-hido a parte Oriental da Asia, que Ptolomeo mesmo, ainda que sempre excessivo em applicar distancias, corrigio de 45 grãos a maxima extensaõ da Asia.

Deve porem advertir-se que Ptolomeo ficou ainda corrigido pelos modernos de 40¹grãos de excesso sobre a extensão verdadeira. Desta sorte Marino de Tiro induzia Colombo em hum erro tao consideravel, que não podia deixar de ser advertido pelos Geographos Portuguezes. Marco Polo, designando a situação de Zipango, tinha ainda ampliado estes erros, e auctoridade de Toscanelli, e o Planispherio de Bahem os tinha feito acreditar. Colombo merecia pois alguma desculpa; mas os nossos Geographos tinhaõ assas conhecimentos para se elevarem sobre as communs ideas do seo seculo. Elles sabiao, que o Oriente da Asia devia deitar ao menos pelo computo de Ptolomeo 180 grãos do primeiro meridiano, e que por consequencia seria preciso pela navegação do Occidente navegar 190 grãos ao Ueste para chegar a Celebre Zipango; o que era navegar mais de ametade do globo. Ainda mesmo na supposição de Colomb, que nesta longa extenção de máres houvessem algumas terras, que formassem com o antigo mundo o equilibrio do globo, era incerta a direcção destas terras; e a sua extensão latitudinaria podia opor tamanhos embaraços a obtenção dos nossos projectos como a prolongação da Africa athe aquelle tempo por mais de 70 annos de tentativas ja nos tinha opposto.

Comparando-se a pequena differença de 40 grãos entre o meridiano do Congo e o golpho Persico, estabelecida pelas observaçoens Astronomicas, com 190 grãos athe a China, e a extensao que d'aqui se devia correr athe o Malabar, não podia deixar de convencer os Astronomos Portuguezes, que seria da ultima imprudencia abandonar derrotas certas, e comparativamente mais curtas, estabelecidas pelas observaçoens e pelos mais esclarecidos Geographos, a navegação que eraõ mathematicamente com muito maior excesso prolongadas, e cujas difficuldades erao tanto mais imprevistas, quanto a navegação começada era practicavel assim pela theoria, como pelos repetidos dados, que a Côrte incessantemente recebia pelos Judeos e pelos Arabes, entaõ interessádos no commercio do Oriente. Ainda mais: a projectada navegação de Colomb nenhuma alliança offerecia aos fins politicos do Grande Rey.

O projecto de Colomb foi em consequencia abandonado; *por haverem todos por vaidade*, diz o illustre Barros, *as palavras de Christovão Colombo, e por ser tudo fundado em imaginaçoens, e coizas da ilha de Cypango de Marco Paulo.*

Este menos preço do seo projecto irritou de tal maneira o animo de Colomb, que depois de haver descoberto não o pertendido Cathaio, ou Cypango, mas só as terras que o azar lhe offerecêo, a sua vaidade o trouxe ao porto de Lisboa como para confundir os que o desprezárao. A magnanimidade porem d'El Rey fez que sobre elle recahisse a confuzão, obstando-lhe a morte com que o zelo Portugues intentou castigar a irreverente loquacidade contra hum Soberano que elle só devia admirar. Esta mesma vaidade lhe fazia escrever deste mesmo porto em Março de 1493 a Raphael Sanches; que elle se persuadia haver descoberto a provincia do Cathay, ainda que nella não achava as cidades que tinha imaginado. Ainda se vangloriava, de que o Genio Portugues, apezar de immensos esforços ao mesmo fim, não soubera alcançar o que a elle unicamente estava reservado. Tal he o testemunho que delle nos deixou André Bernaldes, mais vulgarmente conhecido pelo nome do Cura dos Palacios, seo contemporaneo e seo amigo. Mas esta asserção era tão impostôra como a da carta escripta aos Reys Catholicos: — Por Servir Vuestras Altezas no he querido empenar-me con França, Inglaterra, ni Portugal, como lo veran Vuestras Altezas por las cartas dos Sus Principes:—Carta citada por Cladera pag. 32. Tudo isto se justifica ainda pelo testemunho que do character de Colomb nos deixou Barros 60 annos depois que elle tinha começado a sua gloria.—El Rey, diz o nosso grande Historiador no l. 3. da Decada I., por que via ser este Christovão Colomb homem fallador, e glorioso em mostrar suas habilidades, è mais fantastico e de imaginaçoens com a sua ilha de Cypango do que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito.—Nós com effeito temos visto quanto era exacta a opiniaõ deste Soberano. Mas os immensos lucros e a brilhante gloria que a Europa tirou da descoberta do novo Mundo transformárao as circunstancias que lhe derao origem, e fizerao quasi a apothese do

seo auctor. Porque o feito era grande, pareceo consequencia de combinaçoens profundas, como se os inventos mais importantes sempre o tivessem sido. Hum certo odioz recabio sobre a nação, que severa e justa julgou Colomb; e o interesse e o plagiato repetiraõ as vozes do primeiro assombro. Homens mesmo, que deviaõ sobreexceder as opinioens vulgares, e que tantas vezes lhes foraõ superiores, Robertson geralmente lido e respeitado, sim Robertson naõ evitou de ser arrastrado da opiniaõ commum. Era pois de toda a justiça, que a Nação Portugueza fosse exactamente apreciada, e que ao Rey sabio que a illustrou se pagasse a dvida a que tinha direito. Pela minha parte eu tive a honra de apresentar a Académia a necessidade desta justiça.

MEMORIA

A respeito dos Escravos, e Commercio da escravatura, &c. &c. Continuada de pag. 18.

CAPITULO III.

Subdividido em tres idades da lastimosa situaçaõ dos Pretos escravos.

Primeira idade da escravidãõ dos Pretos na Africa, que principia, quando saõ julgados escravos; e finaliza, quando nos Portos Maritimos da mesma Africa saõ revendidos para serem transportados para fora,

Reduzido o homem Preto livre a escravidãõ na Africa, ou porque a ella assim foi julgado, ou por effeito da aleivozia, como fica dito, he o individuo da especie humana o mais infelis, que se pode considerar. Em aquelle instante, em que perdeu a liberdade, perdeu tambem tudo quanto lhe era bom, e aprazivel.

Como em todos aquelles Presidios, ainda que dila-

tados pela terra dentro na distancia de cem, e mais legoas, como he Ambaque*, e outros, de continuo se suppoem haver alguns Pretos julgados escravos ja, e detidos para serem permutados; ha certanejos, que em huma parte se chamaõ Funidores, e em outras Tumberos†, que sempre andaõ em jornada por todos aquelles certoens, para o fim de permutarem os escravos condemnados ao captiveiro; pelo troco das fazendas ja referidas, e daquellas, que elles mais estimaõ, missanga, coral, tabaco, giribita, alguns instrumentos de ferro de que elles uzaõ, e espingardas, polvora e chumbo.

Feita pois a permutação, o acto da posse, e da tradição da couza comprada, he cruel, porque os Funidores, ou Tumberos em as suas manpas, ou cargas, ja trazem como de reserva o necessario libambo‡; e os escravos sahem do tronco§, do grilhaõ, ou de outro qualquer modo de prizaõ para o Libambo.

* Ambaque, he hum Prezidio, pelo qual se vai para Benguella, e se gastao seis mezes de jornada; e para cima d'Ambaque ainda ha Prezidios, donde no retorno com escravatura se gasta muito mais tempo.

† Funidores, ou Tumberos, saõ Pretos livres, que vivem, e andaõ no trafico de permutar escravos nos certoens, e nos Prezidios, pelos generos, que elles levoã, e transportao em o seu comboi; que se compoem de perto de cem Pretos carregados.

‡ Libambo, he huma corrente de ferro de meia pollegada de grosso; na qual se vaõ prendendo os escravos, que se vaõ permutando. Ha Libambo que tras cem escravos; podem os ordinarios saõ de trinta escravos.

§ O tronco he huma prizaõ em que se metem os Pretos escravos, o qual he construido do modo seguinte.— Escolhida huma prancha de madeira mais pezada, e mais forte, que tenha pelo menos meio palmo de grossura, e 3 de largura, em huma linha, que se passa pelo meio da largura, se fazem de pouca em pouca distancia varios circulos vazados; huns da grossura, que podera ter qualquer pescoço; outros da grossura de quatro e cinco dedos. Pela linha que se traçara para este fim, he cerrado o pranchaõ; e dividido elle, se prega huma macha femea em hum dos topos; esta prancha, preza com a macha femea, he assentada no seu comprimento sobre dous toros de madeira que lhe servem de pez, onde tem o encaixe da grossura da madeira, para que a prancha nelles entre. Neste tronco assim construido quando o crime he grande, e se quer ter o escravo mais seguro, sendo o tronco aberto, se mete a cabeça do escravo, e juntamente as canas dos braços nos outros circulos; e este fica deitado e prezo, pela metade da dita prancha, que sobrecahe. A outra extremidade da prancha depois de effituada a prizaõ, fica segura, alem do pez, com hum ferrolho, e chave. Quando o crime he menor, o escravo fica prezo por hum pe tao somente.

Nesta corrente de ferro, vai-se prendendo de poço em pouco espaço cada hum dos Pretos escravos da maneira seguinte: pelo anel da corrente no espaço competente fazem os Certanejos, e os do Comboi passar hum pedaço de ferro, e com elle á força de pancadas fazem outro anel; e sobre pondo as pontas do ferro huma á outra, fica a mão do escravo preza, e mettida nesta nova argola. De ordinario he o Libambo lançado na mão direita; porque temem os Funidores que, ficando livre a mão direita, podem os escravos com algum outro ferro, ou ainda com páo abrir o anel, que os prende. O libambo das escravas he outro, e vem separado; e soltas as crianças, a que se dá o nome de crias.

Quando os Funidores tem informação tirada no Presidio, ou de quem permutou, que o escravo he revoltoso, e resolutto, lhe lanção o libambo, e o anel da prizaõ pelo pesçoço; e muitas vezes succede que estes escravos trazem o libambo ao pesçoço, e mão.

Os Certanejos ou Funidores vão passando de Presidio em Presidio, levando no Comboi os escravos, que tem permutado. Cada hum delles leva ás costas o *Carapetal*, isto he, o saço do farnel, que o Certanejo tem comprado, para elles se sustentarem ate chegarem ao outro Presidio; aonde se refazem de novos generos.

Esta jornada dura mezes: nella não bebem agua, senão quando vencem a distancia dos Charcos, e lagoas. Acampaõ-se onde lhes destina o Funidor, ou Certanejo. A sua cama he o chaõ; o tecto da caza o Ceo; as folhas das arvores nem cobrem a todos. A cacimba destilla, e chove sobre elles. O seu travesseiro he o tronco das arvores, e os corpos dos outros. Assentado o arraial e postos os escravos em circulo, se accende no centro huma fogueira para dar calor a todos; a qual lhe serve de luz, e dura ate amanhecer; tempo em que procedem a jornada.

Passão as noites em huma quazi moderna, e vigilia, porque ainda em as horas destinadas para o somno, continuamente estaõ sendo acordados pelas sentinellas do Comboi, que os vigiaõ, e lhes gritaõ, temendo hum levantamento, que tanto as assusta; nascido da

prejuizo, e a todos commum, de que os escravos captivos conhecem herba, que faz amaciar, e estalar o ferro.

Este prejuizo não pode ter o seu principio, senão em huma mera preocupação e no terror panico; porque, tendo vindo de toda a Africa milhares de escravos, que posteriormente se conservaõ na graça, e amizade dos seus Senhores; estes sendo interrogados escarnecem dos prejuizos daquelles, que assim o affirmãõ, e crem. Não he crível, se tanto entre elles se cogitasse, ou podesse, ter o menor lugar, que tantos milhares de pessoas guardassem esse segredo; e desde entãõ ate hoje o deixassem de descobrir no tempo, em que ja não temem os Funidores, e Certanejos.

Nesta epoca tudo concorre para serem mal tratados. Tudo lhes he escasso, alem de ser mal temperado, mal cozido, mal assado; porque tem huma pequena ração, quanta seja simplesmente para os conservar viventes. Nisto entraõ os Certanejos obrigados de certos fins.

Primeiro: porque despendendo mais no sustento da escravatura, se persuadem que o seu negocio não he vantajozo, e que esta lhe vem a ficar mais cara: quando alias assim muita lhe morre. Segundo: porque se faz necessario reger com economia o sustento, de sorte que chegue, ate que se possa vencer a distancia ao outro Presidio. Terceiro: porque cada hum dos escravos na jornada não pode carregar mais alimento, do que carrega, enfraquecido pela mesma jornada, e pelo máo trato.

Por essa mesma cauza a comida, que para elles se faz he desagradavel, e insipida; pois que lhes faltaõ os temperos necessarios; e entre estes o mais precizo, e o mais principal, o do sal, que por ser pezado os carrega muito. A razãõ porque a sua comida he mal cozida, e mal assada, e porque nas jornadas tudo he feito á pressa; e ella não passa do milho, do feijaõ, e da farinha de pão. Falta-lhe a pimenta, falta-lhes o azeite, sem o que comem para não morrer. Nesta situação com a lembrança dos commodos do seu paiz, vivem desgostozos.

Entre os mesmos escravos se observa officiosidade,

e caridade que senão observa nos outros; porque se o escravo em o seu farnel traz a pimenta, a giribita, e o azeite, elle faz muito para repartir com os outros da sua condiçãõ.

Ainda que na jornada diga o escravo, que está doente, que não pode proseguir nella, elle he tido por mentirozo; em vez de se tratar do curativo da doença, que elle tenha, he espancado para o fazerem marchar; de sorte que metidos os escravos em o libambo, ou elles devem proseguir na jornada, e destino, quer possuão, quer não possuão; ou devem perecer no libambo, como varias vezes succede.

Segunda idade de escravidão dos Pretos; que principia quando elles na Africa são entregues em os Portos Maritimos aos Negociantes, e Commissarios, que os fazem seos; e finaliza quando são desembarcados no Ultramar.

Quando a escravatura trazida de muitas partes chega aos Portos Maritimos da Africa, ahi he segunda vez permutada por fazenda, e generos a Comerciantes, que alli tem caza de negocio assentada para este fim: fazendo a escravatura sua por este troco, a conservaõ por tempo em o mesmo libambo; e quando assim não são conservados os escravos, são metidos em hum pateo seguro de altas paredes, que não podem pela mesma escravatura ser saltadas, ficando alli ao tempo; e de noite ha hum telheiro, ou armazem tambem terreos, aonde he recolhida.

A raçãõ lhe continua a ser escaça do mesmo modo, e sem tempero, á excepçãõ do sal, que em os portos maritimos ja ha em maior abundancia: o alimento se reduz ao feijão humas vezes, outras ao milho, outras ao feijão miisturado com o milho por variedade. Ajuntando-lhe de mais á comida huma pequena parte de peixe salgado, de que abunda o Reino de Angola pela extracçãõ do azeite. Por variedade lhe costumaõ dar a savelha, peixe miudo, e barato, muito mais do que entre nos a sardinha; mas prejudica á saude, e com tanta infallibilidade, que os habitantes estabelecidos em aquelles portos delle se abstem pelo reconhecido prejuizo, que lhes cauza.

Por se achar a escravatura vizinha ao mar, a mandaõ em pelotoens, a que chamaõ lotes, lavar ao mar. Com

a escravatura não despendem vestuario algum, porque lhe fazem conservar o pouco que ella traz: e se este lhe falta, permanece quasi nua; porque não querem entrar com ella em despeza tanto por se persuadirem que a escravatura lhes fica mais cara, como porque cada hora a esperão negociar com aquelles, que a hão de transportar para o Brazil.

Nesta situação, e economia se conserva por semanas, e por mezes a escravatura, e he grande a quantidade della que morre; de sorte, que descendo a Loanda de dez, a doze mil escravos, muitas vezes succede, que só chegão a ser transportados de seis a sete mil para o Brazil. Entrando-se neste calculo por toda a Costa de Leste, elle não he bastante para desenganar aos Commissarios, que alli ha de estada, negociando em escravatura, de que o máo trato, que se lhe continua, quando ella chega cançada, e destroçada de huma tão longa viagem, he a causa de tanta mortandade. Seria proveitozo a elles, e a esta porção da humanidade desgraçada, que em vez de negociarem annualmente cada hum delles em quinhentos a seis centos escravos, e ate mil, negociassem em muito menor numero, e os escravos fosse[m] tratados como devia[m] ser, pois que não podem existir, e durar, faltando-lhe com o precizo.

Como porem aquelle giro de Commercio se chama florente, huma vez que recebem a escravatura, e logo a passão aos que alli em navios vão negociar, e permutar escravos; não se attende pela maior parte aos commodos da mesma escravatura, e conservação da saude della.

Esta porção de escravatura que se vai apurando de mão em mão, com resistencia a tantos contratempos, de que vai escapando pela força da robustez; entregue aos Capitaens dos navios, que por ultimo a permutação, he metida, e fechada debaixo da escotilha do navio transportador. Estes querendo adiantar tambem os seus interesses se propoem a tres fins: 1. o de permutar, e fazer sua escravatura pelo mais barato que possa ser: 2. o de meter, e transportar em hum navio, quanto lhes seja possivel, a maior porção della: 3. que com ella se despenda o menos, que possa ser no seu transporte.

Metidos os pretos escravos debaixo de escutilha, e afferrolhados, ainda ahi se observa a maior força da sua robustez; porque ahi lhes entra a faltar tudo, muito mais do que em terra. Em primeiro lugar sendo metidos duzentos, e trezentos escravos na coberta, e na escutilha, lhes falta a respiração; porque nada mais tem por onde o ar se lhes possa communicar, senão pela grade da escutilha, e por humas pequenas frestas.

Esta falta de ar he reconhecida ate pelos mesmos capitaens, que de vez em quando, se os dias são calmosos, lhes mandão armar hum manga, ou *ventilador*, que prende no cesto da gavea, e que sendo de panno cozido forma hum tubo, para que da parte mais superior se refação de hum novo ar.

Como pois os referidos escravos alli venhão metidos, e a transpiração he augmentada pela ardencia, e situação dos grãos, por onde navegação, isto faz hum ar infectado, e por isso muito prejudicial á saude.

Isto mesmo os referidos capitaens, lembrando-se dos seus interesses, reconhecem, e querem de algum modo remediár: porem com pouco effeito, pois que por duas vezes na semana mandão lavar a coberta, e com esponjas correr o interior della com vinagre. Todos os dias por pouco tempo, e por poucas horas mandão vir em ferros para cima certa porção de escravatura, para que esta se refaça de hum novo ar; e não mandão vir maior quantidade della, por temerem algum levantamento: porem com isto muito pouco se consegue, porque os escravos tornaõ para baixo a participar do ar doentio.

E não convence aos capitaens a experiencia, de que quando querem trazer hum maior numero de escravatura, e a trazem ate nas camaras dos navios, vindo ella alias sempre preza, porque participa de ar livre, do qual de ordinario participaõ as pretas escravas, e os moleques; esta he a melhor porção de escravatura, que chega ao Brazil.

Em segundo lugar a escravatura embarcada tem hum curtissima ração de agua, e esta amornada pela ardencia do clima; e he em tanto extremo a necessidade que experimenta deste genero, que a sede que padece, dá cauza a suscitarem-se diversas queixas epi-

demicas : e depois de alguns dias de viagem, se entra a deitar escravatura ao mar.

Em terceiro lugar são mal tratados os escravos, porque tem huma escaça ração de mantimentos, e pela maior parte de torna viagem. Os referidos mantimentos não discrepão do feijão, do milho, e da farinha de pão, tudo mal feito, e intemperado para tantos; ajuntando-se-lhe apenas em cada ração huma pequena porção daquelle mesmo peixe nocivo na costa da Africa, que já vem derrancado pelo decurso da viagem. A lei de 1684, que procurou evitar estes grandes males, bem deixa ver a que ponto elles erão chegados ja naquelle tempo.

Os capitaens dos navios não se acabaõ de persuadir ate com a experiencia, que os devia desenganar, que lhes era mais util, e mais conveniente áquelles desgraçados o projectarem, e effectuarem huma negociação de transporte com menos praças, com tanto que ellas viessem fartas, e bem tratadas. E com quanta razão se não podem chamar, pelo que se pondera, os Pretos escravos, que a tanto resistem, e que a tanto escapaõ, homens de pedra, ou de ferro?

Terceira idade da escravatura dos Pretos, que he desde que são desembarcados no Brazil.

Aportando pois annualmente hum sem numero de escravos transportados de toda a costa de Africa ao Brazil; parece que refolegando a humanidade opprimida, seria hum dia de triumpho, de gloria, e de prazer para a mesma humanidade, que escapando a tantos perigos entrava no Christianismo, no centro, e na unidade da Igreja: porem assim não succede, porque não sei se diga, que o remanescente de seos dias he mais desgraçado.

Dezembarcada esta grande porção de escravatura na America, he conduzida para caza do commum Senhor, que tambem o he do navio, e de toda a negociação. Alli para ser vista de todos, são os escravos postos, e mandados assentar em lotes, e com separação dos grandes aos pequenos, dos pretos maiores, e menores, na rua pela frente da propriedade do Senhor, e quando á noite se faz preciso ser recolhida,

re pouza em hum grande armazem terreo que fica por baixo da propriedade senhorial.

Quando esta porção de escravatura chega ao Brazil, com sigo pensa, e bem, que entrando na terra promettida da abundancia, e da fartura, nada lhe deve faltar; porem o contrario lhe succede; porque, por se querer liquidar a negociação pela menor despeza, a mesma escravatura se conserva sem novo vestuario; e encontra a economia de humas escaças raçoens, que de ordinario são feitas daquelles mantimentos que o Capitão fez durar por providencia para maior tempo da viagem: e na terra da abundancia, aonde tudo he barato, não se supre melhor a maltratada escravatura, que acaba de huma tão alongada viagem.

Neste supprimento não entraõ os Senhorios della; porque todo o seu fim, e intento vem a ser gastar pouco, e pôr fora com venda depressa a mesma escravatura: accommettendo a esse tempo o maior numero de enfermidades á escravatura, aos enfermos mandaõ as vezes permittir pelos seos interpretes, quando sahem para a mostra da compra, que digaõ aos novos Senhores, que estaõ bons; ao que são faceis, porque cuidaõ, que vão buscar melhor fortuna: de sorte que da cama do chaõ, aonde se achão gravemente enfermos, são levados, e passados aos compradores; e por conservarem por mais algum tempo o segredo da mentira, ate succede, que pouco duraõ em poder de terceiro; e não daõ tempo a serem refugados; e na fraze da terra engeitados, em observancia da Ord. do Liv. 4. tit. 17. no principio, e no §. 5 e 7.

Quando porem o lote da amostra se recolhe inteiro, porque nenhum dos escravos se comprára, ou se escolhera outro, que não seja o enfermo; torna a escravatura para o mesmo antigo lugar, e o enfermo por necessidade outra vez procura o solo terreo do armazem, que deixára, e se vai unir aos mais, que soffrem as mesmas, ou differentes enfermidades.

Pela maior parte assim como vivem, morrem ao desamparo. Não se chama Medico por dois principios 1. porque ha bastante difficuldade em vizitar, e curar os Pretos: 2. porque pela paga, que o Senhor hade dar ao Medico, vem a escravatura a ficar mais

cara. E o mesmo a respeito dos Cirurgioens. Assim a escravatura vai a ser entregue a huma alveitaria, qual he a dos Pretos sangradores; e estes são os que de ordinario são chamados quando de dia em dia se vai sumindo, por effeitos da morte, a escravatura, para debaixo da terra. Estes sangradores são os pessimos Cirurgioens, que embarcão para a Costa de Leste.

Huma cama no chaõ, humas comidas escaças, hum fastio nascido da enfermidade, as mesmas enfermidades desamparadas, procurando a ultimação do homem escravo, o máo trato em geral; são as cauzas, que levão em cada hum anno hum sem numero de escravos á Sepultura.

Manda-se em Lotes passear pela cidade a escravatura, para o fim de ser ella amostrada para a venda, e para a fazer participante de hum novo ar, que a refaça. De caminhar he ella levada ao mar, e aos lagos, tanques, e fontes onde algumas vezes se lava.

Passando o escravo pelo titulo da venda a novo Senhor, elle se persuade, que escapou da oppressão; porem de ordinario, ou se empregue nos serviços rusticos, ou urbanos; esta vivendo em hum continuo martirio. Se o escravo se occupa em o serviço urbano, elle sim he mais bem tratado pela comida, e pelo vestuario; porem se he comprado para servir a caza, hade dar conta de todo o serviço della com repartição das horas e he hum fiador eterno dos bens da mesma caza. Se em alguma coiza descrepa, ou quanto faz nao se amolda a hum genio sempre prevenido contra o humilde escravo, he logo mandado castigar.

Os escravos metidos nesta tortura, sustentando o horrivel combate da vida com a morte, tremendo, e sendo obrigados a miudo a comparecerem, como reos; alguns tomão o folego, e morrem; outros passão navallas ás goellas; outros lançaõ-se aos poços; outros precipitaõ-se das janellas, das grandes alturas; outros finalmente mataõ a seos Senhores.

Quando o escravo encontra Senhor, que seja mais humano; querendo este ainda assim vingar-se dos leves crimes, o faz vender a Senhor no mesmo paiz, que tem a fama de rigoroso; o qual por este priaci-

pio o comprá barato. Eis aqui a aspereza constituindo hum novo ramo de commercio, e dando cauza ao contracto.

Quando alguns Senhores não querem ouvir em caza os gemidos, e ver correr pelo chão o sangue, procurão que na Ribeira seja castigado o escravo. Eu teria por hum grande premio do meu trabalho, se á minha voz, ao menos por effeito de hum echo, podesse chegar a lugar, donde emanasse huma carta do Serviço, que advertisse, que semelhantes Lugares são para administrar Justiça, e arrecadar a Real Fazenda, e não para se executarem as sentenças privadas dos Senhores, porque o prohibe a Ord. do Liv. 5. tit. 95. § 5; e o Real Decreto de 30 de Setembro de 1693, que veio fazer entender, e concordar o § 4 da mesma Ordenação.

O escravo, que he comprado, e destinado para o serviço rustico, no qual se occupa, e se faz necessaria a maior parte da escravatura á promoção das Fabricas daquelle paiz; alem de soffrer todas as referidas inclemencias, ainda lhe accresce, que lhe taixão diariamente o trabalho, a que chamaõ tarefas; e não as concluindo são castigados. Não lhe dão vestuario nem sustento; e lhe dão o sabbado livre, e terras para poderem ganhar, e trabalhar para o sustento de toda a semana: porem este systema de economia não pode ser desempenhado nem conseguir-se os fins só apenas pensados. Por isso parte desta escravatura se occupa no furto das novidades, que os mais plantaõ; e dalli só se pode tirar por concluzaõ, que elles tem hum dia certo para furtar.

(Continuar-se-ha.)

CARTA POLITICA

Sobre o melhoramento da Agricultura Portugueza.

Ex agricolis populi magni, strenuissimique efficiuntur.

CATO.

Estimavel amigo: para fazer-vos conhecer, que a minha amizade não he ficção, antes pelo contrario são meus os interesses do meu amigo; vou patentear-vos algumas reflexoens sobre a nossa cultura; objecto em que dezejara livremente discorrer, por ver o desprezo dos lavradores, e nossa ruina. Ainda que deste ramo politico tenhaõ falado optimos escriptores, e seus maravilhosos escriptos lembrassem tudo de modo, que fica impossivel dizer novidades: todavia amplificar suas ideias accomodando-as a bem do publico, do estado, e do nosso territorio he hum dever, que lizonjeia muito todo o vassallo zelozo, e patriota, e he justamente por isso, que o assumpto me dá louvor.

A necessidade foi sempre, quem fez o elogio da agricultura; ainda que os homens apezar de gozarem socegradamente dos bens, que ella lhes concede nunca reflectem sobre a multipliação de seus favores, vindo facilmente a esquecer-se de que a cultivação he o aliearse, e alma do bem particular, e publico, a solida duração dos estados, o apoio de nossas commodidades, riqueza, e poder: quem para isto não attende, enerva, e destroe as forças da republica.

He difficultozissimo poder-se alguém persuadir, que seja possivel subsistir Reyno algum sem cultura, e sem huma cultura muito activa, e cuidadoza; quanto esta mais se augmenta tanto mais forte se faz o povo por esta cauza; sendo pelo contrario evidente prova de miseria, pobreza, e pequena povoação as terras incultas. Não imputemos a falta de cultura, e arroteação á qualidade dos terrenos, porem ás causas, que obrigaõ os homens a trabalhar a terra, ou abandonala. Nenhum terreno ha mau, que a industria não saiba aproveitar, assim como nenhum ha tão fecundo, que produza sem soccorro dos humanos. A natureza dos governos he, quem determina a sorte

dos lavradores, e a maior, ou menor vigilancia da cultura. Debalde o sol comunicará suas amorozas influencias, debalde as chuvas serão regulares, as estações beneficás, bons os terrenos, e diligentes os desejos do agricultor; porque o desmazelo, o descuido, os gravames, a cobardia, e o desprezo, que se faz dos cultivadores tolhe a abundancia das colheitas, faz recuar a natureza, e serem infecundos os terrenos.

Naquelles paizes que parecem menos favorecidos da natureza, huma protegida, e animada cultura multiplica as colheitas, fertiliza as producções, e enriquece os vassallos, que se regozijão com a deliciosa vista de suas louras searas.

E que preciosos effeitos não colhem os homens da cultura! Nenhuma dependencia nos estados deixa de ter com ella necessaria connexão: Alimentos, povoação, artes, commercio, navegação, exercitos, rendas, classes, riqueza; tudo a agricultura sustenta, tudo della depende, e quanto mais cresce, e se vigora tanto mais os Reynos florecem, e se augmentão por terem no seu âmago maior numero de recursos.

Quem he, que sustenta, cria, e anima os homens? a multidão dos uteis animaes, que os ajudaão zelozas, e submissamente sem o qual soccorro seriaão mais peniveis, e quazi impossiveis os trabalhos campestres, quem he, que os alimenta! Este grande mechanismo dos estados aonde se vem cardumes de obreiros, artistas, marinheiros, soldados, Ministros, e todas as mais gerarchias de que se compoem as republicas como viviriaão se a agricultura os não sustentasse? Embora a industria pela sua déstra habilidade augmente, doure, e inculque o preço das materias, que o philosopho perspicaz desdenha; embora a estragadora politica fundada na ignorancia daquelles homens, que se persuadem saber tudo, quando nunca souberão mais do que adoptar para si hum systema singelo, e particular da sua conservação, e opulencia, ponha em acção todos os meios, que a mente humana póde esquadrinhar para elevação, e crecimento dos estados: embora os talentos mais estimados, profundos, e innovadores empreguem todo o seu poder, e esforços para melhora-rem a sorte de sua patria, que despreza a cultura; de nada serviriaão tão bons projectos, não valeriaão os

maiores recursos, e os meios mais poderozos seriaõ inuteis, porque sem os dons, e favores da terra, são quimericos os mais bens do homem.

Os bens de ficção, aquelles bens, que esparge o luxo, a moda, a inutilidade, e o appetite fazem faltar os bens necessarios, e obrigando nos a reccorrer a nossos vizinhos ficariamos dependentes, como ficámos de seus caprichos, machavelhice, vileza, e ferros*. Quando se necessita mandar vir de forá o sustento principal, tudo o mais sobe a preços excessivos, e as maiores riquezas, as minas mais abundantes, e catadas com toda a circunspecção desaparecem, e secaõ incrivelmente: os vassallos enfraquecidos, e quazi esgotados do sangue, que os animava, ainda que seu estado floreça na apparencia, declinaõ, e morrem por defecação sem a conhecerem; pelo contrario as guerras tanto serias, como caprichozas, navegação, artes, marinha, tropa, estabelecimentos, creações, commercio não enfreqüecem, nem destroem aquelle paiz em que sua primaria occupação he a cultura protegida pelo legislador.

Amigo eu não ignoro, que algumas naçoens tenhaõ avassalado, sujeito, e destruido outras por meio da sua politica, actividade, destreza, e commercio, porem o mal nem sempre mata de repente. A industria dá aos povos, que della se aproveitaõ hum verniz sem igual, dá-lhes hum brilhar deslumbrador, mas em quanto a mim isto só serve de admirar a belleza dos fructos sem cuidar da arvore, que os produzira.

Huma nação, que da fecundidade de suas terras tira suas riquezas, huma nação que tem bens nativos, e naturaes tem no seu seio o germen da força, e da opulencia. Todo aquelle Reyno, que se applica á culturação, e que faz seus vassallos agricultores sempre he rico em subsistencia, recursos, e braços. Quando os alicerses são solidos a revolução dos seculos, as injurias dos tempos, e da politica são pequenos terremotos para destruiilos.

* A relação do terremotu de 55, que Lisboa experimentou, que he hum pequeno livro escripto em Francez no qual taõbem se acha hum discurso politico das utilidades, que Portugal poderia tirar da sua desgraça mostra bem esta sujeição, que será bom saber-se por principios apezar dos Portuguezes a conhecerem por experienciã.

As artes liberaes filhas da industria de acordo com as mehanicas são por nossa desgraça muito amaveis; o luxo, que dellas se origina afaga nossos dezordenados appetites, saboreia nossos prazeres, e lizonjeia melhor nossas inclinaçoens, e amor proprio: rezaõ principal, porque a enchada, e o arado são palavras asquerozas, que nos espancão, e enojaõ. Porem que desgraça da ignorancia, que mal tamanho! Os homens são capazes de tudo quanto nos tenros annos se lhes imprime; com o primeiro leite se arraiga huma boá, ou má indole, e se aquelles homens, que suportaõ a calma, o frio, e que sujeitos naõ só aos rigores do tempo, mas expostos aos males, que gera a ingratitude das estaçoens por sustentarem seus iguaes naõ são conhecidos, nem merecem a publica estimaçaõ; merecem todavia por dever rigoroso a mais seria atençaõ de seus Governos. Que cidadãos ha, que sejaõ mais preciozos, ou mais necessarios? Os homens só devem ser avaliados pelo valor real, que elles daõ ao estado em que habitão, e pelo proveito, que a humanidade delles colhe.

Os innumeraveis sujeitos, que o estado emprega nas profissoens exquisitas, que devia desprezar, pois que seu officio he só destruir, e decepar a vide, que os sustenta sem que de suas funçoens rezulte alguma utilidade; aquelles, que sem dever necessario, ou manifesto lograõ as rendas, que a robustez, o commercio, a vileza, ou a miseria de seus Pays lhes deixou; aquelles, que nenhuma prerogativa tem mais do que as que pretextoõ huma vil izençaõ dos cargos, e trabalhos da sociedade; aquelles cuja sagacidade astuciosa quotidianamente aguilhõa a malicia dos homens; aquelles de quem o Conde de *Boullainvilliers* fala em suas memorias, cujo prestimo consiste no enredo das ordens, quando estas quanto mais simples, concizas, e menos numerosas, tanto melhor se entendem; aquelles, cuja occupaçaõ foi arbitraria, e de capricho, sendo necessario para empregalos multiplicar as Mezas nas Recebedorias, e escripturaçoens de que* procedem confuzaõ, e incomodo para as

* Quem duvidar desta verdade na nossa Corte advirta, e olhe para os tribunaes, que se creáraõ para recadar tributos dos quaes alguns naõ chegaõ para pagar à gente, que está encarregada da sua recepçaõ; olhe para o correio, conte as Juntas, numere as Contadorias, repare nas

partes, e sem utilidade a despeza, que a Fazenda Real por isso faz; pois que as occupaçoens mais necessarias ainda que trabalhosas sentem desfalque, e não tem alumnos; aquelles, cujos officios, talentos, serviços, bondade, ou merecimento unicamente servem de entulhar a patria em que vivem, prohibindo seus iguaes de fazerem os beneficios a que seu natural os leva pelas maximas, que sem applicação proferem, serão sempre aos olhos do concededor, do politico, do sabio, e do discreto muito inferiores ao rustico, ao vilaõ coberto de colmo, e aquem veste huma desprezível cobertura, porem cujas mãos só se empregão em crear valores, que sem elle não existiriaõ: elle he quem faz nascer por meio do seu trabalho, e suor o primeiro fructo, que sustenta as outras commodidades da vida, sua familia povõa os campos, e aldeias, seus filhos recrutão nossas tropas, e seu premio he serem aviltados, e desconhecidos!!

Naõ pareça á primeira vista, que eu pertendo abolir todas as classes da sociedade, e fazer agricultores todos os homens para estimálos; o que intento provar he, que nunca para sustenta-los se deva dar córte na agricultura. Os estados nascem, morrem, e renascem, mas não crescem, nem se povoão senão por meio de cultura, e povoação; as quais ambas só hum trabalho assiduo, economico, bem dirigido, e regular he quem as conserva: muito mais depois de não ser huma nação outra couza senão hum tecido de homens, cujas enca-deadas occupaçoens por laços desconhecidos se fazem mais, ou menos indissolueis por meio das Leys, e dos costumes, os quais fóra de seus eixos arruinaõ a contextura, e perdem o melhor brocado.

Quando nos Reynos as profissoens ociozas saõ mais do que as necessarias, estancaõ-se as forças, e o povo diminuindo gradualmente com a cultivação arruina, destroe, e faz baquear o estado mais potente. Arro-tear, cavar, plantar, cultivar, semear, fazer fructiferos os baldios, e aproveitar o immensuravel terreno das coitadas, que não só he inutil, mas vexa, e afflige o cuidado do lavrador com quem confinaõ; he o mes-

mo, que alargar o continente, augmentar as rendas do estado, multiplicar os vassallos, e desconhecer-se a miseria. Toda a terra, que não produz, ou que deixa de produzir diminue o poder, e as forças das naçoens. A guerra, a ignorancia, a fome, e as epidemias talaõ os campos, abrazaõ cidades, engolem Republicas, e desfazem Governos: porem a voracidade destes males taõbem se aplaca, e extingue sendo menos perigosos do que aquelles vicios interiores, que solapando hum estado o minaõ por graus imperceptiveis. Os Povos aniquilaõ se, quando se lhes não atalhaõ as infirmitades lentas, que bem como lima surda emagrece a cultura, e reduz os vassallos a esqueletos.

É que maior prova para a necessidade da cultura, que a tristeza universal da natureza nos campos incultos? A ingratitude, e aspereza da terra, e secura das campinas, a fealdade dos espinhos, a inutilidade dos abrolhos, a hedionda, e desconhecida vista dos ermos, o encontro dos animais ferozes, a raridade das choupanas, que são os campestres edificios, tudo concorre para mostrar-nos quanto he temivel a falta de cultura. He verdade, que a rudeza, ingratitude, e indignidade dos terrenos os faz muitas vezes julgar inuteis; porem nenhuma terra ha esteril, ou infecunda: se o trigo pede terras sucozas, gordas, fortes, e novas, as que são fracas, e cançadas servem para diversas plantaçoens. O descuido do Legislador e mais ainda dos executores das leis he sempre, que as faz infructiferas.

Entre as innumeraveis ordenaçoens para felicitar nosso Reyno acho mui poucas a favor da cultura, e as que ha estaõ quebrantadas, e esquecidas; de que procede ficar esta gemendo, quando as mais ramificaçoens, que ella sustenta, e anima são as que tem emulação, riqueza, e favor. É que maior dever dos nossos Ministros, que olharem para tais males com reflexão, e madureza, e não com Leys repentinas, ou com ordens authomaticas, em que só tem parte huma estragada philosophia sem se attender os gritos dos opprimidos, cuja voz he o sentimento, e a verdade lingoagem!

(Continuar-se-ha.)

ELEGIA

A MORTE DO GENERAL MOREAU.

Diis aliter visum, periit.—VIRG.

VEOS funebres da Morte, que fulgurando nos astros,
 Ca sobre a terra palida, sombra cobre,
 Dai-me que subindo ás fontes da etherea vida
 Mystérios sonde, que avido o Ceo recata.
 Da humana sorte os quadros notando medonhos
 Fluctua a Mente, pavidó o seio treme.
 Fins occultando mostra a Providencia meios,
 Que aos mortaes olhos cega vareda traçaõ.
 Por ella a Razaõ marchando vacilla, tropeços
 Acha da verdade na escurecida rota.
 Da sordida Cubiça, da Tyrania cruenta
 Cahir nas garras a Integridade vemos.
 Com torpe jubilo folgando o Crime triumphá
 E em pranto, e ferros a humanidade geme.
 Na horrenda alluviaõ de males que a terra desolaõ,
 Naufraga a virtude quasi que o termo toca.
 Feios mais que EGYPCIA treva, de lucto cobertos
 Os tristes dias da Escravaõ negrejaõ.
 Ja curvo de cruceis Tyranos á ferrea vara
 O genero humano vira de pranto dias.
 Nesses, que inda a Magoa aponta, de Emacia campos
 Onde hostes patrias crua peleja abriãõ,
 Ao Crime juz, triumphos e Infamia dando,
 C'o insulto a Sorte quiz macular os evos.
 O rigido inimigo da Prepotencia dura
 O censor fero d'horridos arbitrios,
 Cataõ firme expira; e c'o a liberdade cahindo
 Resigna os foros d'alta nobreza humana.
 Não menos em crimes fertil; mais negra no lucto
 A idade nossa fez Tyrania crua.
 No meio entretanto do sanguinoso tumulto,
 Que ha quatro lustros as geraçoens devora,
 Da justa cauza esteio, bem que ezule fosses,
 Anciozo o mundo, clãro Moreau, te olhava.
 Tu que regeitaste activo do autocrata Corso
 O atroz systema da Realeza avaro,
 Que ufano calcando hum sceptro, que o Crime eregis,
 Da intruza Audacia dezaprovaste o jugo.
 Da patria, dos humanos tu, preclarissimo apoio,
 Lucta nobre vjas so na defeza sua.

Tu livre, incorrupto entre a viciosa catervos
 Dos vis escravos, que ao fero monstro riaõ,
 Da gloria no lustre absorto, á Inveja superno,
 Da baixa Intriga nunca fitaste o rumo.
 Do teu adversario, teu, e do mundo flagello,
 Victima por isso foi a nobreza tua.
 Dos teos, das honras pode expulsar-te o Tyrano,
 E vis insidias mais que o valor poderaõ.
 Mais do que Cezareas artes, perfidia Corsa
 Dispoz aprestes á escravidão do globo.
 Naõ campo aberto, ou armas com proprias armas
 Napoleaõ tẽta; por que rivaes humilhe.
 Saber, ousadia teme. Nã intriga potente
 Indigno auxilio so do sobornõ tira.
 Eis como forjou o infante com torpe caballa
 Moreau illustre, da tua sorte o damno.
 Ja profugo, expulso, novo Themistocles erras,
 E o amor da patria fixo nõ seio nutres.
 Tempo, revezes, clima, nada te muda o caracter
 Que immortal honra gravã na fama tua.
 Da França preclaro filho, da bellica França
 Campeaõ nobre, gloria quanta ganhas!
 Luctando por ella, tu rico esmalte lhe deste,
 Deo-lhe o teu fero perseguidor cadeas.
 Longe de seu gremio entanto, se triste gemias,
 Por seu destino, pelo dos homens era.
 Naõ so vergada a França, submisso o universo
 As plantas suas Napoleaõ dezeja.
 Cumplices oppressos povos, que manda suberbo,
 Faz dos seos crimes a iniquidade sua.
 Da sam verdade, que seos horrores acuza;
 Sumir as vozes busca o feros Tyrano.
 Em vaõ. Ja do Tejo ao Volga seu grito retumba,
 E eleva esforços o Heroismo novos.
 Naõ he de reis ja querella. Dos povos a cauza,
 He quem os povos traz á cruenta lide.
 E expectador inerte quem fora sem crime
 Do açoite erguido, que a humanidade fere?
 Moreau que ousado soubé por cima de azares
 Salvar seos foros com generozo brio,
 Firmes elementos, que alta virtude lhe deraõ,
 Seu ser formando, como apagar podia?
 Nado para a gloria, deo lhe servindo-a lustre,
 E em seu regaçõ pode acabar ditozo.
 Roubou-lhe a Força meios, naõ pode tirar-lhe
 O ardor sagrado que pelo bem nutria.
 Da França aos crimes, e naõ á gloria guerra

As suas armas, seu coração fizeram.
Grato aos clamores da humanidade gemente
A voz da patria, que em sua dor conhece,
Sahio do retiro, onde guardava thesouros
Seu bellico engenho de relevante preço.
A par dos reis, que unira Concordia sancta,
A par dos povos, que embravecera o jugo,
Moreau se ostenta; e o plano fecunda sagrado,
Que o triste mundo deve remir de novo.
Quem tinha começado a lucta na cauza do justo,
Com tanto auspicio, dar lhe o remete deve.
Assim sem as armas do inexoravel Achilles
(Voz foi d'oraculo), Pergamo nao cahira.
Assim da Justica eterna decreto supremo
Moreau do mundo trouxe á funesta crize.
Ceos! quanto estrago, quanto desastre ameaça
A instante lucta, de impio lume aceza!
Na cor vencendo as sombras da Estygia noite,
No aspecto horrendo phases abrindo negras,
Nos muros de Dresden a Tempestade se fixa,
E dali densa tristes agoura damnos.
Medonho conflictio impende! hum lado apresenta
Do Ceo virtudes, furias outro lado.
Quem hade vencer? o tumulto aos humanos aberto
Vendo, nos peitos Anciedade bate.
O Genio da Cubiça fero não soffre limites;
Qual gaz se expande, na reacão vigora.
Nem vididos fogos de abraseada cidade,
Nem gelo agudo quebra a fereza sua.
O Espirito do mal propaga, qual Hydra de Lerna,
E Antea força, quando recua, ganha.
Ante este minax prospecto da sorte do mundo
Com frente impavida veio Moreau preclaro.
Nao tarda o fatal instante da rigida prova:
Junto de Alexandre marcha o votado chefe.
D'alem devizo, grande Monarca, diz elle,
Surda batteria, que este lugar domina.
Tem Dresden no seo o fero inimigo dos homens,
Estão seos Fados a tua vida prezos.
Expo-los Senhor não debes—a marcha prolonga,
É á Moreau deixa risco de preço leve.
Fallara, e hum pouco ja progredia o Monarca,
Eis fado horrendo subito golpe vibra.
Do sitio ali marcado vulcanico bronze
Troando, os passos prompto á Moreau decepa.
Cahé tinto em fumante sangue, que o campo roxea
E exhalando a vida disse com gesto ledó.

Salve de meos dias termo. Contente, recebo
 Justiça eterna, teu divinal aceno.
 Do ser que regeste, e a vida cortando premeas
 Acolhe a offrenda, que hum puro voto leva.
 Se o fim que anhelava, tenho, do plano que mostras
 No meu exemplo, segue o fecundo brilho.
 Embora exultando me sobreviva o Tyrano.
 Mais que de meos dias, trema da morte minha.
 Procede avante; exausto não perde a coragem,
 E a seu fim proximo, novo real e cobra.
 Os socios animando, e avizos fazendo benignos,
 Da vida os restos utilizar procura.
 Qual Socrates morrendo immovel, o circulo feixa
 De acçoens que ao gume da crua morte fogem.
 Desta arte aos Ceos approuve tirar dos humanos
 O Ser, que a humana dita fixar podera.
 Dos Ceos foi lei suprema cortar-lhe a carreira,
 E he sobre a terra mizera a perda sua.
 Do turvo oceano olhando, que volve dos annos
 A inchente, obscuro, quanto se vê, parece.
 Entanto se amigo raio da mystica fonte
 Da vida brilha, tervas á mente aclara.
 No indice dos Ceos ja lendo a Piedade se curva,
 E altos mysterios, que reconhece, adora.
 Votada á Verdade a vida, perdida por ella,
 Do ethereo lustre vê no modello nobre.
 Gloria, não ventura prova magnanimos entes.
 Moreau so grande, tal acabando, fora.
 Na morte o maior triumpho da gloria teve,
 Encheo o exemplo do Proceder divino.
 Crimes não expiaõ crimes. O jugo do mundo
 So da Virtude puro realce quebra.

FIM.

Os louvores que se dão aos grandes homens, depois
 que falecerão são, quanto a nos, o maior incentivo para
 imita-los. Sinceros, porque ja não podem equivoocar-
 se com a adulação, e verdadeiros, porque os dicta a
 voz da justiça universal, elles apresentaõ o devido
 tributo ao merecimento; e preparaõ o mais bello tri-
 umpho da verdade. São estes louvores, he a repu-
 tação dos homens alem do tumulo, que so os pode
 inflamar no dezejo de huma glorioza immortalidade.
 Entre os heroes que nos offerece a historia moderna,
 dos que tem perecido na lucta actual, excitada para
 a subjugação completa da especie humana, o General

Moreau he sem duvida o mais conspicuo exemplo de opposiçãõ áquelle atrocissimo systema. As suas proezas como os seus infortunios pela cauza da justiça saõ assaz conhecidos, para merecerem commento; e a sua morte pelos mesmos principios, pondo o remate a seu heroismo, patentea a mais alta designaçãõ do character humano, a votaçãõ pelo bem publico. Tal foi Moreau. Seria injustiça ficar mudo sobre cinzas, que arrançãõ lagrimas á humanidade, e a Muza dos tumulos, a Elegia, que tem a seu cargo dourar as sombras da morte, e revindicar os foros da eternidade, perderia huma grande occasiãõ para brilhar, se não accendesse o seu lustre na sepultura do heroe, que o mundo acaba de perder. Eis aqui porque intentamos fazer as exequias do illustre morto, com a solemnidade magestosa do verso elegiaco dos Gregos, ou Latinos; persuadidos como estamos, que elle he mais proprio que qualquer outro para elevar o espirito á dignidade do objecto. Se porem na tentativa não conseguimos igualar o metro, nem o assumpto; deve isso attribuir se mais á escassez do nosso talento, do que a pobreza da nossa lingua nativa; que assentamos, (e nisto insistiremos) ser entre as modernas huma das melhores para se metrificar daquella maneira. Esperamos que o judiciozo censor dos hexametros Portuguezes, o Snr. A. R. de A. que teve a bondade de communicar-nos as suas luminosas observaçoens a este respeito; queira esta vez com a sua uzual generozidade dar a confirmaçãõ ao novo ensaio que lhe dedicamos; e “que para obter aquelle *sacramento* o dispense da idade, assim como da *patente*,” com que dezejava premeiar o mesquinho trabalho de hum vate, que longe de aspirar ás honras de laureado, se contenta, marchando por esta via ao Parnazo, de abrir quando muito huma nova fonte para o aperfeiçoamento da poesia e literatura Portugueza, que muito ama, apezar do menoscabo em que he tida por muitos, e das poucas ou nenhumaes vantagens, que a sua cultura offerece. Os nossos dias saõ iguaes senão superiores em lucto aos de Camoens, pois a cada instante somos forçados a exclamar com elle—

O favor com que mais se accende o engenho
Não o da patria, não—

Pois se a patria o não da, menos o daraõ extranhos; e a vista daquelle exemplo, nenhum estro poetico, nenhum talento agradavel poderã facilmente prosperar, entre nos; não se esperem milagres de engenho, onde elle definhã por falta de animaçaõ, e de recompença; e baste isto para explicar os defeitos inseparaveis dos nossos homens de letras. O author do poema de Moskow, e da presente Elegia, promette com tudo ao seu illustre censor, não deixar nas trevas huma resposta sobre a theoria, e construcçaõ dos hexametros modernos; e lizongea-se que o convencerã de que não procedeo na composiçaõ dos seos, sem regras imperteriveis, regras que não alteron, e que lhe parecem justas, e indispensaveis no uzo daquelle metro em Portuguez, regras que nada tem de mysterio, pois que são filhas da observaçaõ, patentes a todo o investigador curiozo.

O favor com que mais se accorde o engenho
 Não e de a patria, não —

SCIENCIAS.

As seguintes Notas deviaõ propriamente ir no artigo Correspondencia ; mas esta vai-se diariamente augmentando a tal ponto, que nos vemos precizados a alterar a ordem, que tinhamos estabelecido ; d'outra maneira tarde, ou nunca poderiamos acabar de publicar os manuscriptos que se nos tem enviado, e se nos estaõ continuamente mandando. Huma tal demora naõ só desgostaria os seos authores, e desanimaria outros ; mas seria prejudicial á Literatura Portugueza, e á sua reputaçãõ, e credito ; sendo huma verdade que entre os manuscriptos, que se nos tem mandado, ha muitos que fazem muita honra á nossa heroica Naçaõ : nesta ordem consideramos nos á primeira Memoria deste No. e as seguintes

NOTAS

De Joaõ Manoel de Abreu sobre varios lugares da censura dos Redactores do Edinburgo Review aos Principios Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha, para servirem de Supplemento ao Prologo da segunda ediçaõ dos mesmos Principios.

Os Principios Mathematicos de J. A. da Cunha naõ podiaõ cahir em melhores maõs : oxalá que M Playfair tivesse tido tempo de os examinar como convinha ! Inda assim muito á preça, talvez n'huma só leitura, achou coizas dignas de louvor, que outros naõ teriaõ achado em muitas leituras. Porem o systema dos Principios de J. A. naõ se alcança folheando : carece de maduro exame para se perceber a dependencia, que cada livro tem dos precedentes. Naõ será portanto de estranhar, que M. Playfair se equivocasse mais de huma vez a este respeito ; nem que lhe escapassem,

currente calamo, entre frequentes elogios tão dignos da obra como do douto censor, algumas objecções mal fundadas, que elle mesmo teria riscado, se meditasse mais hum instante. He muito possivel, que hum critico tão habil venha a descobrir no trabalho do Geometra Portuguez defeitos reaes, que hum compatriota pouco instruido, e traductor apaixonado, vera sempre com difficuldade. Porem os que ate qui se figurarão a M. Playfair, parecem-me todos illuzoens manifestas. Assim, sem desconhecer a liberalidade e franqueza da melhor parte da sua censura, seja-me licito responder á outra, e dizer o que entendo com igual franqueza: salvo o respeito devido á tão benemerito censor.

I.

“ He huma verdade, diz M. Playfair*, que para explicar o todo desta obra aos seus discipulos se requeria hum professor muito intelligente; e mais intelligente por certo, do que ordinariamente se não hade encontrar.”

Assim parece á primeira vista: porem muito mais intelligente, digo eu, deye ser o professor, que houver de explicar, sem grave inconveniente, qualquer volumoso compendio; ora cheio de superfluidades, ou redundancias viciozas; ora suprabundante em theorias faceis na apparencia, e sophisticas na realidade. Então hé que os discipulos carecem de hum optimo professor, que lhes ensine a saltar humas paginas, e a corrigir outras. Mas para explicar o compendio de J. A., onde não há paginas, que omittir, nem sophismas, que emmendar, qualquer ensinador basta, com tanto que saiba hum pouco de Euclides, e tenha vontade de se applicar. Poderá elle attingir mais ou menos tarde o systema do Author: porem explical-lo absolutamente

* Este, e os outros assumptos das presentes Notas, são extrahidos do Investigador Portuguez No. XX. Fevereiro, 1813; onde se acha traduzida, e attribuida a M. Playfair, a Censura dos Redactores do Edinburgh Review aos—

Principes Mathematiques de J. A. da Cunha traduits litteralement du Portugais par J. M. d'Abreu.

mal só de propozito: ao menos não correrá o risco de tolher os seus discipulos, explicando-lhes paralogismos grosseiros no stylo de demonstraçoens exactas.

He de advertir que o compendio de que se trata, foi composto para huma escola de moços pobres, sustentados pelo governo, e destinados, huns ao estudo das sciencias exactas, outros ás artes e officios, conforme a capacidade de cada hum. Suppunha por tanto o A. tres professores, o primeiro d'Arithmetica, Geometria, e Trigonometria practicas; o segundo dos primeiros Livros do seu Compendio; e o terceiro do resto. E quera elle que nestas tres aulas se experimentassem, e joeirassem os discipulos: os melhores deviaõ frequentar a terceira aula, e passar avante; os immediatos limitavaõ-se ás primeiras, e seguiaõ outros rumos. Infelizmente hum plano tambem ideado não se poudo experimentar completamente: apenas hum principiante, pouco mais adiantado que os discipulos, e que nem sabia Euclides, nem tinha demasiada paixãõ pelas Mathematicas, poudo repetir dez ou onze Livros, depois do A. haver explicado os dous primeiros. Assim mesmo sahiraõ da dita escola tantos discipulos bons, como ouvintes a frequentaraõ; e alguns bem conhecidos. Donde se colhe a facilidade com que o dito compendio pode ser explicado com proveito, até por hum principiante. E para que se não suspeite que exagero o merecemento da obra á custa do meu proximo, devo confessar que o dito principiante fui eu mesmo, em tempo que apenas tinha estudado mui superficialmente o curso Mathematico de Bellidor.

II.

“Em toda esta obra se vê que o A. empregou o mais rigorosa logica: mas para conseguir o seu objecto elle substituiu em muitos casos, mesmo em Algebra, (o que nós consideramos como não pequeno sacrificio) o methodo synthetico ao methodo analytico de raciocinar.”

Empregou, assim he, a mais rigorosa Logica; mas não fez para isso substituição alguma arbitraria, que haja de considerar se como sacrificio pequeno ou

grande. O A. segue sempre o methodo synthetico quando demonstra; o analytico, quando investiga; e ambos os methodos quando investiga, e demonstra soluçoens de problemas. Queira M. P. comparar o livro 7 aos precedentes; o 11, 12, aos precedentes, &c., e verá que o A. emprega, ora hum, ora outro methodo ordenada e systematicamente; usando, torno a dizer, de hum quando estabelece theorias; do outro quando applica á investigação de questoons; e d'ambos, quando verifica hum pelo outro, pondo-os a cada passo em contacto. E he desta sorte que o A. indica os limites e usos reciprocos de cada hum. Os Elementistas ordinarios he que costumão substituir arbitrariamente o methodo analytico ao synthetico, demonstrando analyses por analyse, o que parece contrario ao senso commum; pois todos sabem, desde as primeiras regras de sommar e diminuir, multiplicar e repartir, que a synthese he aprova natural da analyse. Vejaõ-se as questoons de *maximis et minimis* do Liv. 21, as do 7, &c. &c. e confiraõ-se com o que se acha escripto aos mesmos respeito nos elementos de Mathematica mais bem accreditados.

De mais queira M. P. separar do Liv. 4. tudo o que depende da def. 8, ou notação arabe, e hade conceder, que os livros 3, 4, 8, 10, 15, encerraõ outras tantas syntheses rigorozas da linguagem analytica, antiga e moderna, ordinaria e infinitesimal. Logo a fraze, *mesmo em Algebra*, he muito vaga: devera especificar em que parte da Algebra. Mas entãõ, perguntára eu, se o methodo synthetico he optimo nos livros 3 e 4; soffrivel no 8; excellente no 10, [como parece conceder o douto Censor] por que razão hade ser máo no resto da Algebra? Se he proveitozo no Liv. 3, isto he na demonstração das primeiras regras da antiga analyse; que não deraõ nunca lugar senaõ a insignificantes disputas, porque hade ser prejudicial na Algebra moderna, que da lugar a tantos e taõ intrincados paradoxos? Huma coiza he Algebra, outra coiza he methodo analytico. A Algebra, como diz Condillac, não he senaõ huma linguagem bem feita, que tanto se pode applicar á synthese, como a analyse; e he evidente que hum dos principaes objectos do A. foi dar á dita linguagem o grao d'invariabilidade e certeza,

que caracteriza os primeiros livros do seu compendio. Não devia pois o A. deixar a rotina vulgar, tão frequentada, como avêça ao seu fim, e seguir no resto da Algebra o mesmo methodo que seguiu no principio? Eu digo que sim: digo que devia seguir mesmo em Algebra, a estrada d'Euclides, ainda que não fosse senão pela novidade, e por amor do preceito d'Horacio—

Denique sit quid vis simplex dumtaxat et unum.

III.

“ He somente pelo exercicio e emprego do methodo analytico, que as potencias inventoras se desenvolvem e exercem, e que tanto a razão como a imaginação se acostumão ao penoso caminho das descobertas; de maneira que só a mais urgente necessidade poderia induzir hum author a separar-se deste methodo.”

Ou eu não entendo isto, ou estamos perfeitamente discordes. Quando se trata de principios Mathematicos, destinados á primeira instrucção da mocidade, parece-me que não pode haver *necessidade mais urgente*, que a de sujeitar as descobertas proprias ou alheias ás provas e demonstraçoens naturaes de cada huma. Por exemplo, como se haõ de demonstrar, sem circulo viciozo, as regras actuaes da analyse, senão pelo methodo synthetico? A faculdade d'inventar he sem duvida hum don precioso, que o Mestre deve entreter como hum lume sagrado, quando o pressente em algum raro, e affortunado discipulo. Mas segue-se dahi que as faculdades de ordenar, resumir, conceber, e demonstrar, são menos dignas de cultura, ou menos uteis ao total dos discipulos? E como he que estas preciosas faculdades se desenvolvem, ou se adquirem, senão pelo estudo atturado das rigorozas syntheses dos mais severos philosophos? Se Newton, por exemplo, estudasse mais analyses de Descartes, e e menos syntheses de Euclides, d'Archimedes, e d'Apolonio, teria sido maior Newton do que foi? E que mal fizeraõ ás suas potencias inventoras os escriptos daquelles grandes homens? Ninguem nos pode tirar

de duvida a este respeito, como o mesmo Newton : eis aqui o que se lê na sua vida. “ Newton não só foi sempre o maior admirador do gosto e methodo de demonstração dos antigos Geometras, mas ate se censurava a si mesmo de os não haver seguido de mais perto. Lamentava o mal que fizera nos primeiros annos dos seus estudos Mathematicos, em se applicar ás obras de Descartes, e d'outros authores d'Algebra, antes de meditar os Elementos d'Euclides, com aquella attenção que merece hum taõ excellente escriptor.” Lea-se alem disto o respeito que elle tributava a Huygens, e á todos os escriptores Mathematicos do seu tempo, que resistiraõ á invazaõ do methodo Cartesiano, e se conservaraõ fieis ao dos antigos.

IV.

“ O primeiro livro começa pelos elementos de geometria.”

Seria mais significante dizer que a obra inteira começa por hum resumo dos Elementos d'Euclides; que este resumo se reduz a 74 paginas; que o A. conservou, quanto basta do original, para dar ao principiante huma idea exacta do methodo das demonstraçoens antigas; e para fundar a Geometria e calculos modernos sobre huma base taõ segura, e taõ provada como os Elementos d'Euclides. Esta informaçãõ taõ obvia, como verdadeira, talvez inspirasse a certa classe de Leitores, o dezejo de examinar deveras hum compendio Mathematico, que principia de huma maneira taõ singular na era d'hoje.

Mas o A. ainda teve outra razãõ mui solida para começar pelas primeiras proposiçoens d'Euclides: pensou, naturalmente, que os livros 3 e 4 dos seus Principios não são taõ facéis de explicar como os dous primeiros: alias teria começado pelo 3 e 4; o que seria sem duvida mais systematico, porem talvez menos util na pratica. Na verdade he difficil appontar em qualquer materia coiza mais commoda para se entender perfeitamente; e ao mesmo tempo taõ propria para ensinar aos principiantes que coiza sejaõ ver-

dades geometricas, rigorosamente demonstradas, como as primeiras proposicoens d'Euclides.

V.

“ Nos precisamos dizer que não podemos considerar como correcta esta definição de ponto, &c. &c. A frase, *sem erro sensivel*, he extremamente vaga; e toda a tentativa para atornar mais preciza e exacta conduz necessariamente á definição d'Euclides, segundo o qual, ponto he o que não tem partes.”

Para conferirmos melhor as duas definiçoens de que se questiona, ponhamos o seguinte exemplo. Tire-se do comprimento e tamanho do corpo A não menos de metade, e seja B o resto; tire-se do comprimento e tamanho do corpo B não menos de metade, e seja C o resto; e assim por diante sem nunca acabar. A serie A, B, C, não terá ultimo termo [por hypothese]; mas o ponto d'Euclides, se fosse alguma coiza definivel, deveria corresponder ao ultimo termo desta serie [se o tivesse]; logo não o tendo, será o ponto d'Euclides, que não tem partes, huma quimera, ou synonymo de *nada*. Pelo contrario o ponto relativo de J. A. sera hum termo da serie A, B, C, e tão pequeno como se quizer, conforme a questao de que se tratar. Por exemplo, o vertice de huma pyramide será hum ponto em comparação de toda a pyramide; a terra, o sol, as estrellas serão pontos em comparação do Universo.

Seria pois huma sem razao insistir em definiçoens que se não entendem, se não por metaphysica alambicada; e rejeitar as definiçoens de J. A., que se deduzem com tanta facilidade de experiencia. Com tudo M. P. parece indeciso a este respeito. Concede que as de Euclides peccaõ pelo lado da Logica, e demandaõ certo *refinamento metaphysico*; reconhece que as de J. A. nem peccaõ contra a Logica, nem demandaõ *refinamento metaphysico*. Logo parece que não deveria ter duvida em concluir redondamente, não só que as de J. A. são as mais correctas, mas que *toda a tentativa para as reduzir á precizaõ metaphysica d'Euclides seria huma tentativa errada*; porque Geometria não he Metaphysica, nem se deve parecer com ella.

VI.

“ A definição de plano não he essencialmente diversa da de Euclides ; he porem menos simples.”

As definiçoens de plano e de linha recta, segundo Euclides, são igualmente defeituozas ; porque nem se deduzem da experiencia, nem se segue dellas o que se requer na applicação. Ora J. A. adoptou em ambas a mesma especie de correcção, convertendo em definiçoens os axiomas respectivos ; e M. P. approva a correcção da definição de recta ; logo deve approvar a outra. Esta paridade he exactissima.

VII.

“ A definição d'angulo he hum pouco differente da definição commum ; mas participa muito da mesma imperfeição.”

Parece-me engano. O A. não trata na sua geometria senão de corpos, e por isso suppoem em todos elles huma figura, tomando esta palavra em sentido natural. Assim huma recta tem huma figura ; huma curva outra ; duas linhas, que concorrem, formão outra figura : duas linhas, que nunca concorrem, outra. Por tanto na def. 7 a palavra *figura* designa o genero proximo ; e as palavras, *duas linhas que concorrem n'hum ponto* designão a differença proxima. Logo a definição commum he defeituoza : val o mesmo que se dissesse, *hum angulo he hum angulo* ; porque não exprimindo genero, os nomes *inclinação, abertura, angulo*, são synonymos. Donde concludo que a definição 7 differe absolutamente da definição commum ; ou ao menos quanto basta para não ter defeito algum, demonstravel logicamente.

VIII.

“ A oitava definição he d'angulo rectilineo ; e nella á nosso ver, ha fundamento para muitas objecçoens. Este consiste em tomar hum arco de circulo pelo valor ou medida de hum angulo, sem definir primeiro, o que se deve entender por medida ou valor.”

O nome d'angulo toma-se aqui em dous sentidos: humas vezes dezigna a figura que duas linhas formão concorrendo n'hum ponto, segundo a definiçãõ 7; outras vezes he synonimo d'arco, pela definiçãõ 8: por tanto nesta def. ja senaõ trata d'angulo rectilineo na primeira accepçãõ: determina-se sim o que se deve entender por angulos rectilineos, quando se sommaõ ou diminuem, multiplicaõ ou repartem; e por consequencia quando sãõ corpos geometricos, comparaveis entre si; isto he, quando sãõ arcos circulares, determinados segundo o uso dos Geometras, e condiçoens da def. 8.

Para se entender melhor a differença que há entre a def. vulgar e as definiçoens 7 e 8 de J. A., considerem-se os seguintes exemplos. Sejaõ duas circumferencias de circulos iguaes, e imaginem-se no centro da primeira hum rayo movel, que se desviou de outro rayo fixo hum numero a de graos, menor que 360; e no centro da segunda, outro rayo movel, que se desviou de outro fixo, hum numero 360 a de graos. Fazendo abstracçãõ dos arcos descriptos, os dous angulos, considerados como figuras, poderaõ coincidir, superpostos; logo seraõ iguaes pela def. 7; mas neste caso a palavra angulo he o synonimo de arco; logo seraõ desiguaes pela def. 8.—Outro exemplo. Seja A hum angulo recto: os productos 2 A e 4 A deverãõ ser homogeneos aos multiplicandos; logo devem ser angulos, o que concorda perfeitamente com a def. 8. Mas pela def. vulgar, que grandeza será 2 A, ou 4 A? Coiza nenhuma; porque os lados de 2 A ou de 4 A não formãõ angulo; não tem entre si inclinaçãõ, nem abertura. [Veja-se o corol. 3. prop. 6. liv. 1.]—Mais em geral: A somma dos angulos internos de qualquer poligono será pela def. 8 hum angulo, isto he, hum arco circular homogeneo aos angulos ou arcos de que se compoem, como deve ser: mas pela def. vulgar não se sabe que coiza seja \surd .—Em fim para tirar toda a duvida a este respeito, examine-se attentamente a demonstraçãõ da prop. 3. do liv. 1., onde se applica pela primeira vez a def. 8, comparando dous angulos, não no sentido da 7, como figuras; mas no da 8, como arcos. Se M. P. fizesse

este exame, não só approvaria immediatamente a def. 8, mas he natural que notasse ao mesmo tempo a dita prop. 3, que vem a ser a 4 do liv. 1 de Euclides, e que ninguem tinha demonstrado antes de J. A., por falta de definiçoens exactas.

Mas o A. *devera definir primeiro*, diz M. P., *o que he valor ou medida*, &c. &c.—Respondo que na definição original não há o termo *medida* ou *valor*: escapou na traducção Franceza a palavra *valeur*, talvez por descuido, ou para encher a frase: não me lembro. O certo he que o A. fica plenamente justificado, ainda quando nisto houvesse erro; porem julgo que o não houve, e que posso justificar igualmente o traductor.

Em Trigonometria, Astronomia e Navegação, &c. as palavras angulo, rumo, arco, grãos, &c. são muitas vezes synonymos entre si: dis-se indifferentemente o angulo A, ou o arco A, ou o rumo A, &c. &c.; por isso a def. 8, como fica indicado nos exemplos precedentes, não serve senão de determinar as circumstancias em que os praticos fazem a palavra *arco* synonymo da palavra *angulo*. Assim na def. 8 da traducção Franceza deve entender-se o termo explectivo *valeur*, como se entenderia na seguinte frase: *le nom d'angle a la même valeur, ou la même signification, ou revient au même que le nom d'arc, dans telle ou telle circonstance*; quero dizer que o termo *valeur* he ali synonymo de *signification*; he hum termo *explectivo* que se pode riscar sem inconveniente algum: e por tanto, apezar de tão plena justificação, não sera máo riscallo, para que não dê lugar a outra duvida semelhante. Cumpre todavia advertir que em obras taes como os Principios Mathematicos de J. A. da Cunha, se devem tomar os termos não definidos sempre no sentido grammatical; e os termos definidos sempre de huma maneira conforme ás primeiras applicaçoes que o A. faz delles. Ora se M. P. tivesse tido tempo de observar este preceito, não só teria approvado a def. de que se trata, mas todas as outras que rejeitou sem fundamento.

IX.

“ O axioma, em que M. da Cunha funda a doutrina das parallelas, he o mesmo que o d’Euclides.”

M. P. louva, com toda a razaõ, a clareza e simplicidade, que J. A. conseguiu dar á doutrina das parallelas d’Euclides. Com tudo a definiçaõ vulgar que o A. adoptou na dita doutrina, parece-me incoherente com o systema das outras definiçoens do seu primeiro livro. Ou elle não advertio no principio d’Hobbes, citado no prefacio da traducçaõ Franceza dos Princ. Mathem. p. v.; ou não pensou em generalisallo; como eu o generalizei no *Supplemento á Traducçaõ d’Euclides de M. Peyrard*. Alias teria convertido o axioma 11 d’Euclides [trad. de M. Peyrard] em definiçaõ de parallelas, da mesma sorte que converteu o axioma 12 em definiçaõ de rectas. Com effeito, separando do axioma 11 a idea d’angulo recto, que o complica, pode e deve converter-se o dito axioma em definiçaõ de parallelas, do seguinte modo :

Se tres rectas infinitas, postas em hum plano forem taes, que a primeira encontre sempre as outras duas, quando fizer com humna dellas hum angulo, que se não possa desprezar sem erro notavel, chama-se a primeira seccante, e as outras duas parallelas :

Desta definiçaõ segue-se a def. vulgar e as outras propriedades das parallelas segundo o methodo d’Euclides ; mas da definiçaõ vulgar não se seguem todas as propriedades das parallelas ; logo a minha definiçaõ hé exacta, e a vulgar defeituosa. Porem Simpson e Le Gendre demonstraraõ rigorosamente o axioma 11 —Nego : substituirãõ em lugar do axioma 11, outros axiomas menos faceis de provar por experiencia, do que o axioma 11 ; e a demonstraçaõ de Le Gendre he em quanto a mim a peyor de todas, pelo muito que complicou a theorica taõ simples das parallelas. Veja-se a este respeito o dito supplemento, impresso em Agen no anno de 1809.

X.

“Nos hesitamos mui pouco em dizer que a definição de proporção, que acima damos he a mais simples, que he compativel com a exactidaõ e universalidade da demonstraçaõ.”

M. P. diz na sua censura quanto se pode dizer a favor da definição de proporção do author ; mas por fim inculca outra em lugar della, que não he senão huma approximaçaõ da definição de proporção d'Euclides, ou do enunciado da prop. 6. liv. 3. do A. He portanto muito provavel que a definição inculcada não pareça mais simples, senão porque he menos exactamente enunciada que a prop. 6. Mas demos que seja realmente mais simples, e igualmente bem enunciativa : bastaria isso para antepô-la, sem mais nem menos, á def. 3. do mesmo livro ? Eu penso que não : salvo se as regras da logica são perfeitamente inuteis, e até prejudiciaes na escolha e discuçaõ das verdadeiras definiçoens mathematicas. Segundo eu entendo, antes de M. P. dar a preferencia á definição que propoem, devera examinar : 1. se ella he mais conforme que a do A. ás ideas, que cada hum tem de proporção, deduzidas da experiencia, e das operaçoens arithmeticas actuaes ; porque toda a definição, para ser legitima, deve deduzir-se immediatamente da experiencia ; 2. demonstrar que da definição proposta, se seguem as onze proposiçoens do livro 3, mais facil e rigorosamente que da do A. Se M. P. fez estas duas averiguaçoens, suspendo o meu juizo ; se as não fez, parece me que deveria ter hesitado mais hum pouco, antes de dizer que a *definição de proporção, que acima deu, he a mais simples, que he compativel com a exactidaõ e universalidade da demonstraçaõ.*

XI.

“O livro 8. explica as operaçoens fundamentaes da Algebra. A idea de quantidades negativas he a primeira de que o A. se occupa neste livro ; mas nada achamos a este respeito de particular na maneira de tratar este objecto.”

Ninguém ignora as disputas que tem haviado á cerca de quantidades negativas, nem os paradoxos que Euler, Dalembert, e outros Geometras da primeira ordem descobrirão a este respeito, sobre as soluçoens algebraicas, e construcçoens geometricas de huma infinidade de problemas de Geometria e de Mechanica. Qual sera pois a origem destes paradoxos? Comparem-se as definiçoens e hypotheses do liv. 8. com os escholios dos livros 9, 10, 13, 14, e vêrse-ha que J. A. foi o primeiro, que remontou á dita origem, e a emmendou para sempre, se os Geometras quizerem estar pela sua correcção. A origem consistia em se tratar como theorema universal a regra dos signaes + e —, que não he senão hypothetica, como ja tinhaõ observado Wallis e outros. Assim, visto que a origem he tão simples, a correcção não podia deixar de ser igualmente simples; porque o character do A. era diametralmente opposto a toda a casta de impostura. Consiste pois a dita correcção no simples titulo de hypothese que elle deu á regra dos signaes, e nas consequencias que dahi tirou nos escholios dos liv. 9. 10, 13, e 14. Tal he muitas vezes a importancia de huma só palavra em rigorosa synthese. E parece que as correccoens desta classe, por isso mesmo que avultaõ pouco, escapaõ por mais tempo aos olhos mais perspicazes. Assim he bem natural que em huma primeira leitura, e sem attenção aos escholios acima mencionados, não podesse M. P. achar nada de particular no liv. 8. aos sobreditos respeito.

Generalizando, toda via, o principio de Hobbes, de que ja fallamos, Nota IX. em lugar da hypothese 5. do liv. 8. propria eu a definição e advertencia seguintes.

Definição. Sejaõ A, C, E, &c. varios antecedentes; B, D, F, &c. os seus consequentes; e b, d, f, &c. quaesquer submultiplices, dos consequentes: se b não poder caber em A. mais vezes do que d em C, nem mais vezes do que f. em D. &c. e se a respeito dos signaes + e -- forem os antecedentes, ou todos semelhantes, ou todos contrarios aos seus consequentes, as grandezas A, B, C, D, &c. chamem-se *algebraicamente proporcionaes*. *Advertencia.* A experiencia tem mostrado que quatro ou mais grandezas podem ser *geometricamente*

proporcionaes, conforme a primeira parte da def. precedente; e não serem *algebraicamente proporcionaes*, conforme a segunda.

Pareceme que isto seria conforme ao systema do A. e estylo geral da sua obra.

XII.

“No liv. 9. trata-se da Arithmetica das Potencias, que he huma das grandes particularidades do methodo do nosso author.”

M. P. equivocou-se sobre este livro, ainda mais que sobre o oitavo. O livro 9. he para a doutrina das series em geral, como os 3. e 4. são para as primeiras regras do calculo antigo e moderno. A definição 1. e prop. 1. do liv. 9. com os seus corollarios, constituem a base da doutrina, que La Grange chama *Theorica das Funçoens Analyticas* (como mostraremos mais abaixo); e nesta base he que o nosso author estabeleceu não só a theorica das series exponenciaes e logarithmicas do liv. 9.; mas tambem das outras series convergentes, que se encontrão nos livros seguintes. Logo a deminuta e insignificante informação, *trata-se da arithmetica das potencias*, pode induzir os leitores em engano, contra as intençoens, certamente, de M. Playfair. “A perfeição dos methodos de approximação, diz La Grange, em que se empregão series, depende não somente da convergencia das series, mas tambem de que se possa avaliar o erro, que resulta dos termos, que se omitem; e a este respeito pode-se dizer que quasi todos os methodos de approximação, de que se faz uzo na resolução dos problemas geometricos e mechanicos, são ainda imperfeitissimos.” (*Theor. das Func. anal. pag. 50.*) Mas como haõ de ser perfeitos esses methodos de approximação, se nos elementos d’Algebra, mais vezes reimpressos, se falla em series infinitas, por exemplo, exponenciaes e logarithmicas, muito antes de se estabelecer que coiza seja theorica de series convergentes? Qual he a norma, ou normas faceis e seguras que os authores elementares daõ aos principiantes para distinguirem series reaes, de series imagi-

narias? Escrevem $\frac{a}{1-a} = a + aa + \dots$, &c. e nem se-

quer advertem que semelhantes transformações são absurdas, quando se não suppoem a negativo, ou a menor que 1. Ensinaõ a converter expressões binomias, em series infinitas, sem determinarem os casos em que semelhantes conversões não produzem, se não expressões imaginarias do genero infinitario! N'humas palavras, he incrível a superficialidade, que reina a este respeito, não só em Elementos d'Algebra os mais gabados, mas até em Tratados de series *ex professo*. Ora se tal he o descuido, e atrazamento nos primeiros rudimentos da doutrina, que será depois nas applicações á Geometria e a mechanica?— Eis aqui o que o nosso A. vio, e remediou completamente no liv. 9. muito antes de La Grange publicar a Theor. das Func. anal. e o novo theorema que lhe suscitou o pensamento, e passagem que acabamos de citar.* Assim se eu provar (quanto o permite o estreito espaço que me resta das seguintes notas) que a definição e proposição primeiras do liv. 9. com os collarios respectivos, constituem a base que ate gora faltava na doutrina das series, e mesmo na Theorica de La Grange; se eu mostrar, ou ao menos indicar sufficientemente, que o liv. 9. he tão essencial á demonstração rigorosa dos calculos modernos ordinario, e infinitesimal, como pode vir a ser util ao adiantamento dos methodos de approximação, de que La Grange com tanta razão se queixa, poderemos concluir que o livro 9. merecia alguma coisa mais que a escaça denominação de *arithmeticas das potencias*.

CARTA HYDROGRAFICA, E ROTEIRO DAS COSTAS DE
PORTUGAL.

Em o No. IV. do nosso Jornal, pag. 651. annunci-

* O dito theorema deduz-se facilmente das primeiras prop. do liv. 9. e parece me que seria nelle perfectamente inutil: porque o signal, &c. da def. 1. tem (se me não engano) o mesmo prestimo que o dito theorema de La Grange.

amos esta precioza obra, que se concluiu, e publicou ha alguns mezes.

Nada he tão util á navegação como cartas circumstanciadas, e exactas das Costas. A melhor carta que das de Portugal havia era a do celebre Tofino: com tudo ella era grandemente defeituoza; por senao permitir a este sabio Hespanhol o fazer as necessarias operaçoens sobre a Costa de Portugal; operaçoens, a que ciumes politicos bem ou mal entendidos obstáraõ. Dahi vem que nella se achão erros notaveis.

O habilissimo engenheiro Portuguez Marino Miguel Franzini efficazmente auxiliado pelo vigilante, e paternal Governo de Portugal, e pelo Almirante Berkeley, procurou corrigir taes erros, e dar huma Carta Hydrografica, e Roteiro exacto das Costas de Portugal; o que nos parece ter conseguido, depois de penozas observaçoens, assiduo trabalho, e do mais louvavel zelo pelo serviço de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, e da sua patria.

Tal he nossa opiniaõ á cerca desta obra; mas reccozos de que ella não fosse fundada, porque nos não julgamos dotados dos necessarios conhecimentos para bem avaliar obras deste cunho, procuramos que os trabalhos do nosso benemerito compatriota chegassem ás maõs do mui conhecido, e distincto sabio Hespanhol Dom Jose de Mendonza Rios, que actualmente rezide em Londres, rogando-se-lhe quizesse dar o seu parecer á cerca de esta obra: e nos somos mui felizes em poder apresentar aos nossos leitores o juizo que della forma este illustre sabio Hespanhol, de quem ja tivemos occasiaõ de fallar em o nosso No. XXVII. pag. 527.; e que em assumptos de Astronomia practica he de huma grande, e universalmente reconhecida authoridade.

“As Cartas diz o sabio Hespanhol, e o Roteiro das Costas de Portugal são excellentes, e o Snr. Franzini merece os maiores elogios pela composiçaõ de huma obra tão util á navegação, e por ter dado nos Roteiros, alem das instrucçoens necessarias para a practica, noticia do modo com que estão construidas as Cartas, e determinadas as poziçoens dos pontos principaes. O todo parece-me, quanto eu posso julgar, trabalhado com talento, conhecimento, e tino, e forma huma

parte da Hydrografia, que he importante, e estava ainda imperfeita.

“O Governo de Portugal, protegendo aquelle trabalho, tem pago huma especie de divida, que tinha contrahido, quando negou a Dom Vicente Tofino a permissão de fazer em seu territorio as mesmas observaçoens, que praticou para levantar as cartas das Costas de Hespanha; por cuja razão ficaraõ as de Portugal, por muitos annos depois, naõ bem conhecidas.

“Vejo com muito gosto a addiçaõ que o Snr. Franzini fez á sua carta, pondo indicaçoens das alturas de montes que se podem descobrir do mar; porque será prezentemente hum meio facil, e util para que os navegantes determinem as situaçoens em que se achão á vista das Costas.

“O que unicamente se poderia dezejar, alem do que nos tem dado o Snr. Franzini, he huma memoria, que contenha o detalhe das observaçoens de que se tem deduzido as latitudes, e longitudes adoptadas para a construcção das Cartas: isto porem he hum trabalho, que interessa principalmente aos homens theoricos, e que por isso se tem ordinariamente omittido na publicação de obras semelhantes. Nem mesmo Tofino acompanhou suas cartas destes documentos; e sua publicação he recentemente devida ao zêlo do Xefe de Esquadra Dom Joze de Espinoza, o qual, nas Memorias que tem dado á luz em Madrid, ha alguns annos, tem inserido muitos materiaes importantes para a Hydrografia.

“Deve pois dizer-se que o Snr. Franzini, naõ só tem feito huma obra mui util, mas tambem que esta obra he completa para os uzos praticos a que se destina.”

Nos esperamos que o nosso habilissimo compatriota, continuando a servir, e honrar a Sua Patria, nos dê quanto antes a Carta Geografica de Portugal, de que tanto se precisa, e que elle prometteo.

CONTINUAÇÃO

Dos Extractos dos Elementos de Chimica concernentes á Agricultura, &c. &c. &c. Por Sir Humphrey Davy.—
Continuados de pag. 36.

TERRENOS.

Não ha objectos alguns de maior importancia para o lavrador, que a natureza, e o melhoramento das terras; e não há ramo algum na agricultura, que possa ser mais excellentemente illustrado por investigaçoes Chimicas. As substancias que constituem os terrenos são certos compostos das terras *Silica*, *Alumina*, *cal*, *magnezia*, e dos oxidos de ferro, e manganesia; materias animaes, e vegetaes no estado de decomposição; e combinaçoens salinas, acidas ou alcalinas. Para fazermos huma idea exacta dos terrenos he necessario, que saibamos, que estes constaõ de diferentes rochas decompostas, ou reduzidas a pedaços, e pó mais ou menos subtil: que algumas das suas partes soluveis estaõ dissolvidas n'agua, a qual está unida á massa; e que o todo está misturado com maiores, ou menores quantidades dos residuos das substancias vegetaes, e animaes em diversos estados de podridaõ. Em todas as experiencias chemicas sobre a composiçaõ dos terrenos connexas com a Agricultura, as partes constituentes quo se obtem são compostos, e he como compostos que elles obraõ em a natureza: he pois neste estado que Sir Humphrey Davy passa a descrever suas propriedades caracteristicas.

1. A *Silica*, ou *Silex*, ou terra das pederneiras, no seu estado puro, e cristallizado, he a substancia conhecida pelo nome de cristal de rocha. Os Chemicos obtem na em forma de hum pó branco impalpavel. Não he soluvel nos acidos ordinarios porem he dissolvida por meio de calor em laxivia alkalina fixa. He huma substancia incombustivel, visto estar saturada de oxygenio. Eu tenho provado, que esta he hum composto de oxygenio, e de hum corpo peculiar combustivel, ao qual tenho dado o nome de *Silicum*; e

conforme as experiencias de Berzelius, provavelmente contem quasi pesos iguaes destes dois elementos. 2. As propriedades sensiveis da *cal* são bem sabidas; esta existe em os terrenos communmente combinada com o acido carbonico. Tambem algumas vezes se acha unida com os acidos phosphorico, e sulfurico. As suas propriedades chemicas, e a sua acção no estado puro serao relatadas na leitura a cerca dos estercoes pertencentes ao reino mineral. He soluvel nos acidos nitrico, e muriatico; e forma com o acido sulfurico huma substancia difficil de dissolver-se, chamada gesso. Não he soluvel em soluçoens alkalinas. Contem 40 partes de huma substancia particular, á qual tenho dado o nome de *calcium*, e 15 de oxygenio. 3. *Alumina* ou pedra huma existe em estado puro e cristallizada na safira branca; e combinada com huma pequena quantidade d'oxido de ferro e silica, em outras pedras preciosas Orientaes. He obtida pelos chimicos na forma de hum pó branco, soluvel em acidos, e soluçoens alkalinas fixas. Segundo as minhas experiencias, parece constar de 33 partes de *aluminum*, e de 15 de oxygenio. 4. *Magnesia* existe em hum estado puro e cristallizado formando hum mineral semelhante ao talco, que se acha na America do norte. A *magnesia* usta ou *magnesia* calcinada das boticas, he a forma, em que communmente se observa. Geralmente está combinada nos terrenos com o acido carbonico. He soluvel em todos os acidos mineraes; porem não em lixivia alkalina. Distingue se das outras terras, que se descobrem nos terrenos, pela sua facil solubilidade nas soluçoens de carbonatos d'alkalis saturados d'acido carbonico. Parece constar de 38 partes de *magnesium*, e 15 de oxygenio. 5. Ha dois oxidos de ferro bem sabidos, os quaes são o preto, e o trigueiro. O preto he a substancia, que sahe fora do ferro quente, quando este he estendido a martello. O oxido trigueiro pode-se obter expondo por muito tempo ao ar o oxido preto, depois de aqueitado a tal ponto, que figue vermelho. Os oxidos de ferro existem algumas vezes em terrenos no estado de combinaço com o acido carbonico. Elles facilmente se distinguem d'outras substancias por darem, quando são dissolvidos em

ácidos, huma cor preta á solução de galhas, e hum precipitado de hum azal resplandecente á solução de prussiato de potassa, e ferro. 6. O *óxido de manganeseum* he a substancia commumente chamada manganese, a qual usa-se no processo de corar. He discernido das outras substancias contidas nos terrenos pela sua propriedade de decompor o acido muriatico, e converte-lo em *Chlorine*. 7. As *materias vegetaes e animaes* são conhecidas pelas suas qualidades sensiveis, e pela propriedade de serem decompostas por calor. Podemos deduzir os seus caracteres do que se tem ja acima observado. 8. Os *compostos salinos* achados nos terrenos são sal commum, sulfato de maguesia, nitratos de cal, e de magnesia, sulfato de potassa, e carbonatos de potassa e soda. He desnecessario descrever com muidez os seus attributos particulares. A *silica* esta nos terrenos geralmente combinada com alumina, e oxido de ferro, ou com alumina, cal, magnesia, e oxido de ferro, formando cascalho, e area de differentes grãos de subtilidade. O carbonato de cal existe ordinariamente em huma forma impalpavel; mas algumas vezes no estado de area calcarea. Quando a magnesia não está combinada no cascalho ou area do terreno, está unida com o acido carbonico na forma de hum pó fino. A parte impalpavel do terreno, a qual vulgarmente se chama barro, consiste de silica, alumina, cal, e magnesia, e he na realidade composta das mesmas substancias, de que he a area dura, com a excepção de estar mais bem pulverizada. As *materias animaes e vegetaes* (estas ultimas são muito mais abundantes) existem nos terrenos em diversos estados de decomposição. Ellas estão algumas vezes em estado fibroso, e algumas vezes inteiramente divididas, e misturadas com o terreno.

ANALYSIS DOS TERRENOS.

Os instrumentos necessarios para a analysis dos terrenos são poucos, e de pequeno custo. Estes consistem em huma balança capaz de conter quatro onças de terreno ordinario, e a qual hum grão possa fazer pender; hum numero de pesos de quatro onças ate hum grão; huma peneira de fios de ferro, cujos boracos sejaõ taes, que por elles possaõ passar sementes

de mustarda ; huma lampeda d'Argand*, com seos apendices ; algumas garrafas de vidro : cadinhos Hessianos†, vasos evaporatorios de porcelana ; maõ e almofariz de Wedgewood‡, alguns filtros feitos de meia folha de papel pardo dobrado de maneira, que possa conter hum quartilho, e cujas bordas estejaõ untadas ; huma faca d'osso, e hum aparelho para receber, e medir os fluidos aeriformes.—A maior parte das substancias ou reagentes chimicos essenciaes para separar as partes componentes dos terrenos tem sido ja mencionada ; ellas saõ o acido muriatico, acido sulfurico, alkali volatil dissolvido n'agoa, soluçaõ de prusiato de potassa e ferro, succinato d'ammonia, soluçaõ de potassa, soluçoens de carbonato d'ammonia, de muriato d'ammonia, de carbonato de potassa saturado, e nitrato d'ammonia. Quando tivermos alguma porçaõ de terra, e naõ a podermos examinar immediatamente devemos guarda-la em garrafas, as quaes he necessario sejaõ cheias, e tapadas com rolhas de vidro. A quantidade de terra mais conveniente para analysar-se perfeitamente he de 200 ate 400 graõs. Deve ser apanhada em tempo secco, e ser exposta á atmosfera ate percebermos pelo tacto que está enchuta.—Huma porçaõ de hum terreno bom para nabos trazida de Holkham, em Norfolk, produzio em experiencias, que fiz, de 9 partes—8 de area siliciosa ; e a parte bem pulverizada constava.

| | Partes. |
|----------------------------|---------|
| De carbonato de cal | 63 |
| — silica | 15 |
| — alumina | 11 |
| — oxido de ferro | 3 |
| — materia vegetal e animal | 5 |
| — humidade | 3 |

* Lampeda d'Argand—assim se chama huma lampeda inventada por M. Boulton de Birmingham, a qual produz hum calor consideravel, uniforme, e sem a inconveniencia de fumo.

† Cadinhos Hessianos — estes saõ compostos de barro, e area, e quando bons sustentão hum calor intenso por muitas horas sem amollecere, ou derreter-se.

‡ Wedgewood—homem celebre por invençoens meccanicas.

N'outra porção de terra tirada de hum campo em *Sheffield-place, Sussex*, notavel por produzir excellentes carvalhos, eu descobri seis partes d'area, e huma parte de barro e materia bem pulverizada. E cem partes do terreno collectivamente produzirão na sua analysis,

| | Partes. |
|---|---------|
| De silica | 54 |
| — alumina | 28 |
| — carbonato de cal | 3 |
| — oxido de ferro | 5 |
| — materia vegetal no estado de decomposição | 4 |
| — humidade e perda | 3 |

Huma excellente terra para trigo na vizinhança de *West Drayton*, em *Middlesex*, em 5 partes rendeo 3 de area siliciosa, e a porção bem pulverizada constou de—

| | Partes. |
|---|---------|
| De silica | 32 |
| — carbonato de cal | 28 |
| — alumina | 29 |
| — materia animal ou vegetal, e humidade | 11 |

O terreno de *Bagshot heath*, o qual he inteiramente destituido de vegetaes, contem menos de $\frac{1}{10}$ de materia bem dividida. 400 partes deste, as quaes foraõ aquecidas ate ficarem vermelhas, produzirão 380 partes d'area siliciosa grossa; 9 partes d'area siliciosa fina; e 11 partes de materia impalpavel, a qual era huma mistura de barro ferruginoso com carbonato de cal. A materias animaes, e vegetaes, quando estaõ completamente divididas, daõnaõ só coherencia, mas tambem molleza, e penetrabilidade; porem nem estas nem outra qualquer parte do terreno deve existir em excesso; e as terras saõ estereis se constaõ inteiramente de materias impalpaveis. Silica, alumina, carbonato de cal, e carbonato de magnesia no seo estado puro saõ nocivos á vegetação. Naõ he fertil o terreno, que contem em 20 partes—19 de alguns dos ingredientes acima mencionados.

CONVERSAO DO TERRENO.

Pergunta-se se acaso as terras puras no terreno obraõ meramente activas como agentes mechanicos, ou chimicos indirectos, ou se effectivamente daõ alimento á planta? Esta questao he importante, e facil de resolver-se.—As terras constaõ, como ja tenho dito, de metaes combinados com Oxygenio, os quaes ate ao presente naõ tem sido decompostos; por conseguinte naõ ha motivo algum para suppormos, que as terras se podem converter em elementos dos compostos organizados, i. e. carvaõ, hydrogenio, e azote. Tem-se feito crescer plantas em porçoens limitadas de terra; o consumo desta tem sido mui pequeno, e o que tem desapparecido pode-se saber pela quantidade, que se acha nas cinzas; o que mostra que a materia absorbida naõ tem sido convertida em productos alguns novos.—O acido carbonico combinado com a cal, e magnesia pode ser decomposto, se algum acido mais forte, o qual o possa separar das suas terras, formar-se durante o processo de fermentação; porem naõ se deve suppor, que as mesmas terras podem converter-se em outras substancias, por processo algum effectuado no terreno. As cinzas das plantas sempre contem algumas das terras do terreno, em que crescerão; com tudo nunca igualaõ mais, que huma quinquagesima parte do pezo da planta consumida.

TERRENOS QUENTES E FRIOS.

Muitos terrenos saõ vulgarmente reputados frios; e esta opiniao ainda que pareça á primeira vista erronea, he com tudo bem fundada. Alguns terrenos saõ muito mais aquecidos pelos raios do sol (sendo iguaes em outras circunstancias), que outros; e terrenos que tem recebido o mesmo graõ de calor esfriaõ em periodos differentes, i. e. huns esfriaõ mais cedo, que outros.—Esta propriedade naõ tem sido philosophicamente investigada, naõ obstante ser da maior importancia na agricultura. Em geral terrenos, que constaõ principalmente de hum barro branco, e duro, saõ com diffi-

culdade aqueitados ; e sendo de ordinario muito humidos, elles retem o seo calor meramente por pouco tempo. As gredas tambem saõ com difficuldade aqueitadas ; porem visto serem mais seccas retem por mais tempo o seo calor em consequencia deste ser menos consumido na evaporaçãõ da sua humidade.— Hum terreno negro contendo grande quantidade de materia vegetal molle he o que com maior facilidade he aqueitado pelo sol, e ar ; os terrenos escuros, e os que contem muita materia carbonacea, ou ferruginea adquirem hum grãõ de calor muito mais elevado, do que os terrenos de huma cor pallida, quando ambos saõ igualmente expostos á influencia do sol.—Quando os terrenos saõ de todo seccos aquelles, que com maior facilidade saõ aqueitados pelos raios do sol, perdem ao mesmo tempo o seo calor mais rapidamente ; porem eu tenho verificado por experiencias, que o terreno secco o mais escuro (constando em grande parte de materia animal e vegetal, substancias estas, que de todas saõ as que mais facilitaõ a diminuiçãõ de calor) quando he aqueitado ao mesmo grãõ (com tanto que este naõ exceda os limites communs do calor do sol) esfriará mais vagorosamente, que aquelle, que for humido de cor pallida, e inteiramente composto de materia terrea. Eu observei, que huma terra negra e fertil, a qual continha quasi huma quarta parte de materia vegetal, sendo exposta ao sol, teve o seo grãõ de calor augmentado em huma hora de 65. ate 88°. , entretanto que hum terreno de greda exposto da mesma sorte, foi meramente aqueitado ate 69°. Porem o terreno negro posto á sombra, onde o grãõ de calor era 62., veio a perder em meia hora 15., sendo que o da greda debaixo das mesmas circumstancias só perdeo 4. Huma porçãõ de hum terreno escuro, e fertil, e outra de barro frio e esteril, depois de se terem secado foraõ artificiosamente aqueitadas ate 88., e sendo expostas ao calor de 57., em meia hora a porçãõ do terreno escuro perdeo 9. de calor, e a do barro meramente 6. Huma semelhantẽ porçãõ de barro humido, depois de ser aqueitado ate 88., foi exposto ao calor de 55. ; em menos de hum quarto de hora o seo grãõ de calor foi igual ao da atmosfera do lugar. Em todas estas experiencias as terras foraõ postas em pequenas vasilhas

quadradas feitas de estanho, cujas dimenções eraõ duas polegadas de largura, e meia de profundidade; e os grãos de calor foraõ acertados por hum thermometro exacto.

PODER ABSORBENTE.

O poder, que os terrenos possuem de absorber agoa por attracção cohesiva, depende em grande parte do estado da divisaõ das suas partes; pois que quanto maior he esta, tanto mais se augmenta o seo poder absorbente. Ora os diversos ingredientes dos terrenos parecem possuir mesmo na sua natureza differentes grãos de poderes attractivos. Assim se observa que as substancias vegetaes são mais absorbentes, que as animaes; estas mais, que os compostos de alumina, e silica; e estes mais, que os carbonatos de cal e magnesia: com tudo estas differenças talvez dependaõ dos seos diversos estados de divisaõ, e de estarem mais ou menos expostos. O poder, que os terrenos tem de absorber agoa da atmosfera, tem grande influencia sobre a sua fertilidade. Quando este he grande, a planta he supprida com humidade em estaçoens seccas; e o effeito da evaporação, que se effeitua de dia, he contrapezado pela humidade recebida da atmosfera, pelas partes internas do terreno durante o dia, e tanto pelas partes externas como internas durante a noite.—Os barros duros, quasi semelhantes a *Pipe clays**, os quaes embebem a maior quantidade d'agoa, quando esta he lançada em estado frio, não são as terras, que absorbem a maior humidade da atmosfera em tempo secco. Ellas tornaõ-se compactas, e apresentaõ ao ar somente huma pequena superficie; e a vegetação nellas em geral, seca-se taõ rapidamente, como nas areas.—Os terrenos, que melhor supprem as plantas com agoa absorbida da atmosfera, são aquelles, em que ha huma mistura d'area, barro bem dividido, carbonato de cal, e alguma porção de materia animal, e vegetal; e que

* *Pipe-clays*—he huma especie da terra argillacea, diffusivel n'agoa, e formando com ella huma massa flexivel, da qual se fazem caximbo.

alem disso são tão porosos, e leves, que podem ser penetrados pela atmosfera. Para obter-se esta qualidade, podemos usar com a maior vantagem de carbonato de cal, e materia animal e vegetal; estas substancias dão ao terreno poder absorbente sem dar-lhe ao mesmo tempo tenacidade; a areia, ao contrario, que tambem destroe a tenacidade, augmenta muito pouco o poder absorbente.—Eu tenho comparado os poderes absorbentes de varios terrenos relativamente á humidade da atmosfera, e tenho achado existir em maior quantidade nos terrenos mais ferteis de sorte, que por este modo podemos avaliar a bondade das terras. Mil partes de hum terreno muito excellente de *Ormiston* em *East Lothian*, as quaes continhão mais de metade do seo peso de materia bem pulverisada (11 partes desta eraõ carbonato de cal, e 9 partes materia vegetal) sendo seccadas por hum calor de 212., e expostas a atmosfera saturada de humidade, e cujo calor era 62., adquiriraõ em meia hora 18 graõs. Mil partes de hum terreno mui fertil extrahidas das bordas do rio *Parret*, em *Somersetshire*, sendo expostas da mesma sorte, absorberaõ 16 graõs. Mil partes de hum terreno de *Morsea*, em *Essex*, do valor de 45 xelins por geira, ganharaõ 13 graõs. Mil graõs d'area fina, de *Essex*, do valor de 28 xelins por geira ganharaõ 11 graõs. Mil graõs d'area grossa do valor de 15 xelins por geira absorberaõ meramente 8 graõs; e outros mil de *Bagshot heath* adquiriraõ somente 3 graõs.—As substancias existentes nos terrenos, que daõ o verdadeiro nutrimento ás plantas, são a agoa, e a materia vegetal, e animal no estado de decomposiçaõ; ora as partes terreas do terreno não só servem para reter a agoa, e por este modo suppri-la em apropriadas quantidades ás raizes das plantas, mas tambem são uteis em produzir huma propria distribuicaõ da materia animal, e vegetal; quando estaõ misturadas com estas em quantidades iguaes, obviaõ a sua mui rapida decomposiçaõ; e por meio dellas vem as plantas a receber em proporçoens proprias as partes soluveis, ou nutriendes.

ORIGEM DOS TERRENOS.

Os terrenos parecem dever a sua origem á decomposição das rochas e *strata*. Frequentemente acontece, que se achão porções de terra no seo estado inalterado sobre as rochas, donde derivaraõ os seus principios. Podemos com facilidade comprehender o modo, como as rochas são convertidas, se, por exemplo, examinarmos o granito molle, ou granito de porcelana. Esta substancia consiste de tres ingredientes i. e. *quartzo*, *feldspar*, e mica. Quartzo he a terra siliciosa, quasi pura, em estado de crystallizaçã.—A *Feldspar* e mica são de natureza mui composta; ambas contem silica, alumina, o oxido de ferro; no *feldspar* ha communmente cal, e potassa; na mica ha cal e magnesia.—Quando huma rocha granitica desta especie tem sido por muito tempo exposta á influencia do ar, e agoa, esta e o acido carbonico obraõ sobre a cal, e potassa, que entraõ na composiçã da dita rocha; e o oxido de ferro, o qual existe quasi sempre no seo estado menos oxygenado, começa a combinar-se com maior porçãõ de oxygenio; a consequencia he, que o *feldspar*, e a mica são decompostos, porem o primeiro mais rapidamente. O *feldspar*, o qual he, para assim dizer, o cimento da pedra, forma hum barro fino: a mica, em parte decomposta, mistura-se com este—constituindo area; e o quartzo indecomposto apparece na forma de cascalho, e area de differentes grãos de subtileza.—Logo que se forma a menor porçãõ de terra na superficie de huma rocha, as sementes de *lichens*, musgos, e d'outros vegetaes imperfeitos, (as quaes existem constantemente na atmosfera, e tem repousado na dita terra) principiaõ a vegetar, a sua morte, decomposiçã, e putrefacçã, produzem huma certa quantidade de materia organisavel, que se mistura com as materias terreas da rocha; neste melhorado terreno plantas as mais perfeitas podem entãõ crescer; estas tambem absorbem nutrimento da atmosfera, e d'agoa; e morrendo, augmentaõ o numero dos materiaes ja existentes: a decomposiçã da rocha ainda continua; e a final por estes processos vagarosos, e graduaes forma-se hum terreno, no qual arvores

magestosas podem fixar as suas raizes, e cuja cultura assegura ao lavrador a merecida recompensa dos seus trabalhos. Terrenos estereis, taes como os que trazem sua origem de rochas graniticas, e de pedra arenoza, continuão frequentemente, e por longo tempo a ser apenas cobertos de plantas, cuja vegetação he assaz imperfeita. Terrenos produzidos pela decomposição de pedra calcarea, gredas, e basaltos, são naturalmente cobertos de hum verde perenne e apresentaõ hum terreno excellente para todas as especies de plantas, que quizermos cultivar.

(Continuar-se-ha.)

CORRESPONDENCIA.

RESPOSTA

A Carta sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra.

(Continuada de pag. 80.)

O que tenho dito bastará para que as Pessoas mais infatuadas do methodo Portuguez de ter fabricas, comecem a desconfiar que não he tão grande despropozito, ou desgraça, como diz o A. da Carta, haver quem diga que o Governo, e a Nação Portugueza, em geral, devem occupar-se de remover os obstaculos que impedem a extensão, e prosperidade de sua Agricultura, antes doque esforçar se a ter fabricas, sem remover aquelles obstaculos.

Bastará igualmente para patentear as illuzoens que o A. se formou, e com as quaes induzio em erros notaveis os seus leitores, persuadindo-se, e per-uadindo-lhe que *he* tudo, quanto elle (muito louvavelmente alias) dezeja que *seja*.

Mas eu se promitti ao A. de o deixar em plena liberdade de se esgremir contra o Tratado, não lhe segurei a mesma indulgencia para todas as propoziçoens exaltadas, de que a sua composiçãõ abunda; e o empenho pueril de ter fabricas pelo methodo antigo somente excitaria rizo, se fosse como em outro tempo toda a sua consequencia entrarem por contrabando as fazendas, que deviaõ entrar com lucro para o Governo; perder este os Direitos, e as despezas que faria com as fabricas:—mas agora deve ser exposto ao Soberano, e aos Povos em toda a sua ruindade; por quanto elle foi, senão criado, ao menos muito excitado pelos livrinhos Francezes, a fim de criar hum partido entre nos de descontentes, e ciozos do lucro que fazem os Inglezes com o nosso Commercio; e por tanto serve agora para desviar a attençãõ (se fosse possível) do Soberano, e dos Povos do verdadeiro rumo que a situaçãõ reciproca imperiosamente exige, e volta-la ar-

tificiosamente para lamentações escuzadas contra o Tratado de Commercio, que nos não deixa ter fabricas, como se este fosse o unico remedio que se devia agora dar aos males que nos cauzou a invazão do General Massena; em quanto salta aos olhos de qualquer pessoa hum pouco zelozza, e intelligente, que não se trata agora (como podia pensar-se ha 30 ha 40 e mais annos) de crescer em cultura, em industria, &c. &c. e por consequencia em poder—trata-se de reparar os immensos estragos, que a invazão cauzou á nossa Agricultura, e Povoação antiga—que são taes, a dar-se credito as relações melhores que ha, e que por falta de dados competentes não se podem ainda qualificar de exageradas, que dessa mesquinha povoação, que tinhamos na Europa nos destruirão quasi a terça parte: estragos de que apenas ficará a lembrança para detestar os francezes, em 12 ou 15 annos, se a favor da Lavoura se adoptarem *medidas novas, e decisivas*, e se pozerem sem demora em successiva execução—porque as margens do Tejo, e do Mondego não serão menos privilegiadas, do que as do Pó, e do Rheno, que sendo, ha seculos theatro constante das guerras mais activas da Europa, são os paizes mais cultivados, e povoados do Continente, só porque alli não he opprimida, ou indirectamente impedida a Agricultura como he entre nos.

Que não se desvie a attenção do Soberano, e dos Povos deste alvo indispensavel a attingir para segurar a propria independencia, e quasi a existencia; he o interesse pessoal de cada individuo, de cada fiel vassallo, de cada bom Portuguez que segundo li no seu Jornal a pag. 63. No. XXIX. são *todos os Portuguezes*.

Vmces. tem a gloria de ter sido os primeiros, que demonstrarão o absurdo que se ouvia ate aos primeiros Negociantes de Lisboa, isto he, que o Reino antigamente não produzia pão nos melhores annos para mais de seis mezes, e para tres mezes nos annos de má colheita. J. J. S. de Barros foi o primeiro Author Portuguez que antes de Vmces. se occupou com alguma seriedade deste objecto importantissimo; e não he culpa sua, mas da falta de A. A. que o procedessem, ou antes da cauza, que fez que os não houvesse, se aos seus resultados se não pode dar inteiro credito, pela incerteza, ou escuriedade dos dados em que elle se funda.—Mas a sua Memoria acha-se entre as Economicas da Academia, que desgraçadamente poucas pessoas lem, havendo tantas tão dignas de serem lidas e meditadas, e sendo constante o apreço que dellas fez o Instituto de Paris em tempo em que o Despota ainda lhe conservava alguma liberdade de pensar.

Hum Author moderno teve a lembrança de perguntar o que teria sido a Monarquia Portugueza em maons de Hol-

landezes, (samente direi eu no ponto de vista de Administração Economica; porque em nenhum outro dezejariaõ os Portuguezes a mudança...) E como elle não desenvolveo a sua idea, atrever me hei a faze-lo samente pelo que respeita a Agricultura, a fim de evitar a comparaçãõ.

Se Portugal fosse hum Reino limitado em superficie, como a Hollanda, e que apezar de todo aproveitado, não desse o sustento necessario para os habitantes, estes que por sua muita industria ja se teriaõ lançado a pescadores e navegantes, o primeiro pensamento que teriaõ, seria o de ir buscar em seos proprios navios o que lhes faltasse*.

Se pelo contrario os Portuguezes tornados Hollandezes em industria vissem que o seu paiz não estava ainda todo aproveitado, e que fora d'elle possuiaõ vastissimas previncias, olhavaõ para o mappa do Reino, (ainda que não tivessem outro senaõ o do Hespanhol Lopes, feito sem alguma previa operaçãõ trigonometrica), e observando ao Norte, e ao Sul do Tejo vastos dezertos, exclamariaõ—Não he o nosso Reino taõ pequeno paiz; tanta terra temos ainda por cultivar;—e logo mandavaõ algum dos excellentes Mathematicos, que tem a medir esta extensaõ vazia, para saber se ella era como parece igual a 900 leguas quadradas, quer dizer, quasi a terça parte do Reino—nomeavaõ ao mesmo tempo huma commissãõ de Pessoas douças, e zelozas do Serviço de Deos, e d'El Rey, e davaõ-lhe a incumbencia de vizitar estes immensos tractos incultos, e informar da quantidade delles que era susceptivel de cultura, das cauzas a que se devia attribuir tamanho mal, que remedios se deviaõ dar, que leis, que uzos convinha conservar, ou abolir; que premios, que izençoens se deviaõ offerecer aos novos colonos a quem se vendessem, ou entre os quaes se repartissem as terras incultas.

Supponhamos agora que o resultado desta investigaçãõ Luzo-Hollandeza fosse o mais infelis, e o mais absurdo, que a imaginaçãõ mais preocupada podia conceber, por exemplo,

* Os nossos Portuguezes contentaraõ-se não samente de receber quasi todo o trigo e farinha de que precisavaõ em navios estrangeiros; mas quando se viraõ mais apertados pela carestia do genero, olhando ao effeito, e jamais á cauza, pediraõ em Cortes ao Senhor Rey D. Joaõ IV., que os mantimentos, que viessem de fora fossem izentos de Direitos; e esta lei ficou ate agora em tanto vigor, como se fosse huma das fundamentaes do Reino; e não consta se houve naquellas Cortes hum homem só que se lembrasse de perguntar, se não seria melhor remedio aliviar-se a Agricultura das vexaçoens, que lhe fazem os tributos locaes, as Coutadas, a má ou nenhuma administraçãõ municipal, que tohem a producçãõ, e a circulaçãõ dos generos, 1. Collec. de LL. Extrav. á Ord. Liv. 2. Tit. 6.

que em todas essas 900 leguas quadradas não havia huma pollegada de terra, que não fosse de rocha viva; digamos ainda mais, de vidro, onde nenhuma planta podia germinar. Voltavaõ-se logo os Luzo-Hollandezes para as outras suas possessoens; e topando com as Ilhas Acores, viaõ logo, que essas regorgitavaõ de gente, e de subsistencia, e que o seu sobejo vinha ja para Portugal, mas era hum nada, á vista das precizoens do Reino — Proseguiaõ ate o Brazil; e provada a fertilidade, e a propriedade das Capitania do Rio Grande, de S. Paulo, e Minas Generaes para a sementeira de toda a qualidade de graõ; ha seculos que os Luzo-Hollandezes teriaõ guardado em caza para outros uzos, esses 5—6—7—8 milhoens de cruzados, que annualmente mandavaõ antes para a America do Norte, para o Baltico, para a Mourama, &c. &c. &c.

Observemos agora a serie de raciocinios pela qual elles chegariaõ a este ultimo resultado, na hypothese que o Reino de Portugal fosse declarado incapaz de produzir o sustento que lhe faltava.

Quando o 1. Conselheiro Luzo-Hollandez propozesse que se cultivassem de trigo, &c. &c. as terras do Rio Grande, &c. observaria outro que não havia braços—Lembrava o 3. que se levassem para lá cazaes das Ilhas; mas o 4. faria a objecção que isso era despir hum santo, para vestir outro; que nada se ganhava, se os cazaes fossem levados por força; e que para irem de boa vontade, somente se podia fazer conta com os que sobejassem da cultura das Ilhas—Lembrava o 5. Conselheiro Escravos de Guiné; mas o 6. faria o reparo, que não havia cabedal para os comprar; porque todo quanto existia se applicava para a compra de escravos, que eraõ precizos para a cultura, e fabrico do assucar, do café, &c. &c.: e que tira-los dalli era tambem despir hum santo para vestir outro, no que de certo não havia proveito. Acodia o 7. com a reflexaõ—que nos ja tinhamos assucar, e café de mais; que o Brazil estava a respeito da Sua Patria Mai, e no ponto de vista de extensaõ, e povoação, em razãõ inversa daquella em que estavaõ as Colonias Francezas, e Inglezas; que estas tinhaõ hum mercado certo de 15, e de 25 milhoens de habitantes, em quanto nos apenas podiamos fazer conta com o consumo de 3, logo que Genova, e Hamburgo nos não tomassem o noõso assucar. Que os Senhores de Engenho eraõ ja obrigados a variar a cultura conforme os mercados da Europa se abriaõ, ou se fechavaõ. Que não seria por tanto despir hum santo para vestir outro, applicar parte desses escravos tirados do assucar, e café para as sementeiras do graõ no Rio Grande, &c. &c.—que tinhaõ o mercado certo em Portugal, ao me-

nos ate á quantia de 5, 6, 7, ou 8 milhoens de cruzados, que annualmente sahiao para fora em compras de mantimentos. Embarçados os 7 Conselheiros com as opinioens encontradas, perguntaraõ o seu voto ao 8. e mais velho, que não tinha ainda fallado. Este disse—Nenhum meio violento he bom, ainda que a tenção o seja. Ninguem tem experimentado mais esta verdade do que os Portuguezes—Deixemos aonde estao os escravos, que trabalhao na agricultura do assucar, e café; mas ponhamos huma imposição sobre aquelles que servem somente ao luxo nas cidades, e nas villas; e carreguemos a mão sobre as escravas que vivem solteiras em caza de seos Senhores, e perpetuaõ o seu vicio. Convidemos com izençoens, e premios o infinito numero de mulatos, e negros livres de facto, senao de Direito, que infestao o interior do Brazil, como os Gafanhotos assolavaõ o Egypto.—Sejao estes os primeiros passos para a abolição gradual da escravatura, cuja extincção absoluta deve ser o distante, mas o certo alvo dos nossos esforços.—Façamos ainda mais. Procuremos por todos os meios que a Religião, e a instrucção podem inspirar, procuremos, digo, persuadir aos Brancos que não pode ser coiza vil na America, ainda rude, o trabalho que ennobresse o homem na Europa civilizada. Inculquemos-lhes a sanctidade do matrimonio como huma primeira base da sociedade civil, como o fundamento da grandeza das Naçoens: provemos-lhes com a representação do que se passa diante dos seos olhos continuamente, que a propagação avulsa de especies diferentes he a peor raça do seu Paiz.—A estas verdades palpaveis, não serao os habitantes do Brazil insensiveis, porque elles amao a sua Patria, e dezejao a sua grandeza, o que muitas vezes tem mostrado.

Eu iria por diante com esta fabuloza narraçao, se não tivesse tanta pressa de pedir ao A. da Carta, que escolhendo dos dois resultados da investigação Luzo-Hollandeza aquelle, que lhe parecer mais provavel, isto he, da possibilidade de aproveitar os dezertos de Portugal, ou da necessidade de suprir essa falta com a cultura no Brazil, e suppondo que hum, e outro fossem postos em pratica no anno de 1763, e ate 1777, anno em que morreo o Senhor Rey D. Joze I., seguido com o mesmo ardor com que de facto se seguiu o methodo fabricador, nos dê o balanço dos dois methodos, e aponte de que parte estaria o saldo a beneficio da riqueza, e da grandeza da Nação: nao se pode ser mais liberal.

Eu escolhi hum periodo do maior socego para a Europa, e huma época bem recente.

Qual foi o resultado do methodo fabricador, prova-se pelo

que Vinces, dizem a pag. 722 do seu Vol. 4. a respeito da insignificancia das importações, e exportações reciprocas entre o Brazil, e Portugal; pode-se provar tambem pela certeza que se pode dar, que o valor total das importações de Inglaterra para Portugal nunca diminuiu; e finalmente mais que tudo pelo estado miseravel, e cachetico das provincias do Reino, em quanto as cidades maritimas somente prosperarão com o commercio do Portugal.

Eu supponho que nos principios do A. não serviria de objecção a falta de gente para cultivar os novos terrenos de Portugal naquelle tempo, pois elle bem sabe que então, como agora, andão (se não ha exaggeração no calculo) 30 ou 40,000 homens de mar expatriados do Reino, e das Ilhas, servindo em vasos estrangeiros; que ha 20 ou 30,000 galegos trabalhadores de diversos modos dentro do Reino; hum numero consideravel de vagabundos, e ociozos, e criados inúteis, contra os quaes se não executão as leis antigas; muitos filhos segundos vivendo a lei da nobreza; e por fim 20 mil frades, e freiras, e alguns mil clerigos de mais dos que requer o verdadeiro, e effectivo serviço Divino, entre todos os quaes se acharia hum bom numero de colonos.

He regra fundamental dos modernos economistas, que as leis não devem dar preferencia a hum genero de industria sobre outro. O methodo fabricador forçado á maneira de Portugal, e de outros paizes que lhe derao o máo exemplo, he claramente contrario á Agricultura.—O methodo agricultor he indirectamente o maior auxilio da industria fabricadora, pelas grandes facilidades que tras consigo—abertura de estradas, de canaes, e de Rios, indispensaveis para a circulação dos generos, pela barateza dos meios de subsistencia, e de transporte que huma lavoira florente subministra aos fabricantes sem privilegios exclusivos, sem embargos, e sem Juizes Conservadores.

Eu tenho-me alargado mais nesta discussão, porque este me parece o erro principal do A. e da maior parte dos Portuguezes, que pensão que para ter fabricas, basta quere-las ter, e que excitados sem o perceber pelos ciumes, que os Francezes lhes inspiraõ dos Inglezes, imaginaõ, que em querendo podem logo ser tão destros, e tão ricos fabricantes, como os Inglezes.

Quem tem estudado a historia dos dois Reinos de duzentos annos a esta parte, sabe mui bem porque não ha fabricas em Portugal, e porque a industria tem feito tantos progressos em Inglaterra.—Corra-se a historia moderna, e ver-se-ha que as Sciencias, e as Artes tem ido de par; e não se achara exemplo de huma Nação industrioza aonde a instrucção publica tenha sido tão reprimida, como foi, com poucas ex-

cepçoens em Portugal desde o fim do seculo decimo sexto até o reinado do Senhor D. Jose I. E levando a indagação mais adiante, achar-se-ha que em nenhum pais da Europa floreceraõ juntamente Inquizição, e Fabricas: pois se alguem allegar em contrario o exemplo de Roma, aonde as Bellas Artes ao menos estavaõ no maior auge—respondo que Roma, a Séde da Nossa Santa Religiaõ, tolerava os Judeos vivendo com suas leis, e ritos livremente; e não so não permittio, que a Inquizição fizesse nelles fachina por dois seculos a fio, como succedeo em Portugal; mas antes quiz, e procurou muito conseguir que os Judeos em Portugal fossem tratados como em Roma; e foraõ os nossos proprios Portuguezes que defenderaõ a Inquizição contra a Corte de Roma; vindo assim a mostrar que eraõ mais zelozos da conservação da nossa Santa Fé, e da pureza da nossa Religiaõ, do que o mesmo Santo Padre—*Proh dolor!!!* Vimos Marquez contra Marquez, Conde contra Conde; Frade contra Frade; o Dezembargador, o letrado, o plebeo, intrigando na Corte de Roma, huns contra, outros a favor da Inquizição. Lea-se o Testamento Politico do grande D. Luis da Cunha. *Proh dolor!!!* digo, e respeito eu.—

Agora a consequencia mais notavel, que eu daqui tiro he que nesse mesmo Tratado de que o A. da Carta se queixa tanto, como taõ contrario as nossas fabricas (se he exacta a discussaõ historica acima exposta) deu S. A. R. o maior passo que ate agora se tem dado em Portugal para excitar a industria, quando solememente prometteo e annunciou ás Naçoens Estrangeiras, que jamais haveria Inquizição no Brazil, convertendo assim em Direito Publico huma Resolução de Direito Patrio, a fim de tirar toda a duvida, que não se renovarã o exemplo de Goa, aonde a Inquizição tem sido duas vezes estabelecida, e duas vezes abolida.

Parece por tanto mais que demonstrado, que ate que chegue a felis epoca em que os verdadeiros principios de Administração Interna sejaõ não somente bem entendidos pelos Ministros de Estado, mas tambem entendidos, e dezejjados por todos os vassallos, de sorte que tornados em axiomas cesse o spectaculo escandalozo, e derrizorio que apresenta a nossa historia interna de setenta annos a esta parte; isto he, huma mudança continua de modo de pensar e obrar, e hum unico fim em todo o individuo, o de destruir o que o outro fez, de modo que ninguem tenha o merito de conseguir as reformas de todo o genero, que a Monarquia necessita para se segurar: ate, digo, que chegue esta feliz epoca, não só por obrigaçã de Tratado, mas ate por especulacão do Governo seria conveniente a experiencia do me-

thodo de deixar entrar, pagando hum modico direito, as fazendas, cujo consumo não se pode prohibir, antes do que tolerar-se hum escandalozo, e escancarado contrabando, com o pretexto de sustentar fabricas insustentaveis, em quanto se lhe nega o indispensavel auxilio de huma boa lavoura.

Concluo pois—se a *desgraça, ou erro de que o A. se lastima fosse mais geral terião as nossas fabricas prosperado mais.*

Quando o A. se queixa que na sua propria Patria se trataõ os Negociantes Nacionaes como Enteados, e não como Filhos, a imitação do que faz a Inglaterra—que se ponhão Direitos modicos sobre os Estrangeiros, em quanto se carregava de Direitos hum Imperio Nascente—que se emponha aos nossos Navios a obrigação de trazer Capellam, e Cirurgiam, o que augmenta tanto a sua despeza em comparação com os Navios Estrangeiros, e serve quazi somente para desasocego do Capitaõ, contra o qual, o Piloto, o Cirurgião e o Capellam vem sempre intrigando—mostra que tem reflectido sobre as cauzas da nossa inferioridade em Commercio, e em industria de todo o genero; e deve ter a boa fé de confessar que nem estes erros se devem ao Tratado, nem são produzidos por elle:—são muito antigos; e em quanto não forem removidos, com tantos outros obstaculos que a industria soffre, debalde se procurara ter fabricas, Agricultura, Povoação, poder, e o que estas dão—*Independencia Nacional.*

Lea os antigos Tratados de Portugal, e hade achar, que elles são mais hum Aranzel de privilegios para os Estrangeiros, do que hum Contracto Bilateral entre duas Nações independentes. Em nenhum delles achara feita menção de subditos Portuguezes em Inglaterra: esta hypothese parece que se considerou como abstracta, ou Chimerica: os mais simples principios de Direito das Gentes, que se costumão commemorar em todos os Tratados a favor dos subditos da outra Potencia, que se acharem em Paiz Estrangeiro, foraõ constantemente omittidos; de sorte que hum Portuguez poderia ter sido alistado para a Milicia, para o Exercito de mar, e terra, sujeito a quaesquer tributos, ou vexações, sem que pudesse allegar em seu favor a confirmação do Direito das Gentes por hum artigo do Direito Publico da sua Nação;—e se o A. sustenta (bem ou mal) que a reciprocidade promettida foi illudida pelas palavras da estipulação no ultimo Tratado, deve confessar, que nos antigos Tratados nem sequer promettida foi.—

Admitta-se ainda mais com o A. da Carta que a Inglaterra nunca de facto concederá a reciprocidade promettida

(o que eu estou bem longe de admitir); maior será o beneficio que rezultara deste Tratado do que ninguem esperava; porque essa consequencia provará que não se deve fazer tratado algum; porque todos serãõ illuzorios. O A. admite de certo esta consequencia; mas eu dezejo leva-lo ao dilema seguinte—Nesse Cazo, (dado, e não concedido) e antes que seja chegada a epoca feliz de que fallei, da coincidencia geral dos Portuguezes nos mesmos principios de Administração Interna, qual dos dois methodos acha elle peor—hum como o presente em que temos direitos pelo Tratado, que reclamamos com certa, ou incerta esperanza de os realizar, ou o outro que ja se hia realizando, que os estrangeiros gozem de facto de todos os privilegios de hum Tratado, sem se obrigar a conceder aos nossos Negociantes, e Navios couza alguma? — e que tal era a situação das couzas antes do Tratado facilmente se provara aquem ja o não souber.

Exceptue-se a reduçãõ dos Direitos de Alfandega de 24 a 15 por cento, não ha hum Direito promettido pelo Tratado, que não estivesse ja gratuitamente concedido: e o que he mais, não somente aos Inglezes a quem podia ser considerado, como acto de agradecimento: não—aos Americanos se offerecerãõ quasi os mesmos; e se mais estrangeiros houvesse, ou Naçoens em amizade, a mais terião sido gratuitamente concedidos.—Se os Americanos não tem hum Juiz Conservador no Brazil, este eterno escandalo da nossa Jurisprudencia, he porque o não querem. Os Americanos gozaõ dos mesmos favores para os seos Navios, que gozaõ os nossos; em quanto elles carregãõ de Direitos de tonellada, e outros, os nossos que vãõ aos seos Portos.

Quando o A. aconselha que se ponha hum Direito de tonellada, &c., sobre os navios Inglezes igual ao que os nossos pagãõ em Inglaterra, podera ter razãõ: Sua Alteza Real tem o direito de o fazer com tanto que seja igual para os navios Inglezes, e Portuguezes, se as Alfandegas Inglezas restituirem com lealdade o excesso que ate agora pagavaõ os nossos Navios; isto he, com tanto que o Ajuste dos Commissarios Portuguezes, e Inglezes seja lealmente executado:—mas não tendo S. A. R. Tratado algum com os Americanos principalmente a respeito do Brazil; nem com outra alguma Nação, quem o impede de conceder aos nossos Navios a respeito dos Americanos, e de outras Naçoens com quem ao depois haverã de tratar, taes vantagens que elles sejaõ obrigados a conceder-nos muito para relaxamos alguma couza do nosso rigor?—Quero dizer—quem impede S. A. R. de fazer pagar aos Americanos, e a todas as outras Naçoens com quem não tem ainda tratado

a respeito do Brazil, iguaes direitos sobre os seus Navios, que la vaõ, aos que elles fazem pagar aos nossos por tonnellada, vizitas, faroes, &c., tendo cuidado de izentar os nossos, e conserva-los a par dos Inglezes, na hypothese acima do ajuste dos Commissarios ser lealmente executado.

Em vez do que observo com magoa, que nenhum corpo de commercio nem no Brazil, nem em Portugal representou humildemente a S. A. R. que o imposto annual de 12,800 por cada Navio de 3 mastros, e de 9,600 por cada embarcação de dois mastros—e 6,400 por cada huma de hum mastro, e de barra a fora, determinados no Alvará de 20 de Outubro de 1812 não pode ser objecto de rendimento algum, em quanto a Marinha Portugueza que navega para Portugal, e para os Paizes Estrangeiros se vai anniquillando, ou pelos favores concedidos aos Estrangeiros, ou pela desigualdade com que elles trataõ os nossos—e que este tributo pequeno para render, pode com tudo pezar assaz para desanimar mais a nossa Marinha mercante.

Tambem confessara o A. da Carta, que não he ao Tratado que se deve o principio de por tributos sobre a classe miuda, e productora. Este he o defeito de toda a nossa legislação fiscal desde o principio da Monarquia; e observo com a mesma magoa, que nenhuma Corporação de Commercio representasse humildemente a S. A. R. que o Direito de 4,800 por embarcação de menor lote, he contrario á industria da Classe productora, e pouco pode render, em quanto combinada com a de 6,400 sobre as embarcaçoens de hum mastro, tende a fazer passar a navegação que fazião as nossas Sumacas costa a costa, para os Navios Estrangeiros, os quaes com o pretexto de descarregar em dois Portos, fazem de facto o Commercio de Porto o Porto.

Eu perguntarei ao A. da Carta porque senão tem feito, e porque senão fazem estas representações? Tem por ventura os Negociantes medo que S. A. R. não receba os seus requerimentos, ou não attenda a elles?—Pode-se fazer maior injustiça do que essa ao character Pio, Justo, e Beneficio do Soberano?—Certo que o requerimento de hum só Negociante pode, e deve ás vezes parecer suspeito; mas quando os Negociantes todos de huma Praça respeitosa, e publicamente representarem, o Soberano os attendeo, e attendera sempre—E de que outro modo pode elle ser instruido dos factos, e conhecer a verdade? Nascem por ventura os Reys ensinados?—Aonde podem aprender os Ministros de Estado noçoens de Commercio Portuguez, elles que não tem na propria lingua nem sequer hum bom livro de Geografia do seu paiz? Do Brazil não ha nem pequeno nem grande. Alem disso as circumstancias mudaõ todos os